

# **A Colecção no Espaço: a nova apresentação da colecção de arte moderna e contemporânea da FCG**

**André Filipe Lopes Mares**

**Relatório  
de Estágio de Mestrado em Museologia**

**Setembro de 2019**

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Museologia realizado sob a orientação científica da Professora Raquel Henriques da Silva e co-orientação da curadora Ana Vasconcelos.



## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, gostaria de apresentar os meus agradecimentos à Professora Doutora Raquel Henriques da Silva pela orientação científica deste relatório de estágio, por toda a disponibilidade que demonstrou e seus contributos que enriqueceram este trabalho. Gostaria também de expressar os meus sinceros agradecimentos à Dra. Ana Vasconcelos por toda a orientação dada e pelo seu contributo para que esta experiência fosse extremamente edificante.

Uma palavra especial a todos aqueles que colaboram no Museu Calouste Gulbenkian e com os quais privei, não só durante o estágio, mas também a nível profissional.

Finalmente, à minha família por todo o apoio demonstrado.

## **A Colecção no Espaço: a nova apresentação da colecção de arte moderna e contemporânea da FCG**

André Filipe Lopes Mares

### **RESUMO**

Ao longo dos seus trinta e seis anos de existência, o Centro de Arte Moderna, agora Museu Calouste Gulbenkian – Coleção Moderna, conheceu diversas abordagens na utilização dos seus espaços expositivos, ora dando maior atenção à exposição da sua colecção de arte moderna e contemporânea, uma das mais importantes no país, ora centrando mais a atenção numa programação de exposições temporárias.

À actual directora, Penelope Curtis, em funções desde 2015, coube a tarefa de operar uma reestruturação dos dois museus tutelados pela Fundação Calouste Gulbenkian, operando a fusão dos dois, e também a necessidade, incutida pela Administração da FCG, de implementar uma nova exposição permanente com obras da colecção de arte moderna e contemporânea da FCG. Esta nova mostra da colecção permanente foi feita, em três momentos distintos, através da exposição «Portugal em Flagrante», designação essa que foi, entretanto, deixada de parte. De forma a colocar um número mais vasto de obras em exposição e de criar novas leituras da colecção, suscitando também o interesse do visitante em retornar ao espaço da Coleção Moderna, são feitas renovações periódicas de partes da mostra.

O estágio curricular, realizado no âmbito da componente não lectiva do Mestrado de Museologia, teve como tema central a renovação expositiva realizada entre Março e Maio de 2019.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fundação Calouste Gulbenkian; Centro de Arte Moderna; Coleção Moderna; colecção de arte moderna e contemporânea; exposições da colecção permanente

## ABSTRACT

Throughout its thirty-six years of existence, the Modern Art Centre, now designated as Calouste Gulbenkian Museum - Modern Collection, has come across a variety of approaches to the use of its exhibition spaces, sometimes paying more attention to the exhibition of its collection of modern and contemporary art, one of the most important in the country, other times paying more attention to a program of temporary exhibitions.

The current director, Penelope Curtis, who has been in charge since 2015, was tasked to restructure the two museums under the Calouste Gulbenkian Foundation, merging the two, as well as the need, instigated by FCG Management, to implement a new permanent exhibition with works from FCG's collection of modern and contemporary art. This new exhibition of the permanent collection was made, at three different times, through the exhibition «Portugal em Flagrante», a designation that was, however, left out. In order to put a larger number of art pieces on display and to create new readings of the collection, also arousing the visitor's interest in returning to the Modern Collection, periodic renovations of parts of the exhibition are made.

The curricular internship, carried out under the non-teaching component of the Master of Museology, had as its central theme the expository renewal held between March and May 2019.

**KEYWORDS:** Calouste Gulbenkian Foundation; Modern Art Centre; Modern Collection; modern and contemporary art collection; permanent collection exhibitions

## Índice

<b>Introdução .....</b>	<b>10</b>
<b>Capítulo 1: Caracterização da instituição.....</b>	<b>12</b>
Fundação Calouste Gulbenkian .....	12
Museu Calouste Gulbenkian .....	13
A colecção de arte moderna e contemporânea da FCG .....	15
O Centro de Arte Moderna .....	20
A reprogramação museológica do Museu Calouste Gulbenkian .....	24
<b>Capítulo 2: Modos de Expor.....</b>	<b>26</b>
Segunda metade do século XVIII e século XIX: o Museu do Louvre e o Museu Britânico .....	26
Primeiras décadas do século XX: o caso dos museus de Berlim.....	28
Entre os anos 20 e os anos 60: o caso do MoMA .....	30
Segunda metade do século XX: o caso do Centro Georges Pompidou .....	32
O Pós-Pompidou .....	34
<b>Capítulo 3: As exposições da colecção permanente no CAM, 1983-2016.....</b>	<b>38</b>
Julho de 1983 – Março de 1985.....	38
Julho 1985 – Junho 1989 .....	39
Outubro de 1989 – Dezembro de 1990 .....	42
Fevereiro de 1991 – Abril de 1994.....	44
Maio de 1994 – Maio de 1997 .....	46
Junho de 1997 – Outubro de 2000 .....	47
Abril de 2001 – Junho de 2006 .....	49
Julho de 2006 – Janeiro de 2009 .....	51
2009 - 2016 .....	55
<b>Capítulo 4: A nova apresentação da colecção de arte moderna e contemporânea da FCG .....</b>	<b>57</b>
Portugal em Flagrante: Operação 1, 2 e 3 .....	57
Renovações expositivas da Colecção Moderna.....	60
Renovação Outono de 2018 .....	61
Renovação Primavera de 2019 .....	62
Visitantes.....	66

Outros casos no panorama português .....	67
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>71</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>75</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>84</b>



## Índice de Figuras

<b>Figura 1: Vista da primeira montagem do CAM (1983-1985), piso superior .....</b>	<b>39</b>
<b>Figura 2: Planta da exposição, 1985-89.....</b>	<b>41</b>
<b>Figura 3: Vista da nave (montagem 1985-1989) .....</b>	<b>42</b>
<b>Figura 4: Vista da nave (montagem 1989-1990) .....</b>	<b>43</b>
<b>Figura 5: Vista da exposição «Arte Britânica Moderna do acervo do CAM» .....</b>	<b>45</b>
<b>Figura 6: Vista da nave (montagem 1991-1994) .....</b>	<b>45</b>
<b>Figura 7: Vista da nave (montagem 1994-1997) .....</b>	<b>47</b>
<b>Figura 8: Vista do piso inferior (montagem 1997-2000).....</b>	<b>48</b>
<b>Figura 9: Vista do piso inferior (montagem 1997-2000).....</b>	<b>49</b>
<b>Figura 10: Vista do piso inferior (montagem 2001-2006).....</b>	<b>50</b>
<b>Figura 11: Vista da nave (montagem 2001-2006) .....</b>	<b>51</b>
<b>Figura 12: Vista do piso inferior (montagem Setembro 2007-Maio 2008) .....</b>	<b>52</b>
<b>Figura 13: Vista do piso superior (montagem Setembro 2007-Maio 2008) .....</b>	<b>53</b>
<b>Figura 14: Vista do piso inferior (montagem Julho 2008-Janeiro 2009) .....</b>	<b>54</b>
<b>Figura 15: Vista do piso superior (montagem Julho 2008-Janeiro 2009) .....</b>	<b>54</b>

## **Lista de Siglas e Abreviaturas**

CAM – Centro de Arte Moderna

CAMJAP – Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão

FCG – Fundação Calouste Gulbenkian

FLAD – Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento

MCG – Museu Calouste Gulbenkian

MNAC – Museu Nacional de Arte Contemporânea

MoMA – Museum of Modern Art

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

SNBA – Sociedade Nacional de Belas-Artes

## Introdução

O presente relatório de estágio destina-se à obtenção do grau de Mestre e enquadra-se na realização da componente não lectiva do Mestrado em Museologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. O estágio curricular foi realizado no Museu Calouste Gulbenkian – Coleção Moderna, contando com a orientação da Professora Doutora Raquel Henriques da Silva e co-orientação da curadora Ana Vasconcelos. Este teve uma carga horária total de 800 horas e decorreu entre 8 de Outubro de 2018 e 12 de Abril de 2019.

O estágio inseriu-se na área de curadoria e gestão de colecção, e teve como tema central a nova exposição permanente do MCG - Coleção Moderna. Entre Julho de 2016 e Março de 2017 foi sendo progressivamente instalada, em três momentos distintos, uma exposição semipermanente com obras da colecção de arte moderna e contemporânea da Fundação Calouste Gulbenkian, alterando o paradigma vigente nos últimos anos, que privilegiava a realização de exposições temporárias. Desde 2017, de modo a dinamizar a exposição e a incentivar o retorno do visitante ao museu, são realizadas renovações periódicas do espaço expositivo. A componente prática deste estágio incidiu principalmente na renovação expositiva realizada entre Março e Maio de 2019.

Este relatório encontra-se estruturado em quatro capítulos. O primeiro faz uma caracterização da instituição em que foi realizado o estágio, abordando a Fundação Calouste Gulbenkian, o Museu Calouste Gulbenkian, a colecção de arte moderna e contemporânea da FCG e o edifício que a alberga, aquando da sua abertura designado como Centro de Arte Moderna, e, por último, as linhas gerais da reestruturação do museu, delineada pelo Conselho de Administração da FCG, para o concurso de escolha do sucessor de João Castel-Branco Pereira no MCG.

No segundo capítulo, olhando para um contexto global e histórico do museu, são referidos alguns casos que apresentaram novas soluções para o modo de expor as colecções, como para a renovação do próprio conceito de museu, num percurso que se inicia ainda no século XVIII e vai até aos dias de hoje, através da referência a casos específicos de museus e de curadores. Para elaborar esta síntese recorre-se

essencialmente à obra de Karsten Schubert, *The Curator's Egg: The Evolution of the Museum Concept from the French Revolution to the Present Day*.

O terceiro capítulo sistematiza as diferentes formas de apresentação da colecção de arte da FCG, nas galerias do edifício do antigo CAM, entre 1983 e 2016, culminando, no quarto capítulo, com uma análise da nova exposição da colecção permanente. A transição foi feita através da exposição «Portugal em Flagrante», à qual se sucederam várias renovações parciais da exposição. Este trabalho acerca-se somente das renovações realizadas durante o período do estágio. Também se analisa dados relativos ao número de visitantes, como um indicador quantificador do sucesso desta exposição, e faz-se, por último, uma comparação com os modelos apresentados pelas principais instituições museológicas portuguesas vocacionadas para a conservação e exposição de arte moderna e contemporânea.

O presente relatório não adopta o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

## Capítulo 1: Caracterização da instituição

### **Fundação Calouste Gulbenkian**

A Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) foi criada em 1956<sup>1</sup>, no seguimento da vontade expressa em testamento por Calouste Sarkis Gulbenkian (1869-1955)<sup>2</sup> de criar uma Fundação com o seu nome, portuguesa e de carácter perpétuo,<sup>3</sup> à qual legaria parte apreciável da sua fortuna e a totalidade das colecções de arte. Tal como ficou delineado em testamento, a FCG desenvolve actividade nas áreas das artes, ciência, educação e beneficência, tanto a partir da sua sede, em Lisboa, como das suas duas delegações, em Paris e Londres. Apesar de ser uma instituição privada portuguesa, o seu raio de acção é global, com principal incidência nos países ligados à vida do seu fundador e aos PALOP.

A FCG tem como principais actividades directas as de conservar e divulgar a colecção de arte legada pelo seu fundador e a colecção de arte moderna e contemporânea que tem vindo a constituir ao longo dos anos, através do Museu Calouste Gulbenkian (MCG); realizar exposições temporárias; conservar e divulgar fundos documentais especializados em artes visuais e arquitectura e conservar o património documental da Fundação, através da Biblioteca de Arte e Arquivos; desenvolver actividade editorial; através do departamento Música Gulbenkian, suportar o Coro e a Orquestra Gulbenkian, assim como dar palco a outros nomes da música mundial; conservar e

---

<sup>1</sup> Instituída pelo Decreto-Lei nº 40.690 de 18 de Julho de 1956, que aprovou os seus estatutos.

<sup>2</sup> Nascido em Scutari, actual distrito de Üsküdar na província de Istambul, Turquia, no seio de uma abastada família arménia, Calouste Gulbenkian foi um hábil negociador, que fez fortuna com a emergente indústria petrolífera, tornando-se num dos homens mais ricos do mundo. Ficou conhecido como o “Senhor Cinco por Cento”, fruto da cota de acções com que ficou após a reestruturação da Turkish Petroleum Company, em vésperas do eclodir da Primeira Guerra Mundial, posição que manteve mesmo após o acordo de divisão da companhia, em 1928.

A 10 de Abril de 1942, em plena Segunda Grande Guerra, chega a Lisboa, vindo de Vichy, e instala-se no luxuoso Hotel Aviz, onde permaneceu até à data da sua morte, a 20 de Julho de 1955.

De destacar a biografia “O homem mais rico do mundo. As muitas vidas de Calouste Gulbenkian”, da autoria de Jonathan Conlin, lançada em 2019 no âmbito das comemorações do 150º aniversário do nascimento de C. Gulbenkian.

<sup>3</sup> Tal só fica estabelecido no seu segundo e definitivo testamento, de 18 de Junho de 1953.

manter aberto a todos os cidadãos o Jardim Gulbenkian<sup>4</sup>; e, por último, impulsionar a investigação científica, através do Instituto Gulbenkian de Ciência<sup>5</sup>.

Criada ainda sob o regime Salazarista, a FCG foi nesse período uma das raras instituições em Portugal a contrariar os valores ultraconservadores do regime. Ao intervir em áreas sociais e culturais negligenciadas pelo Estado Novo, a FCG desempenhou, por esses anos, o crucial papel de “alter-Estado”<sup>6</sup>.

### **Museu Calouste Gulbenkian**

Tutelado pela FCG, o MCG apresenta em dois edifícios distintos, localizados no seu parque, as suas duas colecções de arte. No MCG – Coleção do Fundador é apresentada a colecção reunida em vida por Calouste Gulbenkian, e por este legada à Fundação. A colecção é constituída por 6440 peças, de natureza ecléctica e que abrangem um arco temporal que vai desde o Antigo Egipto até inícios do século XX. O facto de ser reconhecida como uma das mais notáveis colecções privadas do mundo reflecte bem os critérios de excelência e selectividade pelos quais Gulbenkian se pautou na sua constituição. O próprio afirmou que “only the best is good enough for me”.<sup>7</sup>

Deste vasto acervo estão em exposição cerca de mil peças no edifício erigido para cumprir a vontade do fundador, em manter a colecção indivisa sob um mesmo tecto<sup>8</sup>. Do concurso lançado pela FCG, restrito a três equipas de arquitectos, para a construção do seu Museu e Sede, foi seleccionado o projecto da autoria do trio de arquitectos portugueses Ruy Jervis d’Athouguia (1917-2006), Pedro Cid (1925-1983) e Alberto Pessoa (1919-1985). Inaugurado em 1969, o complexo procurava responder à premissa

---

<sup>4</sup> Projecto com a autoria dos arquitectos paisagistas António Viana Barreto (1924-2012) e Gonçalo Ribeiro Telles (1922-).

<sup>5</sup> Informação retirada do site da FCG, disponível em: <https://gulbenkian.pt/fundacao/o-que-somos/> [Consult. 3 de Dezembro de 2018]

<sup>6</sup> GRANDE, 2014, p.19. In **30 anos / years Centro de Arte Moderna Fundação Calouste Gulbenkian**.

<sup>7</sup> C. Gulbenkian citado por Emílio Rui Vilar. In **Fundação Calouste Gulbenkian, Cinquenta anos 1956-2006, Vol.1**, p.8

<sup>8</sup> Acerca da exposição permanente do MCG – Coleção do Fundador, importa referir a tese de doutoramento de Sofia Lapa, *40 anos em exposição permanente no Museu Calouste Gulbenkian. Contributos para uma Crítica do Objeto Museológico*. Tese de doutoramento em História da Arte, especialização Museologia e Património Artístico, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa em 2015.

estabelecida pelo Presidente da Fundação, José de Azeredo Perdigão (1896-1993)<sup>9</sup>, de que este deveria representar “uma perpétua homenagem à memória de C. Gulbenkian, em cujas linhas se adivinhassem os traços fundamentais do seu carácter – espiritualidade concentrada, força criadora e simplicidade de vida.”<sup>10</sup> O conjunto final espelha de forma exemplar as características do fundador, na procura pela excelência e atenção ao detalhe, tal como este fizera com a sua colecção, mas simultaneamente assente numa enorme sobriedade; e na indissociável relação entre a arquitectura e a natureza, que foi uma das grandes paixões de C. Gulbenkian. É sem dúvida, um dos expoentes máximos da arquitectura modernista portuguesa,<sup>11</sup> e que colocou a cultura arquitectónica portuguesa em contexto internacional.<sup>12</sup>

No agora denominado MCG – Coleção Moderna é apresentada a colecção de arte moderna e contemporânea que tem vindo a ser constituída desde pouco tempo após a instituição da Fundação. Ao contrário da colecção Gulbenkian, esta encontra-se em contínua expansão, tendo como principal foco de incorporações a produção artística nacional do século XX e XXI. O acervo conta já com mais de onze mil obras inventariadas e é conservado e apresentado no edifício inaugurado em 1983, na sua génese designado como Centro de Arte Moderna (CAM).<sup>13</sup>

O MCG tem como missão “preservar e melhorar as suas Coleções – ao nível dos cuidados, da pesquisa e do uso – e torná-las mais acessíveis a um público mais vasto.”<sup>14</sup> No actual momento, tem como principal objectivo o de “estabelecer pontes de diálogo entre as Coleções, os artistas e um público cada vez mais diversificado”<sup>15</sup>, havendo também a preocupação de dar uma atenção especial “à relação entre o Oriente e o

---

<sup>9</sup> Advogado de Calouste Gulbenkian durante o período em que este viveu em Lisboa. Foi nomeado por C. Gulbenkian como um dos seus executores testamentários e *trustees*. Foi o 1º presidente da FCG, cargo que desempenhou até ao seu falecimento, em 1993.

<sup>10</sup> Relatório do Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1961, p.195. citado por TOSTÕES, 2006, p.192

<sup>11</sup> O edifício foi distinguido com o prémio Valmor, em 1975, e é classificado como Monumento Nacional desde 2010. Actualmente encontra-se na lista indicativa para património mundial da UNESCO.

<sup>12</sup> Acerca do primeiro complexo de edifícios da FCG, importa referir o trabalho de investigação realizado por Ana Tostões. Da vasta bibliografia disponível, de referir o importante livro *Fundação Calouste Gulbenkian: os edifícios*, publicado por ocasião do 50º aniversário da Fundação.

<sup>13</sup> Entre 1993 e 2009 passa a denominar-se como Centro de Arte Moderna José Azeredo Perdigão (CAMJAP), em homenagem a Azeredo Perdigão, o grande impulsionador deste projecto. Entre 2009 e 2015 volta a ser designado por CAM.

<sup>14</sup> Relatório e Contas, 2017, p.40

<sup>15</sup> Relatório e Contas, 2017, p.40

Ocidente e às formas através das quais podemos desenvolver a Coleção Moderna, para que ela transmita cada vez mais plenamente as possibilidades que a arte tem de espelhar a sociedade.”<sup>16</sup>

### **A colecção de arte moderna e contemporânea da FCG**

Tendo como missão estatutária o apoio às artes, a FCG, logo desde a sua instituição, procurou propiciar condições para a criação e divulgação artística. Estes apoios manifestaram-se através da atribuição de bolsas de estudo a jovens artistas, no país e maioritariamente para o estrangeiro, assim como, em apoios para a manutenção dos seus ateliers. No âmbito da divulgação, a FCG envolveu-se na organização de exposições, cursos, colóquios e desenvolveu uma importante actividade editorial. Estes apoios, apesar de terem tido um maior foco no panorama português, estenderam-se também a outros países, como, por exemplo, o Reino Unido<sup>17</sup> e, em breve período, ao Iraque.

A aquisição de obras a artistas surgiu também como mais uma medida de apoio, sendo, na altura, negadas quaisquer intenções de se constituir uma colecção (Oliveira, 2013, p.139).<sup>18</sup> Apesar de não ter sido uma medida consensual no seio do Conselho de Administração da Fundação<sup>19</sup>, a intenção materializou-se nas primeiras aquisições realizadas na *I Exposição de Artes Plásticas*, organizada pela FCG em Dezembro de 1957, na Sociedade Nacional de Belas-Artes (SNBA).<sup>20</sup> Organizada um ano após a criação da

---

<sup>16</sup> Relatório e Contas, 2017, p.40

<sup>17</sup> Acerca da actividade desenvolvida pela FCG no Reino Unido, ver tese de Leonor Oliveira, *Fundação Calouste Gulbenkian: estratégias de apoio e internacionalização da arte portuguesa 1957-1969*. Tese de Doutoramento em História da Arte, especialidade Museologia e Património Artístico, 2013

<sup>18</sup> Contudo, décadas mais tarde, pela altura da abertura do CAM, Azeredo Perdigão confessaria que logo que criada a Fundação, foi suscitada, entre os seus responsáveis, a ideia de se criar um Museu de Arte Moderna com um Centro de Informação e de Investigação anexado, sendo, por isso, a incorporação de obras também realizada com esse fim em vista.

<sup>19</sup> A proposta de aquisição de obras a artistas portugueses foi lançada por Azeredo Perdigão pouco meses após a constituição da Fundação, sendo determinado, em Março de 1957, pelo Conselho de Administração, que estas aquisições seriam no âmbito de auxílio a artistas contemporâneos, através de um fundo especial para o efeito criado, que serviria para aquisição, em exposições públicas, de até 12 obras de arte plásticas em cada ano. Este número, contudo, foi largamente superado ao longo dos anos.

<sup>20</sup> Realizaram-se mais duas exposições deste género, organizadas pela FCG: a *II Exposição de Artes Plásticas*, realizada em 1961 nas instalações da Feira Internacional de Lisboa e a *III Exposição de Artes Plásticas*, realizada em 1986 nos espaços expositivos da Fundação.



FCG<sup>21</sup>, a primeira exposição procurava “proporcionar [...] uma visão panorâmica do estado actual das artes plásticas em Portugal, constituindo, assim, um verdadeiro inquérito destinado a esclarecer certos problemas.”<sup>22</sup> A exposição foi amplamente concorrida<sup>23</sup>, com os artistas a serem movidos principalmente pela promessa de atribuição de prémios, de bolsas e da possível aquisição de obras. O facto de o júri de selecção ter preocupações de ampla representatividade, originou a selecção de um conjunto eclético de obras, onde era possível observar “um confronto de tendências e também de gerações – abstractos, figurativos, modernos e naturalistas” (Oliveira, 2013, p.77). No total foram adquiridas 17 obras de 17 diferentes artistas, que revelavam um compromisso de apoiar a arte moderna, ainda que as escolhas se encontrassem “dentro de um modernismo «compreensível» e popular” (Oliveira, 2013, p.144). Predominou a opção pelos artistas já consagrados<sup>24</sup>, ficando os jovens artistas representados em menor número.<sup>25</sup>

A política de bolsas atribuídas privilegiou claramente os artistas em início de carreira e comprometidos com a contemporaneidade, ao contrário da ambiguidade manifestada na selecção de obras e no conservadorismo da atribuição de prémios<sup>26</sup>. Apesar de não haver um compromisso *a priori* por parte da FCG, através do seu Serviço de Belas-Artes, em adquirir obras a esses bolseiros, a verdade é que foi uma prática corrente a aquisição de obras, quando estes realizavam exposições, durante ou no final da vigência das bolsas.<sup>27</sup>

Há também que destacar, por esses anos, a actividade desenvolvida pela FCG, através da sua delegação no Reino Unido, no apoio aos artistas britânicos, que acabou por

---

<sup>21</sup> Mais do que um evento artístico, a exposição “visava a promoção da FCG e a criação de uma imagem própria” (OLIVEIRA, 2013, p.13) Não esquecer que esta foi uma das primeiras manifestações públicas da FCG.

<sup>22</sup> Palavras de Azeredo Perdigão na introdução do catálogo da exposição, citado por Oliveira, 2013, p.73

<sup>23</sup> Foram submetidas 2 353 obras de 551 artistas. Destas foram seleccionadas 225 obras de 148 participantes.

<sup>24</sup> Emmérico Nunes, Lagoa Henriques, Álvaro de Brée, Manuel Bentes, António Duarte, Mily Possoz, Marcelino Vespeira, Mário de Oliveira, etc.

<sup>25</sup> António Areal, Rui Filipe, Maria Eugénia de Noronha, Nuno de Siqueira, Fernando Fernandes, Gastão Seixas.

<sup>26</sup> Foram na sua maioria bolsas externas, em maior número para Paris, e também Londres.

<sup>27</sup> SILVA, 2014, p.120. In **30 anos / years Centro de Arte Moderna Fundação Calouste Gulbenkian.**

De referir a exposição do grupo KWY, em 1960 na SNBA, constituído por bolseiros e ex-bolseiros, em que foi adquirida uma obra a cada um dos expositores.

resultar, tal como no caso português, na constituição de um núcleo de arte contemporânea britânica. Contudo, ao contrário do que sucedia com as aquisições realizadas a artistas portugueses, que se revelava pouco estruturada, as incorporações de arte britânica contaram com a intermediação do British Council, que teve para esse efeito total liberdade na escolha dos artistas a serem apoiados. Para esse fim, a FCG concedeu a essa instituição dois subsídios no valor de £10.000 cada, em 1959 e 1964. Com o primeiro subsídio as aquisições realizadas foram principalmente nas áreas da pintura, desenho e alguns relevos, dando especial atenção a artistas emergentes da *Pop*, abstraccionistas ligados ao paisagismo de St. Ives e a outros artistas representados nas exposições *Situation* de Londres. A partir de 1964 foi dada uma maior atenção à escultura, especialmente aos artistas da *New Age*, continuando, contudo, a se fazerem importantes aquisições no campo da pintura.<sup>28</sup>

Ficara previamente definido que o conjunto de obras adquirido estaria à disposição do British Council por um período de 10 anos<sup>29</sup>, podendo estas ser integradas nas exposições realizadas pela instituição, ou, simplesmente, usadas para decorar os seus vários escritórios. Talvez devido a este facto, o British Council optou por orientar a política de aquisições numa perspectiva de colmatar lacunas da sua própria colecção, que vinha a constituir desde 1938, em detrimento de constituir um grupo autónomo de obras para a FCG. Esta decisão não só deixou lacunas na própria colecção do British Council, quando as obras foram transferidas em definitivo para Lisboa, como impediu que o núcleo de obras contasse com nomes importantes da arte britânica, como Francis Bacon, Anthony Caro, Richard Hamilton ou John Latham. Até aos dias de hoje continuam a ser incorporadas obras de arte britânica, sem, no entanto, contar com a parceria do British Council, nem se aproximar do volume de aquisições que se registou nesse período.

A partir da década de 60, ocorreram as primeiras aquisições de obras de Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918): cinco obras, em 1968, e vinte, em 1977. Se Amadeo configurava-se como o nome maior do modernismo, Maria Helena Vieira da Silva (1908-1992) seria o nome de maior sucesso da arte portuguesa em actividade. Houve a

---

<sup>28</sup> VASCONCELOS, 1997, p.20. In **A Ilha do Tesouro**.

<sup>29</sup> Grande parte das obras de arte britânica foram transferidas para Lisboa em 1970.

preocupação em estabelecer uma relação próxima com a artista e com seu marido, Arpad Szenes (1897-1985), e de constituir um importante núcleo de obras da artista. A aquisição de obras destes dois artistas revelava assim o desejo de dotar os artistas contemporâneos da colecção “de uma poderosa genealogia (...) e de um exemplo de maior sucesso (...)”<sup>30</sup>

A 22 de Agosto de 1979 inicia-se uma nova fase na constituição desta colecção, com a decisão do Conselho de Administração em avançar, após vários adiamentos, com a construção de “um centro de pesquisa e divulgação no domínio da Arte Moderna”, que teria “por base uma exposição permanente das obras propriedade da Fundação (...) e organizará exposições temporárias de outras obras de artistas nacionais ou estrangeiros (...)”.<sup>31</sup> Com esta decisão o ritmo de incorporações aumentou drasticamente, dando especial atenção à primeira metade do século XX. Foram adquiridas largas centenas de obras até ao momento da abertura de portas do CAM, muitas delas acompanhadas de importantes doações. De salientar o importantíssimo conjunto de obras, num total de 516, adquirido a Jorge de Brito (1927-2006)<sup>32</sup> a poucos meses da inauguração do edifício. A oportunidade de compra de parte desta colecção permitiu dar resposta ao descontentamento demonstrado por Azeredo Perdigão face à qualidade do acervo<sup>33</sup>, aquando da preparação da exposição *Antevisão do Centro de Arte Moderna*, em 1981. Esta aquisição possibilitou simultaneamente “complementar o carácter deliberadamente historicista da Colecção, com os mais importantes pintores portugueses desde 1900”<sup>34</sup> e contribuir para que a inauguração do CAM fosse um verdadeiro sucesso.

Após a abertura de portas do Centro, verificou-se um abrandamento nas incorporações, tendo estas a preocupação de preencher lacunas na colecção, do ponto de vista

---

<sup>30</sup> SILVA, 2014, p.123. In **30 anos / years Centro de Arte Moderna Fundação Calouste Gulbenkian**.

<sup>31</sup> RIBEIRO, 1991, pp.35-36. In **Centro de Arte Moderna e ACARTE, Lisboa : antecedentes, novos edifícios 1983-84 e os primeiros cinco anos**.

<sup>32</sup> Empresário português, construiu ao longo da sua vida uma das mais importantes colecções privadas no país, constituída por peças de mobiliário, porcelanas, pratos, livros, moedas e pintura. As dificuldades financeiras sentidas no período pós-25 de Abril levam-no a vender parte da colecção. Acerca da sua colecção, de salientar o artigo de André Silveira, “Colecção Jorge de Brito” in <http://arquivolarte.blogspot.com/2011/01/colecao-jorge-de-brito.html>.

<sup>33</sup> SILVA, 2014, p.124. In **30 anos / years Centro de Arte Moderna Fundação Calouste Gulbenkian**.

<sup>34</sup> SILVA, 2014, p.124. In **30 anos / years Centro de Arte Moderna Fundação Calouste Gulbenkian**.

histórico, da arte portuguesa da primeira metade do século XX, continuar a apoiar e estimular a produção artística contemporânea<sup>35</sup>, assim como, adquirir obras presentes nas exposições temporárias realizadas nos espaços da FCG. Desde 2012, a Fundação disponibiliza uma verba anual de 500 000.00 € para aquisição de obras para a sua colecção de arte moderna e contemporânea, sendo que, no novo milénio, o foco das aquisições passou a incidir maioritariamente no filme e na fotografia, procurando manter a colecção actualizada com as dinâmicas contemporâneas.

É também importante sublinhar, neste contínuo processo de constituição de uma colecção, as numerosas doações, realizadas ao longo dos anos, feitas por artistas, seus familiares e por coleccionadores. Destacam-se, neste âmbito, as doações feitas por Sonia Delaunay, Lúcia de Souza-Cardoso, Maria Helena Vieira da Silva e Arpad Szenes, pelos pais de António Areal, pelo coleccionador Jorge de Brito, o conjunto de obras legado por Bernardo Marques e, mais recentemente, o numeroso conjunto de obras, num total de 1006, de Hein Semke, doado pela sua viúva, Teresa Balté.

Actualmente, a colecção conta já com mais de onze mil obras inventariadas, de cerca de mil e duzentos artistas, podendo ser consultada integralmente no site do museu, facto que contribui para o elevado número de solicitações de empréstimo a que está sujeita.

Nela predomina o papel como suporte (desenho, fotografia e gravura), correspondente a cerca de 78% do acervo. Inclui também pintura, escultura (objectos, relevos e instalação), imagens em movimento, cerâmica, holografia, mobiliário, tapeçaria e têxtil.<sup>36</sup> Abrange um período temporal que vai desde finais do século XIX até à actualidade, sendo mais representativa da segunda metade do século XX, sobretudo após 1983. O foco maior incide sobre a produção artística portuguesa, mas também em artistas estrangeiros que estabeleceram relação com o país, com os seus pares portugueses ou, simplesmente, por terem sido uma importante referência para estes. Além do já mencionado núcleo de arte britânica, conta também com um pequeno núcleo de arte arménia, um de arte iraquiana e outro genericamente designado por arte internacional.

---

<sup>35</sup> SILVA, 2014, p.126. In **30 anos / years Centro de Arte Moderna Fundação Calouste Gulbenkian**.

<sup>36</sup> Ver Anexo I

Apesar de não ter nenhuma obra classificada como tesouro nacional<sup>37</sup>, a colecção possui importantíssimos conjuntos de obras dos nomes maiores da arte portuguesa do século XX, nomeadamente de Amadeo de Souza-Cardoso, José de Almada Negreiros (1893-1970) e Maria Helena Vieira da Silva.

Esta é a única colecção no país que se empenha em ser representativa do panorama artístico português do século XX, cumprindo, assim, o “desiderato a que se haviam proposto [Azeredo Perdigão e restantes membros da administração]: dotavam Lisboa do primeiro museu de arte moderna e contemporânea, já que o que tinha essa designação (o Museu Nacional de Arte Contemporânea) nunca dispusera nem de instalações nem de meios adequados, além de que, após a morte de Diogo de Macedo em 1959, mergulhara no mais irrelevante período da sua história.”<sup>38</sup>

### **O Centro de Arte Moderna**

A ideia de construir um edifício para expor e conservar obras de arte moderna e contemporânea foi desde logo equacionada enquanto se faziam os estudos para a construção dos edifícios da Sede e Museu. Posteriormente, em 1967, a Administração da FCG encomendou, aos arquitectos responsáveis pelo primeiro complexo de infra-estruturas, um estudo para construção desse novo edifício, com localização prevista para a frente urbana da Avenida de Berna, no lado oposto ao da Sede. Contudo, o projecto não avançou nesta fase. Aos grandes encargos financeiros (e uma quase saturação do corpo técnico) alocados à construção do primeiro complexo de edifícios, somaram-se os encargos com outras construções em curso fora de Portugal, que a FCG promovia.<sup>39</sup> Foi também relevante o desastre das cheias ocorridas em Lisboa no Outono de 1967, que atingiram uma parte significativa da colecção Gulbenkian, e,

---

<sup>37</sup> A Lei de Bases do Património Cultural, a Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro, que estabelece as bases da política e do regime de protecção e valorização do património cultural, determina que a protecção legal dos bens culturais móveis assenta na classificação (de interesse nacional, público ou municipal) e na inventariação. De acordo com artigo 18º, ponto 1 da mesma lei, “entende-se por classificação o acto final do procedimento administrativo mediante o qual se determina que certo bem possui um inestimável valor cultural.”

<sup>38</sup> SILVA, 2014, p.125. In **30 anos / years Centro de Arte Moderna Fundação Calouste Gulbenkian**.

<sup>39</sup> Referimo-nos às construções empreendidas no Iraque neste período: mais de uma centena de estruturas, entre escolas, universidades, hospitais e museus. Destacam-se o Modern Arts Centre, em Bagdade, inaugurado em 1962, e o Estádio do Povo, inaugurado em 1966.

consequentemente, obrigaram a trabalhos de reparação dos danos por estas causados. Não será também alheio o facto de, à data, a colecção apresentar ainda muitas lacunas.

A ideia viria a ser retomada em 1977, quando a Administração decide encomendar uma série de estudos de localização e programa, que deram origem a um estudo-base. Este estudo possibilitou que o Conselho de Administração deliberasse, a 22 de Agosto de 1979 a aprovação da construção do Centro, com localização já definida para o topo sul do parque da FCG, que nos últimos anos vinha a ser expandido através de sucessivas compras. O projecto final ficou a cargo de Sir Leslie Martin (1908-1999), arquitecto que já participara, enquanto consultor, no projecto do primeiro complexo de edifícios, em parceria com o arquitecto Ivor Richards (1943-), contando também com a colaboração de uma equipa técnica nomeada pela Fundação. A execução do projecto colocava assim fim ao que Azeredo Perdigão considerava como “um atentado contra a cultura manter essas obras encerradas em depósito num país – como Portugal – que não possui anda hoje qualquer museu de arte moderna.”<sup>40</sup>

Contudo, o projecto não ficou imune a polémicas. Os críticos invocavam que o edifício seria um atentado à memória do fundador, já que este nunca demonstrara em vida especial interesse pela arte moderna, muito menos pela arte portuguesa (da qual nunca comprara obra alguma), não estando no seu testamento expressa a vontade de construção de um edifício com esse fim. Outros criticaram a escolha da sua implementação no parque da Fundação, alegando que este iria alterar a sua configuração e eliminar uma área significativa do jardim.

Azeredo Perdigão defende-se das críticas, num texto datado de 14 de Agosto de 1979,<sup>41</sup> que sendo verdade que em momento algum C. Gulbenkian expressara a vontade de construir um edifício deste género, também era verdade que não estava claramente expresso o desejo de construir um museu para acolher a sua colecção de arte, somente que esta nunca deveria ser separada ou vendida. Quanto à alegação que C. Gulbenkian não era um apreciador de arte moderna, Azeredo considera ser uma afirmação discutível, já que na sua colecção existem vários casos de ruptura com a tradição, como as pinturas impressionistas, as obras de Edward Burne-Jones, Boldini, Rodin, Janiot e

---

<sup>40</sup> *Antevisão do Centro de Arte Moderna*, 1981, n.p.

<sup>41</sup> O texto encontra-se presente no catálogo *Antevisão do Centro de Arte Moderna*, de 1981.

Lalique, apontando também o facto de a sua casa de Paris, na Avenida de Iéna, não ter sido concebida segundo os moldes clássicos. Por último, Azeredo defende que, no segundo e definitivo testamento, C. Gulbenkian não delimita as áreas de intervenção dentro das quatro missões estatutárias da FCG, autorizando, como está expresso no testamento, os seus Executores Testamentários e *Trustees* “a disporem, livremente, de todos os mesmos bens, em ordem à plena execução das disposições do testamento.”<sup>42</sup>

No projecto final, o edifício foi concebido em dois sectores distintos: o Centro de Documentação e de Criação Artística e o Museu, ambos ligados por um grande hall e que poderiam funcionar de modo independente um do outro. O Centro de Documentação e de Criação Artística era constituído por um Centro de Documentação, que reunia um conjunto importante de documentação relativa à arte portuguesa, desde 1911, e de arte internacional, por ateliers experimentais e de apoio ao Museu, uma sala de exposições temporárias e uma sala polivalente. O Museu apresenta um vestíbulo, que antecede as galerias de exposição, que é também usado como espaço expositivo, e que tem uma sala anexa, usada ao longo dos anos para diversos fins.<sup>43</sup> No interior existem três níveis – uma grande nave e dois meios pisos - comunicantes entre si, todos com planta *open space*.

A planta *open space* foi a solução encontrada para dar resposta à exigência prévia da Administração de que o espaço teria de ser flexível o suficiente para se adaptar às diversas obras da colecção, na multiplicidade de formas, escalas e técnicas que a produção artística contemporânea passou a comportar, assim como, à alternância frequente entre exposições permanentes, com obras da colecção, e exposições temporárias, com obras emprestadas. Este modelo espacial de “hangar”, como apelida Nuno Grande, foi desde finais da década de 60, o preferido para “expor a pintura que se queria libertar da parede, ou para exhibir a escultura que recusava o plinto”<sup>44</sup> Podem-se apontar como grandes referências, na concepção do espaço, o Sainsbury Centre for Visual Arts, em Norwich, da autoria de Norman Foster, e o Centro Georges Pompidou,

---

<sup>42</sup> Testamento de C. Gulbenkian, citado por Azeredo Perdigão in *Antevisão do Centro de Arte Moderna*, 1981, n.p.

<sup>43</sup> Inicialmente usada para acolher os grupos de visitantes, depois como sala de reuniões e, actualmente, como espaço para projecção de videoarte.

<sup>44</sup> GRANDE, 2014, p.19. In **30 anos / years Centro de Arte Moderna Fundação Calouste Gulbenkian**.

em Paris. Este último, tanto na planta original *open space*, como pela ostentação das infra-estruturas técnicas.

O dinamismo expositivo que se queria como paradigma, e a consequente rotatividade constante de obras, aliada à ambição de que a colecção se mantivesse num contínuo crescimento, ditaram a necessidade de construção de amplas reservas, assim como, de espaços destinados a acondicionar material de exposição, equipamento eléctrico e de embalagens.

A localização das reservas em cave permitiu que, exteriormente, o edifício mantivesse uma escala contida, possibilitando assim uma integração mais harmoniosa do edifício no parque, reforçada com a opção de cobertura do edifício em patamares ajardinados, que prolongam no edifício o declive natural do terreno que vem desde o lago e enfatizam a sua horizontalidade. A cobertura em patamares apresenta outras vantagens, como a de uma maior entrada de luz natural no interior, através das janelas colocadas nos vãos, ao comprimento de toda a galeria, e a de favorecer “a flexibilidade das galerias, criando diferentes altimetrias que permitem diversos tipos de montagens das exposições” (Barranha, 2003, p.326).

As grandes janelas, que pontuam toda a fachada norte, além de serem uma eficaz fonte de luz natural, permitem também estabelecer um diálogo entre interior/exterior e arte/natureza, à semelhança do que acontece no primeiro complexo de edifícios, criando simultaneamente um cenário dinâmico para as obras de arte.<sup>45</sup>

A epígrafe aposta no edifício é uma frase de Azeredo Perdigão que bem demonstra o pensamento que subjaz à concepção do edifício: “A arte – e o Senhor Gulbenkian sabia-o muito bem – não é um produto estável da criação do homem; pelo contrário, a história ensina-nos que a arte é uma actividade em constante evolução ou transformação e nisso está um dos motivos do seu grande interesse.”

Apesar das potencialidades do complexo criado, há que referir que o CAM não apresenta a solidez de construção e atenção ao detalhe, reconhecidos no conjunto da Sede e

---

<sup>45</sup> À semelhança do CAM, outros museus deram especial atenção à relação entre arte, arquitectura e natureza. Podemos identificar, como exemplo, os casos do Louisiana Museum of Modern Art, em Copenhaga, a Fondation Beyeler, em Basileia e, mais próximo de nós, o caso de Serralves, no Porto.



Museu.<sup>46</sup> A sua configuração em *open space* revela que foi pensado para não ser um museu convencional, o que “contrasta com o facto de a sua colecção se ter tornado, ao longo do tempo, na mais significativa colecção de arte moderna portuguesa.”<sup>47</sup>

### **A reprogramação museológica do Museu Calouste Gulbenkian**

À actual directora do MCG, Penelope Curtis<sup>48</sup>, em funções desde Setembro de 2015, coube a execução da reprogramação museológica nos dois museus da FCG, previamente delineada pela Administração da FCG no concurso de escolha do sucessor de João Caste-Branco Pereira, ex-director do MCG, que, entretanto, se aposentara. Os dois museus, até então independentes, fundiram-se e criaram o novo Museu Calouste Gulbenkian, passando a haver uma gestão unificada, com um único director e equipa técnica para os dois espaços, que passaram a ser diferenciados por Colecção do Fundador e Colecção Moderna. Com esta decisão, a Administração da FCG procurou uma “organização mais simples, mais flexível e com custos mais baixos, evitando também a compartimentalização das nossas actividades”<sup>49</sup> e “articular de forma mais eficaz os dois núcleos museológicos da Fundação, de modo a potenciar as virtualidades das duas Colecções e tentar cruzar os públicos que os frequentam”<sup>50</sup>

Ficou também estabelecido que era necessário apresentar de forma permanente a colecção de arte moderna e contemporânea, “a mais importante do nosso País”<sup>51</sup>, em detrimento da programação regular de exposições temporárias, que vinha a ser a prioritária nos últimos anos, e ainda, procurar estabelecer diálogos entre as duas colecções, entre épocas e entre oriente e ocidente.

---

<sup>46</sup> GRANDE, 2014, p.26. In **30 anos / years Centro de Arte Moderna Fundação Calouste Gulbenkian**.

<sup>47</sup> Museu Calouste Gulbenkian: Guia, 2017, p.11

<sup>48</sup> Formada em História Moderna pelo Corpus Christi College, de Oxford, a que se seguiu um mestrado e doutoramento sobre escultura francesa pós-Rodin no Courtauld Institute of Art. Dirigi o Henry Moore Institute, em Leeds, e entre 2010 e 2015 foi a directora da Tate Britain.

<sup>49</sup> Relatório e Contas, 2015, p.6

<sup>50</sup> Relatório e Contas, 2015, p.6

<sup>51</sup> Relatório e Contas, 2015, p.6

As mudanças foram assinaladas com a exposição «Linhas do Tempo», em Junho de 2016, que procurou explorar as ligações entre as duas colecções, ambas criadas no século XX, a partir de uma data âncora, 1956, ano da constituição da FCG.

Quanto à programação expositiva, a maior alteração deu-se na Coleção Moderna, com a passagem, faseada em três momentos, para uma mostra semipermanente de obras da colecção, com a exposição «Portugal em Flagrante». A galeria de exposições temporárias da Coleção Moderna passou a denominar-se *Espaço Projecto*, agora vocacionada para expor obras de carácter mais experimental. Na galeria do piso inferior da Coleção do Fundador iniciou-se um ciclo de exposições, três por ano, denominado de *Conversas*, com o conceito subjacente do diálogo, entre arte de diferentes tempos ou regiões. Na Galeria Principal do Edifício Sede, passaram a realizar-se duas grandes exposições por ano, uma no Verão e outra no Inverno, e a Galeria de Exposições Temporárias do Piso Inferior do Edifício Sede, passou a ser cedida a outros departamentos da FCG, ou mais raramente a outras instituições, para a realização de exposições temporárias.

## Capítulo 2: Modos de Expor

Considerou-se pertinente, antes de entrar numa análise do modelo expositivo da Coleção Moderna, tanto os que se sucederam ao longo dos anos como o actual, proceder a um estudo da evolução dos modos de expor as colecções e do próprio conceito de museu, com o intuito compreender melhor e inserir o funcionamento da instituição num contexto mais global. Para esta análise recorre-se essencialmente à obra *The Curator's Egg: The Evolution of the Museum Concept from the French Revolution to the Present Day*, de Karsten Schubert<sup>52</sup> (1961-2019), publicado pela primeira vez no ano de 2000. O livro encontra-se dividido em duas partes. Na primeira, o autor faz uma perspectiva da evolução do conceito de museu e nos modos de expor as colecções, desde a segunda metade do século XVIII até 1983, ano da inauguração do Centro Georges Pompidou, recorrendo a instituições e personalidades específicas, que apresentaram novas propostas em relação à prática corrente. Na segunda parte, o autor aborda os desenvolvimentos que decorreram nas últimas duas décadas do século XX.

### **Segunda metade do século XVIII e século XIX: o Museu do Louvre e o Museu Britânico**

O autor inicia esta narrativa histórica no Museu do Louvre,<sup>53</sup> referindo que, apesar da fundação do Museu Britânico ser anterior, em 1759, este, durante cerca de meio século, apesar de público, manteve uma política de acesso muito restrita.<sup>54</sup> O Louvre foi, efectivamente, o primeiro a ter a ambição de ser acessível por todos e não somente por

---

<sup>52</sup> Foi editor e negociante de arte. Fundou a galeria de arte homónima em 1986 e, em 1995, a editora *Ridinghouse*, especializada em teoria e história de arte contemporânea.

<sup>53</sup> Inaugurado em 1793 como Museu Central das Artes. No período Imperial adoptou o nome de Museu Napoleão. Apesar de só se ter concretizado após a Revolução de 1789, a ideia de transformar o Palácio do Louvre num museu público era já concebida na fase final do antigo regime.

<sup>54</sup> Quem quisesse visitar o Museu Britânico tinha de solicitar uma autorização que podia levar 14 dias a ser concedida. Mesmo depois de se ter acabado com este procedimento, o museu só podia ser visto em visitas guiadas em grupo, e que eram realizadas de um modo bastante apressado. (SCHUBERT, 2000, p.17)

uma elite aristocrata, aspecto fulcral nas nossas actuais concepções de museu.<sup>55</sup> Inaugurado em 1793, o Louvre foi usado pelo novo regime como símbolo da democratização da cultura e do conhecimento, mas também como instrumento da Revolução, utilizando as artes como o meio para que o público entendesse a história da revolução, seu propósito e objectivos.

Foi com a nomeação, feita por Napoleão, de Dominique-Vivant Denon (1747-1825) para o cargo de director do museu, em 1802, que se salientam as primeiras rupturas no modo de exposição da colecção. Por exemplo, na nova montagem das pinturas de Rafael, o conjunto de obras seleccionado permitia, segundo palavras do próprio, “ver num relance a extensão do génio do artista, a surpreendente rapidez do seu progresso, e a diversidade de géneros que o seu talento abrangeu.”<sup>56</sup> Propondo uma perspectiva geral da obra do pintor, Denon atribuía à montagem um “carácter de ordem, instrução e classificação”<sup>57</sup> Com esta metodologia, aplicada posteriormente às restantes escolas, Denon fornecia ao público “um curso de história de arte da pintura”.<sup>58</sup> A metodologia empregue por Denon, baseada na cronologia, evolução artística e escola, realçava o carácter pedagógico da exposição de obras de arte e, “além disso, ele conseguiu sozinho mudar a agenda do museu do politico-ideológico para o histórico-documental”.<sup>59</sup> Este modelo foi de algum modo replicado pelas congéneres europeias e norte-americanas até às primeiras décadas do século XX, havendo, contudo, particularidades de acordo com os contextos nacionais e a dimensão e diversidade das colecções (Schubert, 2000).

O Museu Britânico foi a outra grande instituição museológica deste período. Ambos os museus foram utilizados como símbolos culturais da disputa imperialista que ocorreu entre os dois países, e à qual também se juntou a Alemanha no final de século, servindo os museus como repositórios para o património cultural oriundo das nações dominadas. Este património, que se ia acumulando, servia para estabelecer uma narrativa que legitimava as respectivas nações como herdeiras dos grandes impérios do passado. Era

---

<sup>55</sup> Contudo, inicialmente, o acesso ao público era gratuito, mas somente aos fins-de-semana, ficando os restantes dias reservados para os artistas que desejassem estudar as obras dos grandes mestres.

<sup>56</sup> SCHUBERT, 2000, p.21. No original: “see at a glance the extent of the artist’s genius, the astonishing rapidity of his progress, and the variety of genres wich his talent encompassed.”

<sup>57</sup> SCHUBERT, 2000, pp.20-21. No original: “character of order, instruction and classification”

<sup>58</sup> SCHUBERT, 2000, p.21. No original: “a history course of the art of the painting”

<sup>59</sup> SCHUBERT, 2000, p.22. No original: “in addition, he had single handedly managed to shift the museum’s agenda from the political-ideological to the historical-documentary”

assim reconhecido aos museus um duplo potencial, como espaço de educação, para um público cada vez mais alargado, e de símbolo de afirmação e glória da nação. À medida que o século XIX progredia, as galerias do Museu Britânico ficavam cada vez mais sobrelotadas de objectos, das mais diversas categorias. De um modo geral, a abordagem de um curador desta instituição, no século XIX, às obras da colecção era mais taxonómica do que de historiador de arte, deixando, por norma, as considerações estéticas, e também educacionais, para um plano secundário (Schubert, 2000, p.24). De acordo com Karsten Schubert, no tocante à escultura, “toda a arte era somente mais um passo em direcção ao pináculo do clacíssimo Grego, e o museu era um armazém de ‘espécimes’ para ilustrar essa linhagem”, continuando que, no Museu Britânico, outras obras eram encaradas meramente como casos ilustrativos de desvios ao ideal Greco-clássico, cujo expoente máximo encarnava nos Mármore do Pártenon.<sup>60</sup>

No panorama museológico em geral, o século XIX foi marcado por uma obsessão curatorial na cronologia e numa visão enciclopédica das colecções.<sup>61</sup>

À medida que se aproximava o fim do século, as galerias do Museu Britânico foram sendo progressivamente mais depuradas e as obras de arte viram o seu estatuto sublinhado como tal, e não somente como meros casos exemplificativos de uma determinada categoria artística. A viragem para o novo século trouxe ao Museu Britânico, e a tantos outros museus europeus, um abrandamento na expansão exponencial que se fazia sentir, em consequência da crise decorrente da 1ª Guerra Mundial.

### **Primeiras décadas do século XX: o caso dos museus de Berlim**

Schubert no seu livro salienta a prática desenvolvida, no início do novo século, por Wilhelm von Bode (1845-1929), director dos Museus Estatais de Berlim entre 1905 e 1920, dando especial destaque à metodologia aplicada por si no Museu Kaiser

---

<sup>60</sup> SCHUBERT, 2000, p.24. No original: “all art was just a stepping stone towards the pinnacle of Greek classicism, and the museum was a storehouse of ‘specimens’ to illustrate this lineage”

<sup>61</sup> Esse desejo de completude levava a que muitas vezes, no caso da escultura, se usassem cópias em gesso. Essas cópias, além de preencherem lacunas da colecção, também tinham um papel didáctico, que sempre lhes esteve muito associadas.

Friedrich.<sup>62</sup> Neste museu, Bode implementou uma organização das obras da colecção baseada no seu contexto histórico, cortando com a prática mais recorrente de exposição por tipologia. Os objectos do mesmo período, mas de diferentes naturezas, ao serem agrupados num mesmo espaço, possibilitavam ter uma noção mais clara do espírito artístico desse tempo. Este modelo conseguia ser informativo, sem descurar a componente estética da obra, e demonstrava que era possível questionar a abordagem taxonómica muitas vezes utilizada no século anterior. Esta metodologia seria replicada nos restantes Museus Estatais de Berlim, quando Bode foi nomeado director geral destes, em 1905.

O autor destaca igualmente o caso do Museu Pergamon, também pertencente aos Museus Estatais de Berlim<sup>63</sup>. Inaugurado em 1930, após um longo processo iniciado em 1906,<sup>64</sup> o museu particularizou-se pela musealização de grandes complexos arquitectónicos, apropriados em campanhas arqueológicas desenvolvidas sob a supervisão alemã. Para este trabalho importa, contudo, realçar a concepção das galerias e o modo de exposição das obras, realmente inovador para a época. As galerias espaçosas, pintadas em tons claros, sem a presença de ornamentação e bem iluminadas, contrastavam com a práticas das principais instituições na época, invocando, de certo modo, a clareza e contenção da Bauhaus (Schubert, 2000, p.32). Às obras era dada a possibilidade de “respirar”, contrastando com a acumulação dominante no Museu Britânico e noutras instituições da época, sendo colocadas criteriosamente de forma a destacar as suas qualidades. Não estando ali já simplesmente para ilustrar uma narrativa subjacente ou cronologia, estas antiguidades passaram a ser encaradas como obras de arte em si mesmas (Schubert, 2000, p.32).

As metodologias desenvolvidas por Bode acabariam por se tornar numa importante influência para diversas instituições por todo o mundo.

---

<sup>62</sup> Museu inaugurado em 1904, é desde 1956 denominado como Museu Bode, em homenagem ao seu primeiro curador.

<sup>63</sup> Tal como o Museu Kaiser Friedrich, também está localizado na Ilha dos Museus, em Berlim.

<sup>64</sup> O projecto foi sendo adiado devido a diversas vicissitudes (a morte do arquitecto em 1909, a 1ª Guerra Mundial e a subsequente crise económica) que levaram a que a abertura do museu só ocorresse em 1930, um ano após a morte de Bode.

## Entre os anos 20 e os anos 60: o caso do MoMA

Em termos gerais, os museus norte-americanos apropriaram dos seus congéneres europeus os modelos conceptuais, arquitectónicos e de exposição. No entanto, diferiam destes em alguns aspectos, como o de apresentarem um carácter mais pedagógico e cívico do que nacionalista, e de, devido à sua natureza privada, serem suportados por mecenas abastados que pretendiam através do Museu demonstrar a sua riqueza e comprometimento para com a sociedade.

O Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, ou MoMA como é geralmente reconhecido, constituiu-se como a grande inovação dos EUA no campo da museologia. Inaugurado em 1929, o MoMA foi o primeiro museu no mundo inteiramente dedicado à arte moderna, assim como, o primeiro a valorizar outras áreas da produção visual contemporânea, como a fotografia, o filme, o design industrial e a arquitectura. Esta adopção e valorização do Modernismo nos EUA, tanto na arquitectura (Estilo Internacional) como nas restantes artes visuais, deu-se como forma de distanciamento aos regimes totalitaristas de Hitler e Estaline, que rejeitavam as concepções do modernismo e se tinham associado a linguagens neoclassicistas.

Alfred H. Barr (1902-1981) foi o primeiro director do MoMA, cargo que desempenhou até 1943, e o grande responsável pelo sucesso do projecto. Nas palavras do próprio, o MoMA era como “um laboratório; nas suas experiências, o público é convidado a participar”.<sup>65</sup> O envolvimento do público passava também pela questão educativa, a que Barr atribuía grande relevância. As exposições eram muitas vezes acompanhadas de uma programação paralela de palestras e de visitas guiadas e algumas das obras eram acompanhadas de tabelas com informação clara e concisa acerca das mesmas.

Na sua fase inicial, o MoMA funcionou num modelo mais aproximado a uma *kunsthalle*, com uma programação regular de exposições temporárias, com obras cedidas por outras instituições. A colecção que se ia formando era inicialmente idealizada como um “torpedo” que se movia através do tempo, cujas obras, quando se tornassem históricas, seriam transferidas para outras instituições. Esta ideia revolucionária de Barr, em

---

<sup>65</sup> Citado por SCHUBERT, 2000, p.45. No original: “a laboratory; in its experiments, the public is invited to participate.”

manter a colecção numa renovação perpétua, no entanto, não se concretizou, tendo sido substituída, na década de 60, pela concepção da colecção da instituição como um “registo da arte moderna”.<sup>66</sup>

Em 1939, foram inauguradas as novas instalações do museu com a exposição «Art in Our Time». Na exposição, os visitantes progrediam por uma sequência labiríntica de galerias, com pouca ou mesmo nenhuma opção de escolha no percurso, que apresentava o modernismo numa sequência lógica, concebida por Barr, de movimentos e estilos, como que desenvolvidos uns a partir dos outros.

O modelo moderno de apresentação das obras, que ficou conhecido por *white cube*, foi desenvolvido e disseminado pelo MoMA, tornando-se no modelo predilecto para a exposição de arte moderna nas décadas seguintes. Contudo, já se verificavam exemplos do mesmo em instituições europeias, no pós-1ª Guerra Mundial, que foram observados por Barr, nas suas viagens pelo território europeu durante a década de 20 e inícios da de 30 (Barker, 1999, p.30).

Brian O’Doherty (1928-), no seu famoso ensaio *Inside The White Cube: The Ideology of the Gallery Space*, descreve o arquétipo da galeria de arte moderna como um espaço “concebido com leis tão rigorosas como aquelas usadas para construir uma igreja medieval. O mundo exterior não deve entrar, por isso as janelas são usualmente seladas. As paredes são pintadas de branco. O tecto torna-se a fonte de luz. O chão de madeira é polido para que se oiça cada passo, ou alcatifado para abafar os sons (...) A arte é livre de, como diz o ditado, ‘assumir a sua própria vida’.”<sup>67</sup> As obras são expostas numa fila única, ao nível dos olhos e espaçadas entre si, ao contrário do modelo que predominou no século anterior, em que, por exemplo, as pinturas, muitas vezes, cobriam paredes quase inteiras, com as obras dispostas em duas ou três filas. As tabelas informativas são também reduzidas ao essencial, de modo a descontextualizar e isolar a obra do mundo real, como também a eliminar distrações da contemplação da obra em si.

---

<sup>66</sup> SCHUBERT, 2000, p.48. No original: “record for modern art”

<sup>67</sup> O’DOHERTY, 1999, p.15. No original: “constructed along laws as rigorous as those for building a medieval church. The outsider world must not come in, so windows are usually sealed off. Walls are painted white. The ceiling becomes the source of light. The wooden floor is polished so that you click along clinically, or carpeted so that you pad soundlessly (...). The art is free, as the saying used to go, ‘to take on its own life’.”



A ideia de isolamento da obra do mundo real, no espaço e no tempo, é reforçada pela diminuição do “Eu” do espectador – no espaço da galeria este não pode falar alto, não pode tocar nas obras, não pode comer, etc. As típicas fotografias de vistas de exposição de arte moderna, por norma sem pessoas presentes, reforçam a ideia de que a presença do corpo do visitante não tem lugar neste espaço.

A aposta do MoMA no *white cube* relaciona-se com a convicção de Barr na inevitável evolução da arte moderna em direcção à arte abstracta. No *white cube* a arte abstracta ganha poder, pois é uma arte sem referentes externos explícitos num espaço sem contexto externo (Barker, 1999, p.31).

Com a sua política de incorporações, a sua programação expositiva e a atenção minuciosa às publicações do museu, Barr “transformou o estudo da arte contemporânea num respeitável campo de investigação”<sup>68</sup>, formulando pela primeira vez uma história coesa da arte moderna.<sup>69</sup>

### **Segunda metade do século XX: o caso do Centro Georges Pompidou**

A devastação sentida no território europeu, na sequência da 2ª Guerra Mundial, atingiu inevitavelmente os museus. Muitos destes sofreram danos que impossibilitaram o seu normal funcionamento, outros foram significativamente destruídos. A reconstrução europeia das infra-estruturas foi lenta e dispendiosa, ficando os museus votados para último na lista de prioridades. As instituições museológicas norte-americanas acabaram por beneficiar da situação, através dos numerosos empréstimos que acolheram, pois não tendo sido afectados pela guerra, serviram de local seguro para as obras de arte pertencentes às congéneres europeias afectadas. Somente nos inícios da década de 70, quando a reconstrução já tinha sido na sua maioria concluída, é que os museus mais relevantes passaram a dispor de mais dinheiro para o desenvolvimento das suas actividades.

---

<sup>68</sup> SCHUBERT, 2000, p.47. No original: “turned the study of contemporary art into a respectable field of research”

<sup>69</sup> SCHUBERT, 2000, p.47

Contudo, as grandes mudanças começaram ainda na década anterior. Os eventos de Paris de 68 foram o culminar das reivindicações de uma sociedade que desejava mudanças. A sociedade apelava a uma reflexão acerca do funcionamento das diferentes instituições e os museus não ficaram imunes às críticas, sendo principalmente acusados de serem instituições elitistas. Como resposta, os museus passaram a desenvolver programas educativos e a agregar outros serviços (lojas, restaurantes, etc.), que simultaneamente permitiam atrair um público mais vasto e criar outras fontes de receita.

Em 1969, o presidente francês Georges Pompidou propôs a construção de um novo centro cultural em Paris, cuja formulação fosse independente do poder político. A opção recaiu sobre a proposta apresentada por Renzo Piano (1937-) e Richard Rogers (1933-). O projecto arquitectonicamente revolucionário evocava a concepção do MoMA proferida por Barr, do museu como um laboratório em que o público participa (Schubert, 2000, p.58). O edifício foi concebido tendo em mente a flexibilidade e adaptabilidade do espaço e a interdisciplinaridade. Para além de albergar a colecção nacional de arte moderna francesa, possui também uma biblioteca pública e o IRCAM<sup>70</sup>, um centro para investigação de música e acústica. Deste modo, em resposta às profundas mutações que estavam a ocorrer no Ocidente, o Pompidou procurava reduzir as fronteiras entre alta e baixa cultura.

As inovações da concepção do edifício foram também acompanhadas por uma agenda curatorial de Pontus Hulten (1924-2006) igualmente revolucionária. O modelo apresentado pelo Pompidou, ao rejeitar a construção de uma narrativa linear e canónica da história da arte moderna, contrariava o modelo apresentado pelo MoMA, e que entretanto se tinha replicado como a norma para os museus de arte moderna de todo o mundo, durante os anos 50 e 60. Exposições como «Paris-Nova Iorque», «Paris-Berlim», «Paris-Moscovo» e «Paris-Paris», mostravam que o modernismo tinha sido algo “muito mais complexo, anárquico e volátil do que o até aí concedido por um esteticismo apolítico, inspirado no MoMA, e a sua insistência numa leitura estritamente

---

<sup>70</sup> Institut de Recherche et Coordination Acoustique/Musique

formal e autobiográfica da arte” (Schubert, 2000, p.59)<sup>71</sup>. O sucesso do Pompidou legitimou que diferentes concepções da história de arte, aliadas a diferentes museologias, pudessem coexistir em diversos museus, incentivando a que estes desenvolvessem leituras próprias da sua colecção.<sup>72</sup>

Devido ao seu enorme sucesso, com o número de visitantes diários a ser mais do dobro do que o esperado, o edifício foi submetido a um rápido desgaste. Apenas oito anos após a sua abertura, entre 1985-86, o edifício foi fechado para trabalhos de requalificação. Este período foi aproveitado para repensar as galerias de exposição, que com a sua planta *open space* e paredes falsas temporárias para a colocação das obras, revelaram não ser a solução mais satisfatória para a sua exposição. Nesse sentido foi solicitado à arquitecta italiana Gae Aulenti (1927-2012) que desenhasse galerias mais convencionais para a exposição das obras. Apesar de se tornarem mais funcionais, estas mudanças, de certo modo, contrariaram o espírito inicial do Pompidou.

O Pompidou marcou o início de uma nova era no campo da museologia, por legitimar que cada museu procurasse a sua própria identidade e abordagem à história da arte moderna. Já não havia lugar para replicação em série do modelo do MoMA. Esta procura de individualidade não pode ser dissociada do grande desenvolvimento do turismo de massas, iniciado na década de 70; para serem atractivos, os museus tinham de contar a sua própria história, de forma diferente da do “vizinho do lado”.

### **O Pós-Pompidou**

Se até ao momento da abertura do Centro Georges Pompidou a narrativa tinha sido mais linear, centrada num número restrito de instituições e de figuras, o mesmo não acontece nos anos seguintes à sua abertura. Nas últimas décadas, um número impressionante de museus abriu portas, apesar das dificuldades financeiras com que alguns se debatem,

---

<sup>71</sup> No original: “much more complex, anarchic and volatile than so far conceded by a MoMA inspired, apolitical aestheticism and its insistence on a strictly formal and autobiographical reading of art.”

<sup>72</sup> Para um entendimento mais alargado das transformações sociais ocorridas na década de 60 e 70, assim como, para uma análise mais detalhada das inovações curatoriais de Pontus Hulten, desenvolvidas na exposição «Paris-Nova Iorque», ver tese de doutoramento de Mariana Roquette Teixeira, *Expor a História: O passado no presente. Paris New York (1977) e Monte Verità (1978)*. Tese de Doutoramento em História da Arte, especialidade em Museologia e Património Artístico, 2018

cada um deles procurando a sua própria identidade, tanto na arquitectura dos edifícios, por vezes excêntrica, como no modo de apresentar as suas colecções.

Para além de Pompidou, na busca de uma alternativa ao *white cube* do MoMA, também poderemos destacar os casos do Museu D'Orsay, que procura apresentar obras que ultrapassam a visão até então fechada da arte moderna, e o Museu de Arte Moderna de Frankfurt, pela sua rejeição na organização cronológica ou estilística das obras e em estabelecer percursos pré-determinados para o visitante. A particularidade da sua planta, que resulta em salas que diferem todas umas das outras, estimula o diálogo entre a arquitectura e as obras de arte.

Existem, contudo, algumas tendências que se fazem notar, sobretudo após a década de 80 e, pelo menos, nos museus de referência, no modo de realizar as exposições. Desde logo, a grande mudança deu-se na forma de encarar as exposições da colecção permanente, podendo perceber-se uma transição do “estático-monolítico” para o “dinâmico-temporário” (Schubert, 2000, p.35). As próprias mostras da colecção permanente transformaram-se em exposições temporárias, pela preocupação em se fazer renovações regularmente, de modo a criar novas justaposições e novas leituras das obras. Ocorreu também um aumento considerável na realização de exposições temporárias com obras cedidas por outras instituições, tornando-se estas, em muitos casos, o cerne da programação expositiva dos museus.

Ao invés do que se tornara a norma na organização das obras, de um modo histórico-cronológico, por escola, estilo e tipologia, surgiram duas novas tendências no modo de conceber as exposições: a exposição a-histórica e a exposição monográfica. Ambas se baseiam no facto de já não haver a necessidade de fornecer “uma aula” de história de arte moderna e contemporânea, pois o perfil do visitante tem-se alterado nas últimas décadas: considera-se que este é mais conhecedor dos assuntos em questão e um frequentador mais assíduo de museus.

A curadoria a-histórica procura retirar a obra do seu contexto histórico e cultural<sup>73</sup>, focando-se nas qualidades estéticas dos objectos e em estabelecer eventuais afinidades

---

<sup>73</sup> Poderemos referir como exemplo o caso das duas exposições *Meeting Point* realizadas no MCG em 2014 e 2015, e as exposições *Dangerous Liaisons* realizadas na Tate.

entre eles, mesmo quando são muito díspares. Não fornecendo informações detalhadas acerca da obra ou das intenções do artista, este modelo parte do princípio de que o visitante já é conhecedor dos assuntos em questão. Com as suas justaposições que obrigam a leituras por vezes forçadas, a curadoria a-histórica, consideram alguns, “corre o risco de ofuscar em vez de informar”<sup>74</sup> (Schubert, 2000, p.136), não cumprindo assim o desígnio educativo do museu.

A exposição monográfica tornou-se o modelo mais recorrente nos principais museus de arte moderna e contemporânea, de tal forma que a própria política de aquisições, em muitos casos se alterou. Estes procuram muitas vezes adquirir o maior número possível de obras de um número restrito de artistas, em detrimento de estabelecer uma perspectiva global da produção artística de um determinado período. Esta opção curatorial permite mostrar de um modo mais aprofundado a obra de um determinado artista, ou conjunto restrito, valorizando a componente da experiência sobre a interpretação.<sup>75</sup> A este modelo normalmente associam-se a realização de renovações expositivas regulares, que permitem contornar as eventuais restrições espaciais da instituição e assim exibir a colecção de um modo mais abrangente.<sup>76</sup> Contudo, deve-se estabelecer previamente quais as obras mais relevantes e que os visitantes realmente desejam ver, de modo a estarem permanentemente em exposição. Como aspecto menos positivo, o modelo monográfico pode dar a sensação de falta de um fio condutor ou de tema. Na opinião de Karsten Schubert, dadas as restrições espaciais com que os museus têm de lidar e a impossibilidade de colocar em exposição de uma vez só toda a história de arte moderna, este modelo de exposição rotativa monográfica afigura-se como o modelo mais vantajoso (Schubert, 2000, p.142).

---

<sup>74</sup> No original: “is in danger of obfuscating instead of informing”.

<sup>75</sup> Nicholas Serota descreve na sua obra *Experience Or Interpretation: The Dilemma of Museums of Modern Art* dois princípios associados ao modo de expor as colecções: o da interpretação e o da experiência. O princípio da interpretação implica um olhar curatorial na selecção e agrupamento de diferentes obras de diferentes artistas, de modo a determinar certas leituras das obras. O propósito maior é o educacional, sendo a interpretação a do curador e o espectador desempenha um papel mais passivo. O princípio da experiência associa-se ao *white cube*, com a eliminação de quaisquer focos de distração para o espectador. O que importa é a obra em si, perdendo-se assim o foco no carácter educacional.

<sup>76</sup> A Tate Modern foi uma das primeiras instituições a implementar este modelo em grande escala, desde 1989. As renovações realizadas anualmente contornaram a insuficiência espacial para expor uma colecção tão vasta.

Outro modelo surgido em oposição ao do *withe cube*, procura recontextualizar as obras no mundo fora do museu, através de painéis informativos, documentos, fotografias, etc, valorizando o papel da arte como prática crítica. Muitas vezes, porém, desvaloriza a vertente estética das obras.

Só mais recentemente, neste início do século XXI, começou a ser questionada, por um número mais abrangente de instituições museológicas, a tendência de reduzir a complexa e variada produção artística a uma narrativa linear e com um ponto de vista único: o ocidental, masculino e elitista (Barker, 1999, p.25). A ultrapassagem destes aspectos configura-se, actualmente, como um dos maiores desafios para os museus.

### Capítulo 3: As exposições da colecção permanente no CAM, 1983-2016

Pretende-se fazer neste capítulo uma sistematização das apresentações da colecção de arte moderna e contemporânea da FCG realizadas nas galerias do CAM. Deste modo, ficam excluídas as exposições promovidas pelo CAM, também com obras da sua colecção, no exterior, mas também as realizadas na Galeria de Exposições Temporárias do CAM e nos outros espaços expositivos da FCG.

As exposições da colecção raramente tiveram publicações associadas, com excepção do período em que se realizaram as exposições temáticas, sob a direcção de Isabel Carlos, que foram sistematicamente acompanhadas de uma publicação. Por conseguinte, a informação disponibilizada, tanto quanto às obras expostas, como no modo de organização das mesmas, apresenta-se como escassa, impossibilitando uma análise mais profunda das mesmas.

#### **Julho de 1983 – Março de 1985**

A 26 de Julho de 1983 o CAM abriu portas ao público com uma mostra permanente da sua colecção, no hall e nas três galerias, propondo um percurso pela arte portuguesa desde a segunda década do século XX até àquele momento. Foi, no entanto, dada uma maior atenção ao período entre os anos 10 e os anos 40, por ser, na perspectiva dos responsáveis da instituição, o período mais negligenciado no conhecimento do público.

A exposição iniciava-se no hall, que antecede a entrada das galerias<sup>77</sup>, com cinco obras de José Almada Negreiros, os dois trípticos em tapeçaria «A Partida dos Emigrantes» e «Domingo Lisboeta», obras que replicam os frescos da Gare Marítima da Rocha do Conde de Óbidos, juntamente com mais três pinturas.<sup>78</sup> Na grande nave ficou exposta a pintura, escultura e objectos de artistas portugueses; no piso superior a pintura e escultura estrangeira; e, no piso inferior, as obras de desenho, gravura e livros, havendo

---

<sup>77</sup> Nessa altura a sala anexa ao hall servia para a recepção de grupos de visitantes.

<sup>78</sup> «Auto-Retrato num grupo (Pintura decorativa – Café “A Brasileira” do Chiado)», «Retrato de Fernando Pessoa» e «Homenagem a Luca Signorelli».

também um espaço reservado à projecção de audiovisuais<sup>79</sup> e realização de pequenas exposições temporárias.<sup>80</sup> Para a montagem das obras bidimensionais foram utilizados painéis articulados amovíveis, que criavam percursos dentro da galeria.

Não tendo sido possível analisar os critérios de apresentação das obras, pode afirmar-se que eles andaram entre a cronologia e as afinidades temáticas e/ou geracionais.

*Figura 1: Vista da primeira montagem do CAM (1983-1985), piso superior*



Fonte: Arquivo Digital Gulbenkian

### **Julho 1985 – Junho 1989**

A realização da «Exposição-Diálogo», que decorreu entre 29 de Março e 16 de Junho de 1985, obrigou à desmontagem de toda a exposição.<sup>81</sup> Durante o período em que essa exposição decorreu foi possível repensar o modo de apresentação da colecção, tendo

---

<sup>79</sup> Projecção de filmes e diaporamas que documentavam a evolução da arte portuguesa a partir de 1911 e da arte moderna em geral.

<sup>80</sup> É mencionado no Roteiro do Museu de 1983 a exposição sobre a evolução do design no mobiliário, da qual foram também encontrados registos fotográficos.

<sup>81</sup> A Exposição-Diálogo foi patrocinada pelo Conselho da Europa e teve itinerância por diversos museus europeus. No CAM ocupou todos os espaços expositivos e Galerias de Exposição Temporária da Sede da FCG. A exposição pretendia “examinar o papel desempenhado pelo museu na apresentação da arte contemporânea ao público, com o objectivo de melhor compreender a sua contribuição tanto para a renovação da nossa «herança» como, consequentemente, para a formação da nossa «identidade». A exposição foi «um diálogo – entre artistas, entre museus, entre tendências e formas»” (Relatório Anual, 1985, p.27)



sido considerado que esta deveria ter um carácter mais didáctico. Inaugurado em Julho desse ano, o novo arranjo foi organizado em quinze núcleos. Começando no *hall* com obras de Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918) e do casal Delaunay, Robert (1885-1941) e Sonia (1885-1979), o percurso continuava no piso inferior (que deixou de ser exclusivo para as obras com suporte em papel) com obras, num percurso cronológico, até finais da década de 50. A nave ficou reservada para as principais tendências da arte portuguesa entre 1960 e 1985. No piso superior foram realizadas algumas exposições temporárias,<sup>82</sup> sendo também referida, por José Sommer Ribeiro (1924-2006)<sup>83</sup>, na publicação de 1987, *FCG, CAM*, a intenção futura de expor obras dos três núcleos fundamentais de arte estrangeira da colecção, ou seja, do núcleo de arte britânica, do núcleo de arte arménia, com destaque para as obras de Arshile Gorky, (1904-1948) e do

---

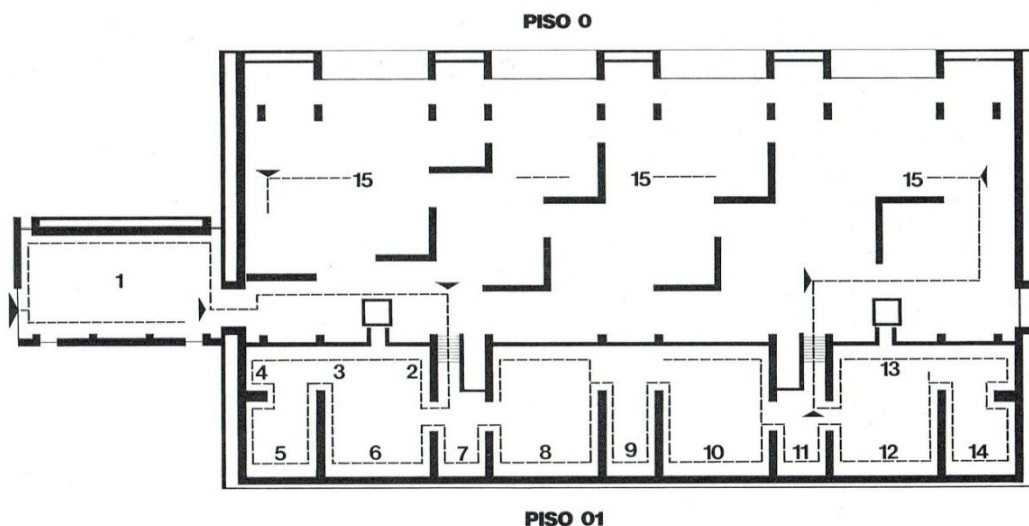
<sup>82</sup> «Um rosto para Fernando Pessoa : obras de trinta e cinco artistas portugueses contemporâneos» (Julho de 1985 – Setembro de 1985); «Os Grandes Projectos Arquitectónicos em Paris, 1979-1989» (22 de Outubro de 1985 – 30 de Novembro de 1985); «Artistas premiados na I e II Exposições de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian» (20 de Julho de 1986 – 31 de Agosto de 1986); «Arpad Szenes : Luz : Portugal» (Maio de 1987 – Junho de 1987); «10 Amadores : Desafio de Amadeo aos Artistas Contemporâneos» (Julho de 1987 – Novembro de 1987) e «Arquitectura premiada em Lisboa – Prémio Valmor — Exposição Comemorativa do 50.º Aniversário da Criação do Prémio Municipal de Arquitectura» (17 de Março de 1988 – 30 de Abril de 1988).

<sup>83</sup> Iniciou a sua colaboração com a FCG em 1956, integrando a equipa do Serviço de Projectos e Obras. Participou, na qualidade de arquitecto da Fundação, no processo de construção do primeiro complexo de edifícios da FCG. Foi nomeado director do Serviço de Exposições e Museografia em 1969 e, em 1981, director do CAM, cargo que desempenhou até 1994.

Figura 2: Planta da exposição, 1985-89

**GALERIA 0**

- 1 Amadeo de Souza-Cardoso/Eduardo Vianna
- 15 Tendências da Arte Portuguesa, 1960-1985



**GALERIA 01**

- 2 Amadeo de Souza-Cardoso (desenhos)
- 3 Bolseiros de Paris no começo do século
- 4 Almada Negreiros (pintura decorativa)
- 5 Humoristas
- 6 Anos 20
- 7 Almada Negreiros
- 8 Anos 30/40
- 9 Neo-realismo
- 10 Surrealismo
- 11 Abstraccionismo Geométrico
- 12 Anos 50
- 13 Abstraccionismo
- 14 Paisagismo e Figurativismo Abstractizante

**CENTRO DE ARTE MODERNA**  
**Museu**

Fonte: Roteiro do Centro de Arte Moderna, 1985

núcleo constituído por obras de Arpad Szenes (1897-1985) e Maria Helena Vieira da Silva.<sup>84</sup>

Do ponto de vista da museografia, os anteriores painéis articulados amovíveis foram substituídos por paredes, a meia altura e em formato de “L”, que pontuaram toda a nave.

<sup>84</sup> Apesar de não ter sido possível confirmar se esta intenção se concretizou, tendo em atenção as datas das exposições temporárias que nesse período ocorreram, quase ininterruptamente entre Julho de 1985 e Abril de 1988, e o facto de não se ter registado mais nenhuma exposição temporária até Julho de 1989, torna plausível que essa montagem tenha efectivamente acontecido entre Maio de 88 e Junho de 89.

*Figura 3: Vista da nave (montagem 1985-1989)*



Fonte: Arquivo Digital Gulbenkian

Esta apresentação da colecção permanente ficou patente até Junho de 1989, tendo sido procedida a sua desmontagem para a realização da exposição «Arte em Berlim : 1900 até hoje».<sup>85</sup>

### **Outubro de 1989 – Dezembro de 1990**

Com o fim da exposição «Arte em Berlim» procedeu-se a uma nova montagem da colecção permanente e deu-se início a uma programação regular de exposições temporárias nos pisos 01 e 1, com destaque para a prática de exposições monográficas,

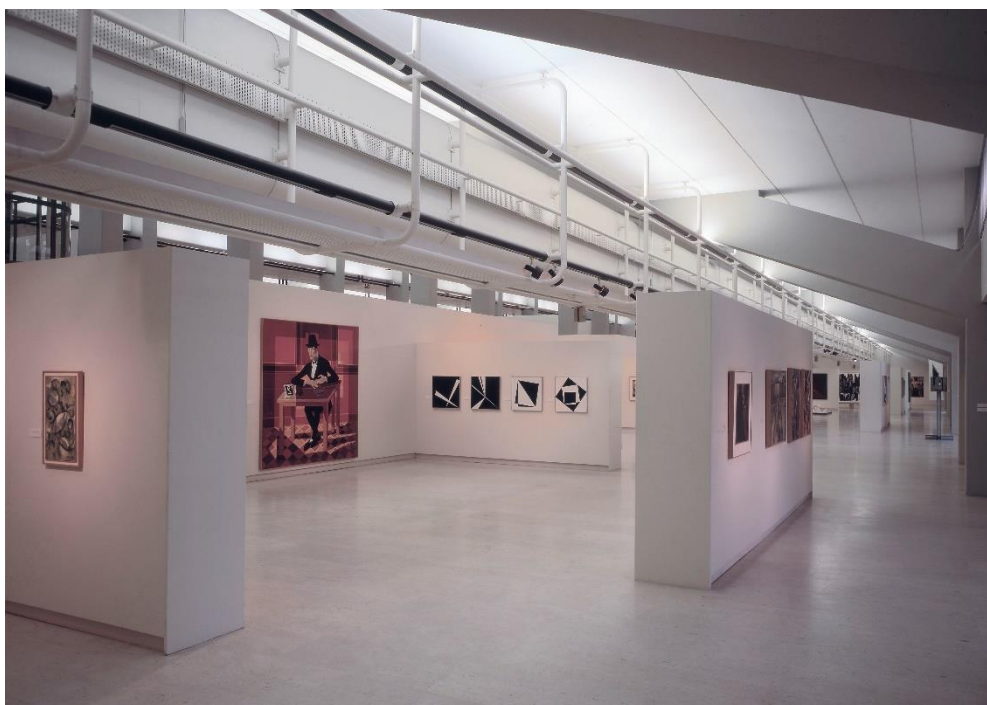
---

<sup>85</sup> Realizada entre 26 de Julho e 24 de Setembro de 1989.

antológicas e retrospectivas de artistas portugueses<sup>86</sup>, e, ocasionalmente, de artistas estrangeiros,<sup>87</sup> prática essa que se manteve até muito recentemente.

A colecção permanente foi instalada na grande nave e, pelo menos até Janeiro de 1990, no piso superior, ficando cingida à grande nave a partir de Fevereiro desse ano.

*Figura 4: Vista da nave (montagem 1989-1990)*



Fonte: Arquivo Digital Gulbenkian

Como é visível no registo fotográfico, na nave, as paredes divisórias foram alteradas em relação à montagem anterior, abandonando o formato de “L”. Nela foi apresentada a produção artística portuguesa, com uma organização das obras por artista (é possível observar num dos registos fotográficos, obras de José Almada Negreiros de diferentes

---

<sup>86</sup> Por exemplo, «Bartolomeu Cid dos Santos, Exposição Retrospectiva» (25 de Outubro de 1989 – 26 de Novembro de 1989, piso 01); «Os Reis : Costa Pinheiro, 1964-1966 : retrospectiva» (29 de Novembro de 1989 – 14 de Janeiro de 1990, piso 01); ou «António Areal : primeira retrospectiva» (20 de Julho de 1990 – 14 de Agosto de 1990, piso 1)

<sup>87</sup> Por exemplo, «Duane Michals – Há palavras que têm de ser ditas» (26 de Abril de 1990 – 27 de Maio de 1990, piso 01) ou «Krzysztof Pruszkowski Fotosynteza 1975-1988» (21 de Agosto de 1990 – 30 de Setembro de 1990)

períodos no mesmo núcleo) e por movimento/afinidades formais. No piso superior ficou a arte estrangeira.<sup>88</sup>

#### **Fevereiro de 1991 – Abril de 1994**

A exposição temporária «Papagaios – Pinturas para o Céu»<sup>89</sup>, que ocupou o hall e os três pisos do edifício, obrigou a nova desmontagem da colecção permanente. A nova montagem, que ocorreu após o encerramento da exposição, manteve-se cingida à grande nave, “seguindo a linha de orientação da montagem anterior, que respeitando uma ordem cronológica, privilegiava núcleos de artistas mais representativos dos vários movimentos da arte portuguesa deste século”<sup>90</sup>. No entanto, de modo a fazer um percurso mais conciso e claro para o visitante, o número de artistas representados foi reduzido. A mostra foi ainda enriquecida com obras cedidas temporariamente pela Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD).<sup>91</sup> No piso superior foi também realizada uma exposição temporária com artistas britânicos e arménios da colecção.<sup>92</sup>

---

<sup>88</sup> Só consegui identificar, nos registos fotográficos, as obras de Arshile Gorky.

<sup>89</sup> Exposição organizada pelo Goethe Institut de Osaka, percorreu diversos museus, no Japão, Europa e Canadá. O CAM também fez parte da itinerância, estando esta patente, entre 4 de Janeiro e 3 de Fevereiro de 1991.

<sup>90</sup> Relatório Anual, 1991, p.48

<sup>91</sup> A FLAD é detentora de uma colecção de arte contemporânea portuguesa, actualmente em depósito na Fundação de Serralves. Iniciada em 1986, conta actualmente com mais de mil obras, das diversas áreas da produção artística portuguesa.

<sup>92</sup> «Arte Britânica Moderna do acervo do CAM» (Janeiro de 1991 – Maio de 1992, piso 1)

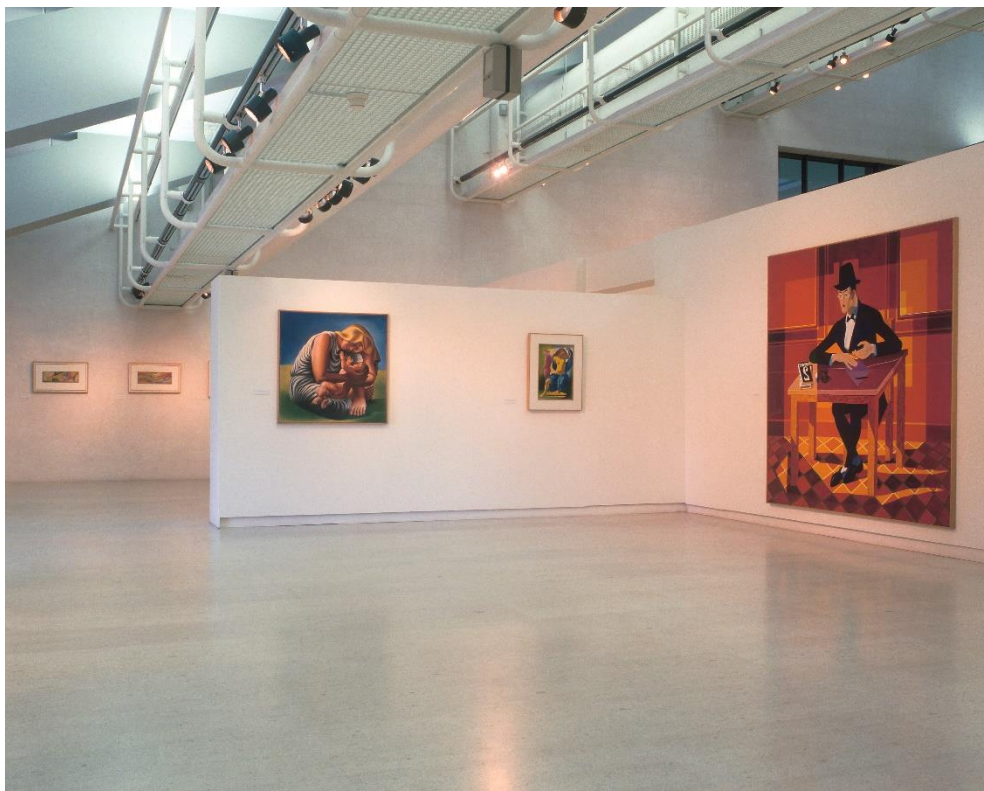


*Figura 5: Vista da exposição «Arte Britânica Moderna do acervo do CAM»*



Fonte: Arquivo Digital Gulbenkian

*Figura 6: Vista da nave (montagem 1991-1994)*



Fonte: Arquivo Digital Gulbenkian

Em Abril de 1994, pouco tempo antes da saída de Sommer Ribeiro do cargo de director do CAM<sup>93</sup>, procedeu-se a uma pequena remodelação da mostra da colecção permanente, procurando dar mais destaque a autores e obras das décadas de 80 e 90 e a obras que tivessem sido recentemente adquiridas.

### **Maio de 1994 – Maio de 1997**

Por estes anos, já com Jorge Molder (1947-)<sup>94</sup> no cargo de director, importa referir a realização de duas exposições temporárias com base em obras da colecção: «Desenhos do Corpo»<sup>95</sup> e «Desenhos Britânicos da Colecção do CAMJAP»<sup>96</sup>, ambas realizadas no piso inferior.

Quanto à mostra da colecção, esta manteve-se restrita à nave, apresentando uma museografia idêntica aos anos anteriores, havendo alguma rotação das obras, o que revela que o foco de atenção dos responsáveis pendeu sobre a programação das exposições temporárias.

---

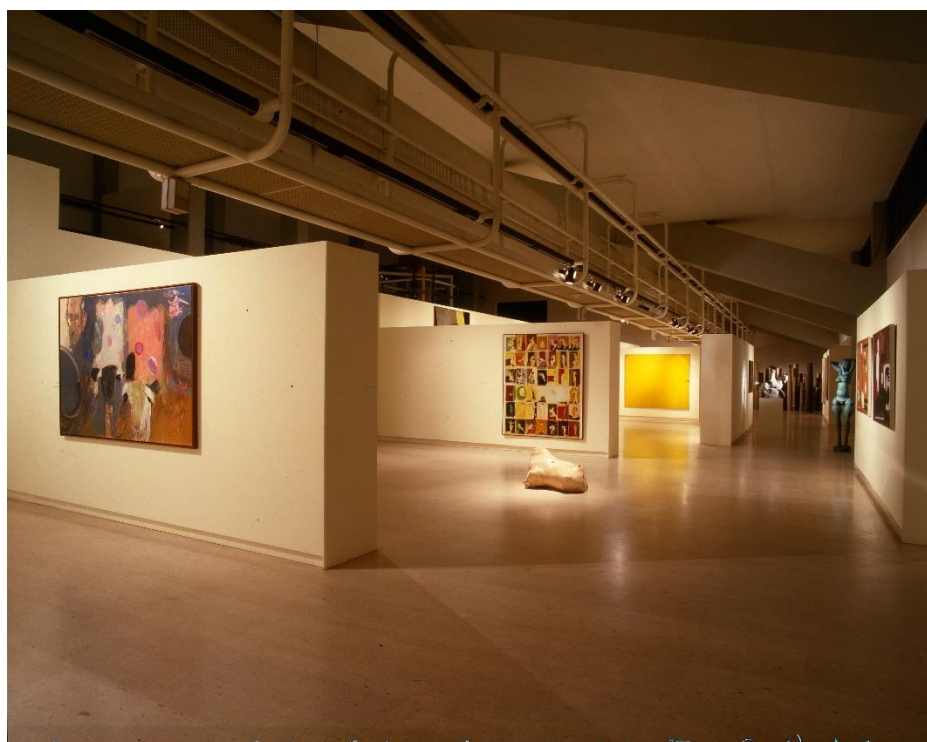
<sup>93</sup> Sommer Ribeiro abandona o cargo de director por motivo de reforma a 1 de Junho de 1994, sucedendo-lhe Jorge Molder, seu director-adjunto desde 1990.

<sup>94</sup> Foi director do CAM entre 1994 e 2009. Artista com importante obra no panorama nacional, privilegia a fotografia como meio e a auto-representação como tema.

<sup>95</sup> Exposição realizada no piso 01, entre 10 de Outubro de 1995 e 28 de Janeiro de 1996, em torno da temática da representação do corpo reuniu obras de Amadeo de Souza-Cardoso, Bernardo Marques, Mário Eloy, Gaëtan, Julião Sarmento, Pedro Sousa Vieira e Rui Chafes.

<sup>96</sup> Exposição realizada entre 7 de Março e 19 de Maio de 1996 no piso 01. Reuniu obras em papel do núcleo de arte britânica, 47 no total, datadas entre o fim dos anos 50 e inícios dos anos 70.

*Figura 7: Vista da nave (montagem 1994-1997)*



Fonte: Arquivo Digital Gulbenkian

### **Junho de 1997 – Outubro de 2000**

Em Maio de 1997, após o término da exposição «A Ilha do Tesouro»<sup>97</sup>, o museu foi encerrado ao público, de modo a reformular a exposição da colecção permanente. Reconhecendo-se que somente a afectação da nave principal para essa finalidade era manifestamente insuficiente, foi decidido que a galeria do piso inferior também passaria a estar atribuída a esse fim, passando a nela estarem expostas as obras referentes à primeira metade do século XX português, incluindo também alguns artistas estrangeiros, que tivessem sido manifestamente importantes influências para os seus pares portugueses. Na nave ficaram expostas as obras produzidas durante a segunda metade do século XX. No piso 1 prosseguiu-se com a programação de exposições temporárias, continuando a tónica nas monográficas.<sup>98</sup> Na organização do espaço

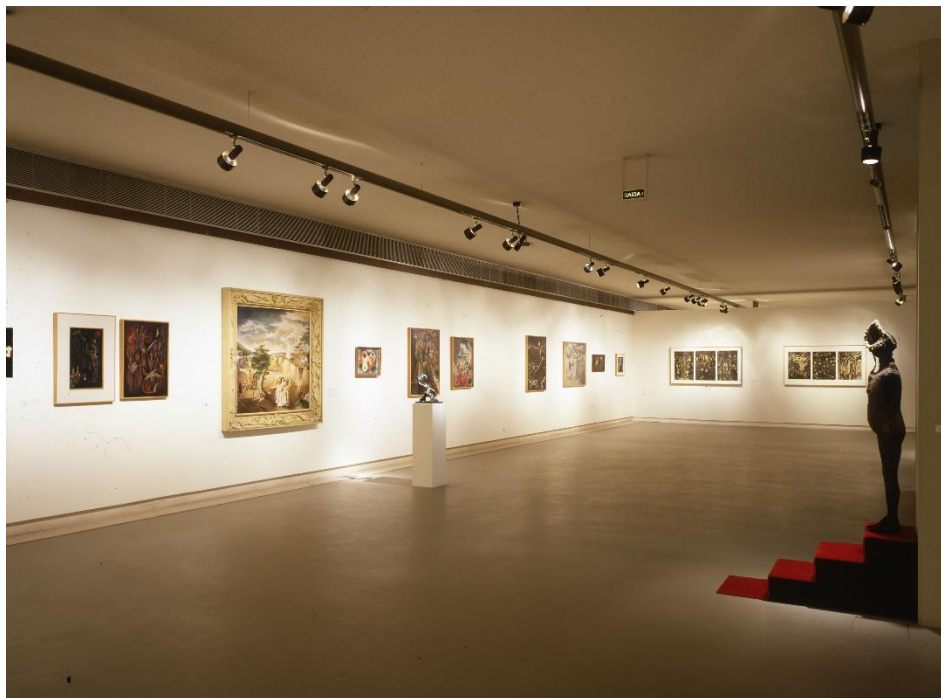
<sup>97</sup> A exposição decorreu entre 7 de Fevereiro e 4 de Maio de 1997 nas galerias do piso 01 e 1 e na Sala de Exposições Temporárias do CAM.

<sup>98</sup> Por exemplo, «Pedro Casqueiro» (4 de Junho de 1997 – 14 de Setembro de 1997); «Eduardo Batarda : Pinturas, 1965-1998» (3 de Março de 1998 - 10 de Maio de 1998); «Paula Rego» (18 de Maio de 1999 – 29 de Agosto de 1999) e «Flashback – Julião Sarmento» (24 de Fevereiro de 2000 – 14 de Maio de 2000)



“optou-se por uma montagem mais espaçosa, procurando tirar-se o melhor partido da assinalável altura deste espaço expositivo.”<sup>99</sup>

*Figura 8: Vista do piso inferior (montagem 1997-2000)*

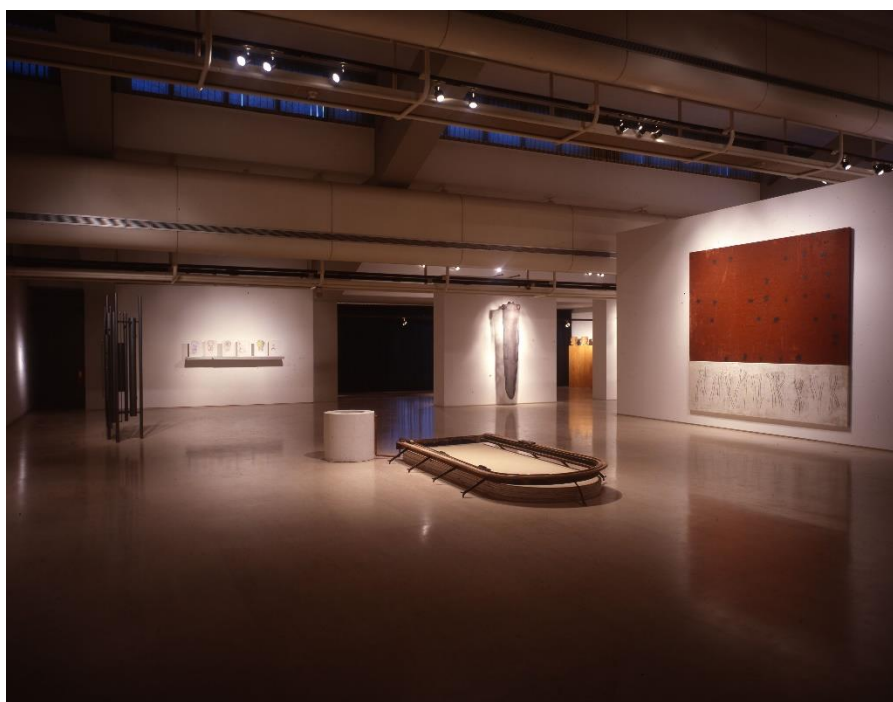


Fonte: Arquivo Digital Gulbenkian.

---

<sup>99</sup> Relatório, balanço e contas, 1997, p.61

*Figura 9: Vista do piso inferior (montagem 1997-2000)*



Fonte: Arquivo Digital Gulbenkian

Esta mostra da colecção manteve-se até Outubro de 2000, momento da realização da exposição «Século 20: Arte do Brasil»<sup>100</sup>, que, ocupando todos os espaços expositivos do CAM e a Galeria de Exposições Temporárias da Sede – Piso 01, obrigou à desmontagem de todos os núcleos expositivos.

#### **Abril de 2001 – Junho de 2006**

Após a exposição «Século 20: Arte do Brasil», o Centro encerrou durante três meses<sup>101</sup>, para se efectuarem obras de reparação no edifício. Esse período foi igualmente aproveitado para repensar a mostra da colecção permanente na nave central e no piso inferior.

No novo arranjo foi tomada a opção por uma organização “predominantemente temporal, por razões de algum modo didácticas”<sup>102</sup>. A nave central foi novamente

---

<sup>100</sup> Realizada entre 25 de Outubro de 2000 e 21 de Janeiro de 2001.

<sup>101</sup> Entre 22 de Janeiro e 19 de Abril de 2001.

<sup>102</sup> Relatório, balanço e contas, 2001, p.61

dedicada à arte portuguesa da segunda metade do século XX, com excepção das obras de Amadeo, que, colocadas no início da galeria, faziam “uma proposta de enfrentamento entre essa redescoberta de Amadeo (anos 60) e a revisitação ao célebre quadro de Picasso, *Les Femmes d’Alger*, por António Areal.”<sup>103</sup> Sempre que possível, procurou-se também estabelecer um diálogo com obras de arte britânica. No piso 01, por sua vez, “optou-se pela radical simplificação do espaço (...) por se pensar que a sua linearidade constituiria um contraponto desejável à carga de «construção» do piso 0.”<sup>104</sup>

*Figura 10: Vista do piso inferior (montagem 2001-2006)*

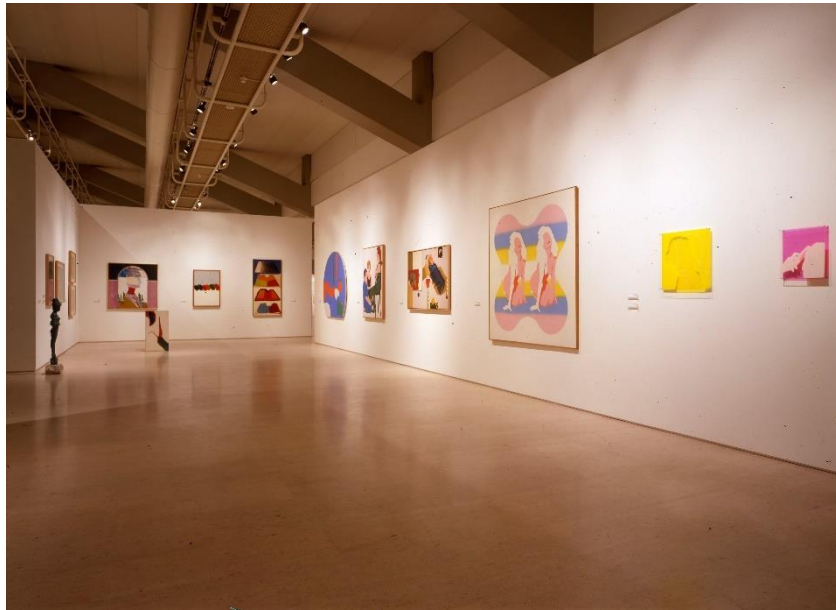


Fonte: Arquivo Digital Gulbenkian.

<sup>103</sup> Relatório, balanço e contas, 2001, p.61

<sup>104</sup> Relatório, balanço e contas, 2001, p.61

*Figura 11: Vista da nave (montagem 2001-2006)*



Fonte: Arquivo Digital Gulbenkian

Todavia, a principal novidade desta montagem residiu na criação de duas zonas, uma na nave central e outra no piso inferior, destinadas à realização de pequenas exposições temporárias, designadas como exposições rotativas, com obras da colecção que dificilmente se integrariam no discurso da exposição permanente. Estas exposições, com carácter semestral, foram realizadas até ao ano de 2006.<sup>105</sup>

Também de referir a exposição temporária «Densidade Relativa»<sup>106</sup>, que apresentou 46 obras pertencentes à colecção.<sup>107</sup>

### **Julho de 2006 – Janeiro de 2009**

As comemorações do 50º Aniversário da FCG obrigaram a nova desmontagem da exposição permanente. No âmbito das comemorações<sup>108</sup> estiveram patentes as

<sup>105</sup> Ver Anexo II, com a listagem das exposições rotativas realizadas nesses anos.

<sup>106</sup> 28 de Outubro de 2005 – 22 de Janeiro de 2006, piso 1 do CAM

<sup>107</sup> A exposição foi também apresentada no Centro da Artes de Sines e no Centro Cultural Emmerico Nunes em Sines, entre 12 de Agosto e 29 de Outubro de 2006.

<sup>108</sup> De salientar também a exposição «50 Anos de Arte Portuguesa», realizada nas duas Galerias de Exposições Temporárias do Edifício Sede, entre 6 de Junho e 9 de Setembro de 2007. Reuniu cerca de 150 obras da colecção de arte moderna da FCG e documentação proveniente do Arquivo Gulbenkian.

exposições «Pedro Cabrita Reis : Fundação»<sup>109</sup>, na nave central do CAM, e, no piso inferior, «A partir da Colecção»<sup>110</sup>, com curadoria de Leonor Nazaré e Jorge Molder.

Findadas as comemorações, determinou-se que a mostra da colecção passaria a estar patente nas galerias do piso 01 e 1. Dada a redução do espaço expositivo que esta decisão implicou, optou-se por organizar a mostra em dois momentos distintos. O primeiro, iniciado em Setembro de 2007 até Maio de 2008, apresentou no piso inferior obras do 1º e 2º Modernismo, do Surrealismo e Expressionismo dos anos 40 e 50 e obras dos anos 60. No piso 1 ficaram expostas as obras da segunda metade do século XX, com o foco na pintura de grande formato, na escultura e na instalação.

*Figura 12: Vista do piso inferior (montagem Setembro 2007-Maio 2008)*



*Fonte: Arquivo Digital Gulbenkian.*

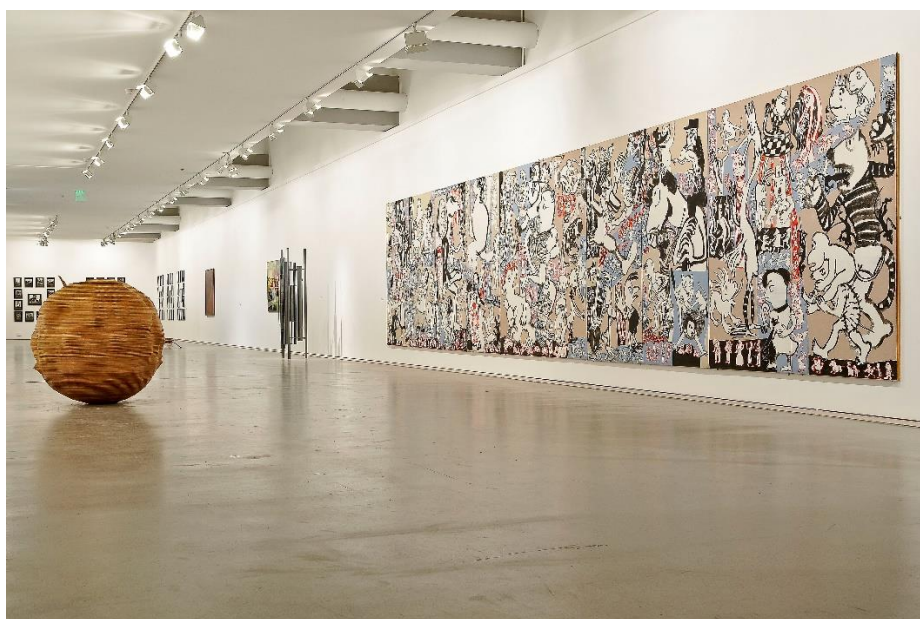
---

<sup>109</sup> (17 de Outubro de 2006 – 29 de Abril de 2007)

<sup>110</sup> (18 de Julho de 2006 – Abril de 2007)



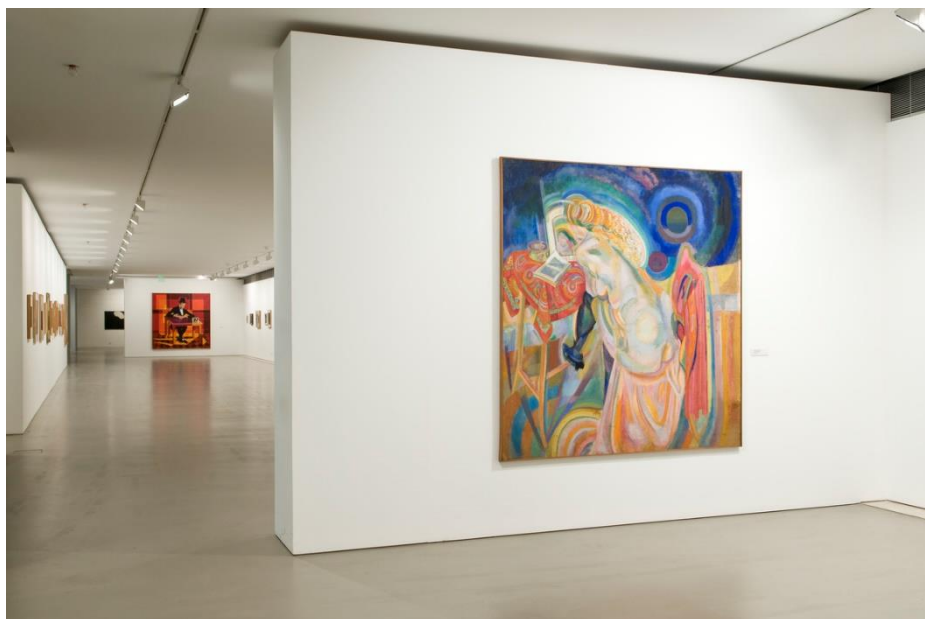
*Figura 13: Vista do piso superior (montagem Setembro 2007-Maio 2008)*



*Fonte: Arquivo Digital Gulbenkian.*

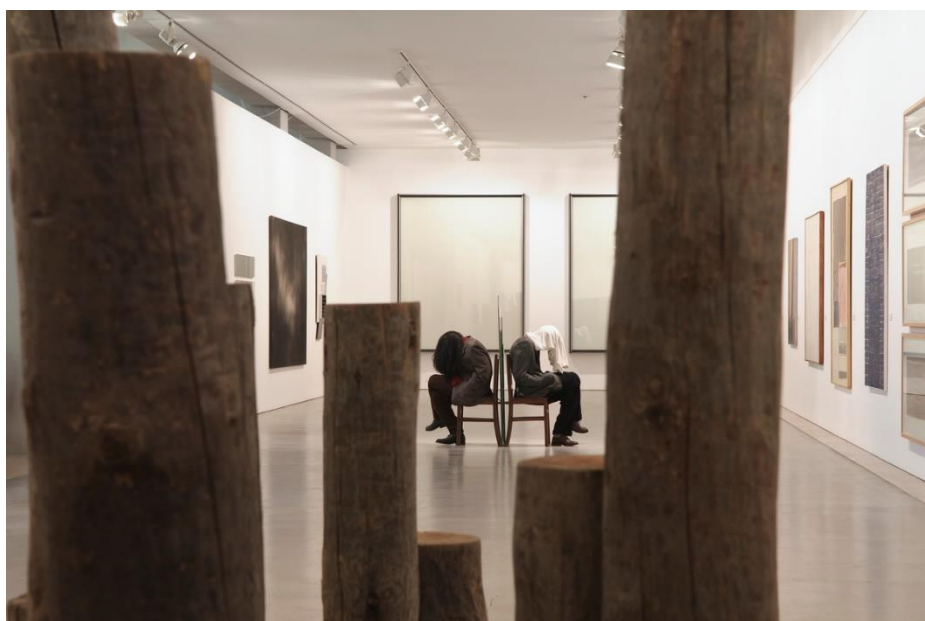
No segundo momento, decorrido entre 18 de Julho de 2008 e 10 de Janeiro de 2009, fez-se, no piso inferior, uma perspectiva histórica da arte portuguesa, partindo da obra de Amadeo de Souza-Cardoso até fins da década de 50. No piso superior ficaram expostas as pinturas de artistas portugueses e britânicos, com alguns casos de escultura e fotografia, iniciando com as figurações *pop* dos anos 60 e a pintura figurativa de tradição britânica, passando pelas abstracções pós-*pop* e de tendência minimalista. O percurso era completado, neste piso, com uma sala dedicada ao desenho e à escultura.

*Figura 14: Vista do piso inferior (montagem Julho 2008-Janeiro 2009)*



Fonte: Arquivo Digital Gulbenkian

*Figura 15: Vista do piso superior (montagem Julho 2008-Janeiro 2009)*



Fonte: Arquivo Digital Gulbenkian

## 2009 - 2016

Já sem Jorge Molder no cargo de director<sup>111</sup>, importa destacar duas exposições realizadas em 2009 com base nas obras da colecção: «Heimo Zobernig e a Colecção do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian»<sup>112</sup> e «Aspectos da Colecção – por Jorge Molder».<sup>113</sup>

Com a entrada de Isabel Carlos (1962-)<sup>114</sup> para o cargo de directora do CAM, em Abril de 2009, iniciou-se um novo ciclo na vida da instituição, com uma programação mais centrada nas exposições temporárias, relegando a mostra da colecção permanente unicamente para um dos pisos do edifício, entre Janeiro de 2010 e Maio de 2012 no piso 01 e entre Julho de 2012 e Abril de 2013 no piso 1.<sup>115</sup>

Apesar de esta ter passado a estar presente somente num piso, a programação expositiva de Isabel Carlos ficou marcada pelas numerosas exposições temporárias realizadas com obras da colecção<sup>116</sup>, seleccionadas em diálogo com as outras exposições temporárias que decorriam simultaneamente.<sup>117</sup>

A exposição «Sob o Signo de Amadeo – Um Século de Arte»<sup>118</sup>, assinalou o 30º aniversário do CAM. Ocupando todos os espaços expositivos do Centro, apresentou ao público mais de 300 obras da colecção. A galeria do piso 01 foi inteiramente dedicada à obra de desenho e pintura de Amadeo de Souza-Cardoso; no piso 1 foram expostas “as

---

<sup>111</sup> Cessou as suas funções a 11 de Janeiro de 2009, por pedido de reforma antecipada.

<sup>112</sup> De 11 de Fevereiro de 2009 a 24 de Maio de 2009, nos três pisos do CAM. Comissariada por Jürgen Bock e realizada em parceria com a Tate St Ives, a exposição apresentou obras do artista austríaco na nave principal e obras que o próprio artista seleccionou das colecções de arte moderna da Gulbenkian e da Tate, dispostas de um modo cronológico nas galerias do piso inferior e superior.

<sup>113</sup> De 19 de Junho de 2009 a 30 de Agosto de 2009, no piso 0 do CAM. Com curadoria de Jorge Molder, foram expostas obras de 8 artistas da colecção: Francisco Tropa, Armando Basto, Michael Bieberstein, Pepe Diniz, Manuel Cargaleiro, Fernando Calhau e António Areal.

<sup>114</sup> Licenciada em Filosofia pela Universidade de Coimbra e mestre em Comunicação Social pela Universidade Nova de Lisboa. Desenvolve trabalho na área da crítica de arte desde 1991; foi co-fundadora e subdirectora do Instituto de Arte Contemporânea; participou, na qualidade de júri, em vários prémios internacionais e comissariou diversas exposições de arte.

<sup>115</sup> Importa referir a exposição temporária «Anos 70 – Atravessar Fronteiras» (9 de Outubro de 2009 - 3 de Janeiro de 2010, Galerias do CAM), que apesar de não constituída somente por obras da colecção de arte moderna da FCG, foi um acontecimento relevante na programação do CAM, dando um entendimento da produção artística portuguesa da década de 70.

<sup>116</sup> Também de referir a exposição «Olhos nos Olhos : o Retrato na Colecção do CAM» realizada na Galeria de Exposições Temporárias do Edifício Sede – Piso 0, entre 22 de Julho de 2015 e 19 de Outubro de 2015, com curadoria de Isabel Carlos, apresentou 109 obras da colecção.

<sup>117</sup> Ver Anexo III, com a listagem das exposições temporárias com obras da colecção.

<sup>118</sup> Realizada entre 26 de Julho de 2013 e 19 de Janeiro de 2014



obras-primas da colecção”<sup>119</sup>; na nave, “foi prestada uma particular atenção ao corpo humano e às ações performativas, aproximando o papel da vanguarda do público atual, e lembrando o museu como lugar de encontros com a arte viva.”<sup>120</sup> Na sala que antecede as galerias estabeleceu-se um diálogo entre arte portuguesa e arte britânica, em torno da linguagem *pop*. Na Sala Polivalente foi mostrada a colecção de filme e vídeo e na Galeria de Exposições Temporárias uma selecção de desenhos em torno da temática do palco e da teatralidade na modernidade. A exposição foi ainda acompanhada de um ciclo de *performances* e de um Colóquio Internacional sobre Amadeo de Souza-Cardoso. Após esta exposição não ocorreu nova montagem genérica da colecção permanente, até ao fim da direcção de Isabel Carlos.<sup>121</sup>

Iniciou-se um novo ciclo na vida do CAM com a entrada de Penelope Curtis<sup>122</sup> para directora do MCG, escolhida pelo Conselho de Administração da FCG, após um concurso internacional, para operar uma fusão dos seus dois museus. Esta reestruturação, que estava prevista para 2017, foi antecipada com a saída precoce de Isabel Carlos. Correspondendo aos desejos da Administração da FCG, foi implementada, de um modo faseado, uma nova exposição da colecção permanente nas galerias dos três pisos – a exposição «Portugal em Flagrante».

---

<sup>119</sup> Relatório e Contas, 2013, p.112

<sup>120</sup> Relatório e Contas, 2013, p.112

<sup>121</sup> Isabel Carlos saiu antecipadamente da direcção do CAM, no final de 2015, não cumprindo o mandato que terminava em 2017.

<sup>122</sup> Penelope Curtis passa a ser a directora do CAM a 1 de Janeiro de 2016, após a saída antecipada de Isabel Carlos.

### **Portugal em Flagrante: Operação 1, 2 e 3**

A exposição «Portugal em Flagrante»<sup>123</sup> constituiu-se como a nova apresentação da colecção de arte moderna e contemporânea da FCG. Esta foi faseada em três momentos distintos – as Operações 1, 2 e 3 – correspondendo cada um destes à apresentação de uma tipologia de obra em cada um dos pisos do edifício. A exposição procurou dar uma panorâmica geral da produção artística portuguesa dos séculos XX e XXI, estabelecendo uma relação com a história cultural e sociopolítica portuguesa, realçando momentos importantes da nossa história e as suas particularidades relativamente ao contexto internacional.<sup>124</sup>

A «Operação 1» inaugurou, na galeria do piso inferior, em Julho de 2016, com a apresentação de obras com suporte em papel<sup>125</sup> e de um vasto conjunto documental proveniente da Biblioteca de Arte da FCG.<sup>126</sup>

O espaço fica marcado pela mesa-vitrina que se prolonga ao longo de toda a parede de fundo da galeria, na qual se apresentam algumas obras da colecção de pequena dimensão e, maioritariamente, o acervo documental proveniente da Biblioteca de Arte, que assinala acontecimentos importantes da vida cultural portuguesa. Salienta-se aqui o papel colaborativo da Biblioteca nesta apresentação, ficando a seu cargo a responsabilidade de escolha e substituição do espólio documental, assim como, na redacção dos pequenos textos que surgem ao longo de toda a vitrina.

---

<sup>123</sup> A exposição apropria-se do nome de uma rubrica da revista *Ilustração Portuguesa*, editada no início do século XX.

<sup>124</sup> Ver Anexo IV, com a listagem das obras presentes na montagem original desta exposição.

<sup>125</sup> Desenho, gravura, pintura, e fotografia, mas, também existem casos de obras com suporte multimédia e tridimensionais.

Devido à natureza mais frágil das obras com suporte em papel e do conjunto documental, a galeria do piso inferior é manifestamente a mais adequada para a sua exposição, por permitir um maior controlo sobre os níveis de luminosidade. Por esse motivo estas obras também requerem um menor tempo de exposição.

<sup>126</sup> Monografias, jornais e revistas, catálogos de exposições, livros de artista, desenhos de arquitectura e fotografias dos Estúdios Novais.

Na parede adjacente à vitrina é estabelecida uma cronologia em que se assinala, através de um conjunto de textos de parede, momentos importantes da história de Portugal no século XX e XXI, começando no Regicídio de 1908, passando pela Implementação da República, em 1910; a participação portuguesa na 1ª Guerra Mundial; a Exposição do Mundo Português, de 1940; o período pós 2ª Guerra Mundial da década de 1950; a Guerra Colonial, iniciada em 1961; o 25 de Abril de 1974; o êxodo de África de mais de meio milhão de portugueses, em 1975; a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia em 1986; a Exposição Internacional de Lisboa de 1998; culminando nas manifestações anti-troika, que tiveram o seu auge na manifestação de 2013.

A apresentação das obras é tendencialmente cronológica, tal como aconteceu com as duas seguintes «Operações», com as obras do início do século localizadas na parte direita da galeria, na perspectiva de quem desce as escadas, avançando progressivamente no tempo para a esquerda. No entanto, verificam-se algumas excepções, de casos de artistas contemporâneos que procuram na história recente do país tema para a sua produção artística. É exemplo a série de José Luís Neto (1966-), «22474», em que o artista se apropria de uma fotografia produzida por Joshua Benoliel (1873-1932), em 1913, que capta a cerimónia de abolição do capuz na penitenciária de Lisboa, ampliando e fragmentando o rosto tapado de cada um dos reclusos.<sup>127</sup>

O espaço da galeria, no lado oposto ao da vitrina, foi dividido em sete secções, que delimitam espaços temporais e temáticos.

A selecção das obras expostas procurou dar ênfase ao carácter mais interventivo e político que a arte pode adquirir, evidenciando que esta não pode ser desassociada do contexto em que é produzida e que pode ser um agente promotor de mudança na sociedade.

A «Operação 2» foi inaugurada em Novembro de 2016, com a apresentação de uma selecção de pinturas da colecção no piso superior, organizadas em seis núcleos distribuídos por cinco salas. À entrada de cada sala foi colocado um painel com um texto

---

<sup>127</sup> Neste contexto também poderemos referir a obra de Eurico Lino do Vale, «D. Carlos I», a série de Miguel Palma, «Técnico Miracle», de Nuno Nunes-Ferreira a obra «Propaganda» e, de Manuel Botelho, «Matchbox: Portugal Is Not a Small Country».

centrado em questões do panorama artístico português.<sup>128</sup> A selecção das obras procurou dar especial atenção ao fluxo de artistas que ocorreu frequentemente entre o país e o estrangeiro no decorrer do século.

O percurso iniciava-se com os **Anos 1930** (sala 1), com foco no *I Salão dos Independentes*, a criação do Secretariado de Propaganda Nacional e o início da 2ª Guerra Mundial; seguindo-se as **Experiências Surrealistas**, contando também com obras do abstraccionismo e neo-realismo (sala 2), realizadas em fins da década de 40 e inícios de 50; a **Nova Figuração dos Anos 60** (sala 3), evidenciando os artistas que emigraram ou viveram fora do país, especialmente Paris e Londres, possibilitados, muitas vezes, pelas bolsas da FCG; a exposição **Alternativa Zero - Tendências Polémicas na Arte Portuguesa Contemporânea** (sala 4), realizada em 1977; a **Exposição-Diálogo** (sala 5), realizada nos espaços da FCG em 1985; e, por último, **A última década do século XX e o primeiro decénio do novo milénio** (sala 5).

A transição ficou completa com a inauguração da «Operação 3», em Março de 2017, com a apresentação na nave central um grupo de obras tridimensionais (escultura, objectos e relevos), algumas obras bidimensionais (fotografia e gravura) e uma selecção de vídeos, apresentados nas duas salas adjacentes ao hall do museu.

Tal como a «Operação 2», a exposição foi estruturada em seis núcleos, cada um deles também com um painel com um texto alusivo ao contexto artístico de cada período. Os núcleos intitulavam-se, por ordem, da seguinte forma: **Herança oitocentista, influência francesa e ensaios modernistas (1900-1928)**; **O Estado Novo**; **A década de 1950**; **As ruturas dos anos de 1960 e 70**; **Os anos de 1980 e 1990**; e, por último, **O século XXI**.

Nos primeiros dois núcleos, a presença de cinco empréstimos de obras, relativas às primeiras décadas do século XX, evidenciam as lacunas do acervo no que concerne à escultura desse período, com obras provenientes do Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC) e da Colecção Escola de Belas-Artes.<sup>129</sup>

---

<sup>128</sup> Com excepções da última sala, que apresenta dois painéis.

<sup>129</sup> Na renovação da Primavera de 2017, constatam-se novamente as lacunas da colecção no que concerne ao período do Estado Novo, e linguagem estética que este promovia, com a presença de empréstimos do Centro de Artes do Município das Caldas da Rainha.

No primeiro e segundo núcleo salienta-se a colocação de obras procedentes da Coleção do Fundador, que além de colmatarem as lacunas desse período, visavam responder à premissa de estabelecer diálogos entre as duas colecções da FCG. Apesar de ser pertinente, sobretudo na colocação do «Busto de Victor Hugo», de Auguste Rodin, a par de outros bustos, apesar de mais tardios, realizados por artistas portugueses, sente-se que o facto de as obras pertencerem à Coleção do Fundador pode facilmente passar despercebido ao visitante. Do meu ponto de vista, estas obras deveriam ter um destaque visual e uma nota explicativa da sua presença naquele espaço.

Também importa relevar o facto de, nesses dois primeiros núcleos, ter sido dado espaço à exposição de obras que se caracterizam por uma linguagem estética de continuidade em relação ao século XIX. O CAM foi desde a sua génese um promotor da ideia de modernidade e de ruptura, e a presença destas obras, nomeadamente as provenientes da Coleção do Fundador e as cedidas por empréstimo, é uma novidade que se deve salientar, pois demonstra que a produção artística do século XX não foi feita só de rupturas, mas também de continuidades, que por norma são desvalorizadas pela história da arte.

Apesar de ter sido organizada em três momentos distintos, na exposição denota-se a procura em criar diálogos entre pisos. É exemplificativa a atenção ao rosto e figuração humana nos três pisos, no período referente ao início do século XX, ou a intenção de criar um diálogo entre a escultura e a pintura de António Areal (1934-1978), com a série «O Fantasma de Avignon», são os casos mais evidentes. Contudo, a divisão de *mediums* por piso facilmente quebra, para um olhar menos informado, a percepção destas intenções e diminui a fluidez na leitura global da produção artística no período ao qual a exposição se concerne.

### **Renovações expositivas da Coleção Moderna**

A designação da exposição como «Portugal em Flagrante» desapareceu (discretamente) por volta de Novembro de 2017, passando a designar-se daí em diante somente como Coleção Moderna. Da intenção inicial, manifestada por Penelope Curtis, de realizar três

grandes renovações por ano<sup>130</sup>, realizaram-se efectivamente duas por ano, havendo também a substituição esporádica de obras, por motivos de empréstimo ou de conservação.

As renovações pretendem dar uma rotação maior ao vasto acervo, tendo a atenção em estabelecer um equilíbrio entre a representação dos nomes-chave da arte portuguesa e os menos reconhecíveis para o público, dando também destaque às mais recentes incorporações na colecção.

Contudo, o aspecto fulcral das renovações é o de dinamizar o espaço para criar o interesse no público em retornar à exposição. Com esse intuito, salienta-se uma relação de maior proximidade com a imprensa, com a divulgação das novidades expositivas no MCG, e com diversas entrevistas da directora; existe também uma posição activa nas redes sociais, com publicações no *Facebook* em que se destaca obras específicas e exposições; e na criação de uma nova secção no site da FCG, intitulada *Museu em Direto*, que noticia as principais novidades nas exposições permanentes e temporárias do MCG.

Neste relatório são abordadas somente as renovações realizadas durante o período do estágio, a renovação de Outono de 2018 e de Primavera de 2019, e com maior atenção às ocorridas no piso superior, de pintura, área da responsabilidade da curadora Ana Vasconcelos.<sup>131</sup>

### **Renovação Outono de 2018<sup>132</sup>**

A Renovação de Outono decorreu faseadamente entre Outubro e Dezembro de 2018, no hall e três pisos do edifício.

Dado que esta renovação se iniciou pouco após o início do estágio não houve um grande envolvimento pessoal no processo, somente na colaboração da pesquisa de imagens, e respectivo procedimento de cedência de direitos de imagem com o Arquivo Municipal de Lisboa, para figurarem no painel da sala 2 do piso 1, que foi inteiramente reformulada

---

<sup>130</sup> Essa intenção é referida num artigo intitulado “Gulbenkian arruma a casa na colecção moderna para a “desarrumar” daqui a uns meses”, publicado pelo Jornal Público a 7 de Dezembro de 2017.

<sup>131</sup> Ver Anexo V, com uma listagem das actividades desenvolvidas durante o estágio

<sup>132</sup> Ver Anexo VI, com as obras colocadas em exposição nesta renovação

e passou a ser dedicada na íntegra à produção pictórica neo-realista portuguesa.<sup>133</sup> Nesta sala ainda se mantinha a montagem inicial, em que se apresentavam as três linguagens dominantes entre os artistas modernistas na década de 40 e 50 – surrealismo, abstraccionismo e neo-realismo – contudo, este último, era o menos representado, somente com uma obra de Marcelino Vespeira, «Apertado pela Fome», o que não espelhava o facto de estas duas décadas terem sido fortemente marcadas, no âmbito artístico, pelas polémicas entre neo-realistas e surrealistas.

No piso superior foi também renovada a sala 3, expondo obras de artistas portugueses e ingleses que estiveram presentes na exposição «Exhibition of Works of Contemporary Art belonging to the Calouste Gulbenkian Foundation», promovida pela FCG no Modern Arts Centre, em Bagdade, no ano de 1966. Esta sala procurou, deste modo, estabelecer uma interessante ponte com a exposição temporária «Arte e Arquitectura entre Lisboa e Bagdade. A Fundação Calouste Gulbenkian no Iraque, 1957-1973», que decorreu na galeria de exposições do piso 01 da Coleção do Fundador entre 26 de Outubro de 2018 e 28 de Janeiro de 2019.

No hall do museu manifestou-se semelhante propósito, estabelecendo uma ponte para a exposição temporária realizada no Espaço Projeto, «Al Cartio e Constance Ruth Howes de A a C»,<sup>134</sup> com a colocação de quatro pinturas de Ana Jotta (1946-). São de saudar estas opções, pois criam diálogos entre os diferentes espaços do museu, o que contribui também para um maior fluxo dos visitantes entre eles.

### **Renovação Primavera de 2019<sup>135</sup>**

A renovação expositiva decorreu entre Março e Maio de 2019 e comportou maiores mudanças no espaço expositivo da Coleção Moderna. No âmbito do estágio curricular foram-me incumbidas as tarefas de realizar os textos para os painéis das salas 1, 3, 4 e

---

<sup>133</sup> Ver Anexo VII, em que se apresenta as duas fotografias que figuraram neste painel.

<sup>134</sup> Com curadoria de Ana Jotta e Ricardo Valentim. A exposição decorreu entre 19 de Outubro de 2018 e 14 de Janeiro de 2019.

<sup>135</sup> Ver Anexo VIII, com as obras colocadas em exposição nesta renovação.

5 do piso superior<sup>136</sup>, e a pesquisa de imagens para os respectivos painéis.<sup>137</sup> Propus também obras a integrar, acabando algumas por figurarem na montagem final.<sup>138</sup> Para a renovação do piso inferior, colaborei com a curadora Patrícia Rosas. Nesse caso também propus obras a integrar, desde logo condicionadas pela temática do feminino<sup>139</sup>; a selecção de oito obras, de um conjunto total de 40, de uma série de trabalho de Ofélia Marques (1902-1952), em que a artista representa pessoas do seu círculo próximo, imaginados numa infância que esta não presenciou; e na elaboração de uma tabela desenvolvida acerca destas obras.<sup>140</sup>

Na nave central, as alterações ocorreram nos três últimos núcleos,<sup>141</sup> que compreendem a produção artística entre a década de 60 e a actualidade, sendo dado especial destaque à artista Leonor Antunes (1972-), motivado também por esta ser a representante portuguesa na Bienal de Arte de Veneza de 2019.

Foi na galeria do piso inferior que ocorreu um maior número de alterações, também em virtude da maior fragilidade das obras em suporte papel. Destaco a afectação inteira de uma das salas à obra de Maria Antónia Siza (1940-1973), artista desconhecida para a generalidade do público, pelo seu precoce desaparecimento, como pelo facto de, em vida, ter exposto as suas obras uma única vez, na Cooperativa Árvore, no Porto. As 36 obras expostas na sala 4 pertencem a um conjunto de 143, doado pelo arquitecto Álvaro Siza Vieira, viúvo da artista.

No piso superior ocorreu a renovação total das salas 1 e 3, e parcial da sala 4. A sala 1 teve como ponto de partida as pinturas provenientes do Bristol Club e do Café «A Brasileira» do Chiado, espaços esses que foram, durante os anos 20, locais de encontro para artistas e intelectuais identificados com os ideais da modernidade. Entre 1925-26, os dois estabelecimentos sofreram obras de remodelação e passaram a contar com obras de alguns desses artistas modernos. A importância destes dois espaços foi grande,

---

<sup>136</sup> Ver Anexo XIX, com os textos apresentados e versão final após revisão do sector de comunicação do MCG.

<sup>137</sup> Ver Anexo X, com as imagens seleccionadas para os painéis do piso superior.

<sup>138</sup> Ver Anexo XI, com a proposta de obras apresentada para a renovação do piso superior.

<sup>139</sup> Ver Anexo XII, com a proposta de obras apresentada para a renovação do piso inferior.

<sup>140</sup> Ver Anexo XIII, com o texto desenvolvido para a tabela das obras de Ofélia Marques

<sup>141</sup> Com excepção de duas esculturas de Jorge Vieira, colocadas no núcleo 3 da galeria. Estas duas esculturas fazem parte de um conjunto maior de obras do artista, adquirido em 2018.



sendo a «A Brasileira» do Chiado, considerada por José-Augusto França, como “o museu de pintura moderna que Lisboa não tinha”<sup>142</sup>, dado que o Museu Nacional de Arte Contemporânea, continuava, sob a direcção de Columbano Bordalo Pinheiro predominantemente preso a linguagens de pendor naturalista. Algumas dessas obras chegaram à colecção de arte moderna da FCG por via da aquisição ao coleccionador Jorge de Brito, em 1983. Esta sala poderia ter sido enriquecida com a presença de duas esculturas de Canto da Maya, que também pertenceram ao *Bristol Club*,<sup>143</sup> no entanto, nesta exposição existe um princípio, definido pela Directora do museu, de divisão, por cada piso, de tipologias de obras, que impossibilita a opção curatorial de justaposição de pintura e escultura, algo que considero como negativo. Na mesma sala foi também exposta a pintura *Esperando*, da autoria de Eduardo Viana, que se encontra em depósito no MCG. A obra representa as três idades e, não sendo uma obra de ruptura estética, é provida de preocupações simbolistas. António Carneiro (1872-1930) é o único pintor presente na colecção cuja obra manifesta um alinhamento com a estética simbolista, sendo, das três pinturas agora expostas do artista, a pintura *Sinfonia Azul* a que evidencia mais esse pendor. Sendo um artista incontornável da arte portuguesa do início do século, Amadeo de Souza-Cardoso, inevitavelmente, também está representado com cinco pinturas.

A sala 3 foi dedicada às novas linguagens plásticas surgidas na década de 60. A grande originalidade e diversidade que marca a produção artística desta década foi fruto, em larga medida, do contacto directo com os novos movimentos que surgiam no contexto internacional, principalmente a *Pop* londrina e o *Nouveau Réalisme* parisiense, durante as estadias no estrangeiro, suportadas maioritariamente pelas bolsas atribuídas pela FCG. Esta nova geração foi capaz de produzir uma arte dotada de grande originalidade e qualidade, mesmo quando olhada à luz do panorama internacional.

Para a parede exterior da sala 3 foi por mim proposto a colocação de um conjunto de pinturas de António Areal, que sendo da mesma época e com a mesma linguagem formal dos objectos expostos no piso 0, e igualmente na zona central da galeria, poderiam, do

---

<sup>142</sup> FRANÇA, 2009, p.83

<sup>143</sup> Comédie (“Femme au Masque”), inv.81E438, e Tragédie, inv. 81E437.

meu ponto de vista, criar um diálogo interessante. Apesar do plano final de obras a expor na renovação incluir estas pinturas, tal não se verificou na montagem final.

Na sala 4, dedicada à produção artística da década de 80, foram expostas obras de Xana (1959-), Maria Beatriz (1940-), Isabel Augusta e Álvaro Lapa (1939-2006), juntamente com as obras de Julião Sarmento (1948-) e Vítor Pomar (1949-), que já se encontravam nesta sala.

A programação desta renovação teve especial atenção a dois aspectos: uma preocupação em dar um maior destaque ao feminino, tanto pela escolha de obras de artistas-mulheres, como pela escolha de obras com o corpo feminino enquanto tema artístico, presente sobretudo nas duas primeiras salas do piso inferior. As obras das artistas-mulheres formam um percurso expositivo dentro da Coleção Moderna, divulgado oficialmente enquanto tal.<sup>144</sup> Esta iniciativa alinha-se com uma das principais problemáticas, e que nos últimos anos tem sido enfatizada por um grande número de instituições museológicas ocidentais, que é o da disparidade de representatividade entre artistas-homens e artistas-mulheres nas suas colecções. O MCG nos últimos anos tem efectivamente procurado equilibrar a balança com as novas incorporações realizadas, sendo este novo percurso mais uma forma de tornar visível essa preocupação.

Creio, contudo, que apesar de ser verdade que a produção artística feminina foi, salvo raras excepções, historicamente negligenciada, não se pode perder de vista que o critério fundamental para a incorporação, conservação e exposição de uma obra de arte, tem de ser em primeira ordem o da qualidade estética e sua relevância histórica, quer esta seja da autoria de um homem ou de uma mulher.

O outro aspecto que gostaria de referir foi o condicionamento pré-existente na escolha das obras a expor, devido à realização da exposição temporária «Joalharia Contemporânea Portuguesa» no espaço da Coleção Moderna, no âmbito da 3ª edição da iniciativa «Convidados de Verão». Obras como *Precious Stones* e *Instalação*, ambas de Jorge Martins, ou *Hórrido Silêncio do Teu Corpo*, de António Palolo, foram

---

<sup>144</sup> Foram ainda criadas tabelas informativas acerca das artistas e as tabelas técnicas das obras destas artistas são assinaladas com um símbolo vermelho.

especificamente solicitadas, por Cristina Filipe, a curadora desta edição, para se encontrarem em exposição. Esta é a segunda vez que a iniciativa ocorre nos espaços da Coleção Moderna, depois de no Verão passado o convidado ter sido o cineasta Joaquim Sapinho. Considero que iniciativas como esta são extremamente relevantes, não só por dinamizarem o espaço expositivo, ao criar novos diálogos, como por trazerem pessoas de diferentes áreas, externas à instituição, que trazem consigo novas leituras da colecção.

### **Visitantes**

Desde 2016, ano em que se efectivou a fusão dos dois museus e em que se iniciaram as duas «Operações» da exposição «Portugal em Flagrante», a FCG na sua comunicação oficial, nomeadamente nos Relatórios e Contas, apresenta apenas valores globais relativos ao número de visitantes da instituição.<sup>145</sup> No Relatório e Contas de 2018 é referido que a unificação das duas colecções “causou um impacto positivo nos visitantes do Museu”<sup>146</sup>, sendo que “mais de metade das pessoas que vêm visitar a Coleção do Fundador atravessam agora o jardim para descobrirem mais acerca da arte portuguesa do século XX.”<sup>147</sup> Dados fornecidos pela instituição para este trabalho, relativos a 2018 e primeira metade de 2019, comprovam um aumento significativo no número de visitantes na exposição permanente da Coleção Moderna (2018: 160 510 visitantes; entre 01/01/2019 e 30/06/2019: 77 624 visitantes) em comparação com os números verificados nos anos anteriores à exposição «Portugal em Flagrante».<sup>148</sup> Contudo, apesar de à primeira vista serem dados animadores, existe um elemento alarmante, que reside num decréscimo abrupto do número de visitantes portugueses na Coleção Moderna (2018: 36 326 visitantes; entre 01/01/2019 e 30/06/2019: 22 164 visitantes). Ao longo dos anos da existência do CAM, a tendência era a inversa, com o CAM a ser maioritariamente visitado por portugueses e o MCG por um público estrangeiro. Estes dados revelam efectivamente que as renovações realizadas não são chamariz suficiente

---

<sup>145</sup> Ver Anexo XIV, com os dados relativos ao número de visitantes da instituição.

<sup>146</sup> Relatório e Contas, 2018, p.75

<sup>147</sup> Relatório e Contas, 2018, p.75

<sup>148</sup> Entre 2012 e 2015 o valor médio de visitantes no CAM foi de 106 mil por ano. Nos anos posteriores são indicados valores globais.

para que o público sinta a necessidade de retornar à Coleção Moderna, agravado pela obrigatoriedade de compra de um bilhete conjunto para as duas colecções. Neste momento, o público do MCG, em ambos os espaços, é constituído maioritariamente por visitantes estrangeiros, num contexto de grande afluência turística em Portugal que, mais cedo ou mais tarde, vai naturalmente abrandar, e por um público escolar, que tem tido uma grande adesão, beneficiando do facto de a exposição fazer uma perspectiva geral da produção artística e do contexto sociopolítico do Portugal do século XX e XXI.

Na exposição da Coleção Moderna, tal como acontece nos outros espaços expositivos da instituição, foi colocado um tablet destinado à realização de um breve questionário por parte do visitante. Dos dados compilados relativos a 2018, gostaria de destacar alguns aspectos: 75%, de um universo de 1 199 respostas, avalia positivamente a sua visita à Coleção Moderna (34% Muito Boa; 41% Boa); 72%, de 1 188 respostas, recomendaria a visita ao espaço; 67% dos visitantes residentes em Portugal, num total de 437 respostas, visitou a Coleção Moderna pela primeira vez; e, por último, aspecto que esta exposição muito aposta, 71% dos 1 276 que responderam consideram a informação prestada nos materiais de apoio útil (33% Muito Útil; 38% Útil).

### **Outros casos no panorama português**

Olhando para as quatro instituições mais relevantes no panorama nacional, com igual vocação para a exposição de arte moderna e contemporânea - o Museu de Arte Contemporânea de Serralves; o Museu de Arte Contemporânea de Elvas; o Museu Coleção Berardo e o MNAC -, constatamos que cada uma apresenta as suas próprias particularidades no modo de encarar as suas colecções.

No caso do Museu de Arte Contemporânea de Serralves, no Porto, a programação expositiva privilegia a realização de exposições temporárias monográficas de artistas nacionais e internacionais, apesar de a Fundação de Serralves ser detentora de uma colecção de arte contemporânea e de ter, nos seus espaços, depósitos de outras instituições, com destaque para a Coleção da Secretaria de Estado e da Cultura (SEC) e da FLAD, e de coleccionadores particulares, perfazendo um total de 4 300 obras. A realização de exposições temporárias com obras da colecção, nos espaços do museu, é

mais esporádica, havendo, no entanto, uma programação de exposições fora de portas com obras da sua colecção.<sup>149</sup>

O Museu de Arte Contemporânea de Elvas acolhe em depósito a Coleção António Cachola, constituída por arte contemporânea portuguesa produzida entre a década de 1980 e a actualidade. A sua programação expositiva é baseada maioritariamente na realização de exposições temporárias temáticas com obras dessa colecção e, ocasionalmente, exposições com obras de outras colecções, como da colecção Berardo ou da Fundação de Serralves, e exposições individuais de artistas portugueses.<sup>150</sup>

O Museu Coleção Berardo é aquele que dispõe de maior área expositiva, que lhe permite apresentar simultaneamente uma exposição da sua colecção permanente e realizar diferentes exposições temporárias em paralelo. A apresentação da colecção permanente é dividida por dois pisos, com a apresentação de obras produzidas entre 1900 e 1960 no piso 2 e as obras entre 1960 e a actualidade no piso -1. A sua apresentação enquadra-se predominantemente numa museografia *white cube*, com a disposição das obras numa sequência cronológica dos mais importantes movimentos artísticos da arte ocidental do século XX, num percurso linear, que se inicia com o cubismo e dadaísmo por diante, e que conta com a representação dos mais importantes artistas internacionais de cada movimento. Ao longo da exposição, a informação existente é feita somente através de um pequeno texto de parede para cada movimento artístico, com referência às suas principais características e intervenientes.<sup>151</sup>

Por último, no caso do MNAC<sup>152</sup>, com o recente aumento de espaços expositivos, o museu consegue apresentar uma programação de exposições temporárias em paralelo com uma mostra da sua colecção. Neste momento, a colecção é apresentada numa

---

<sup>149</sup> Acerca deste museu, de salientar a publicação *Museu de Arte Contemporânea de Serralves: os antecedentes, 1974-1989*, de Leonor Oliveira, publicado em 2013, pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Instituto de História da Arte, FCSH da Universidade Nova de Lisboa, e *Serralves: A Fundação, a Casa e o Parque, o Museu, o Arquitecto, a Colecção, a Paisagem*, editado pela Fundação de Serralves/Edições ASA, em 2002.

<sup>150</sup> Acerca desta colecção, ver *Coleção António Cachola*, publicado pelo Museu de Arte Contemporânea de Elvas, em 2012.

<sup>151</sup> Acerca do museu, de referir a publicação *Museu Berardo: Um Roteiro*, publicado em 2007 pela Dinalivro.

<sup>152</sup> Acerca da história da instituição e da sua colecção de destacar os catálogos das exposições *Arte Portuguesa do Século XIX (1850-1910)* e *Arte Portuguesa do Século XX (1910-1960)*, editados, pelo MNAC – Museu do Chiado/Leya, respectivamente, em 2010 e 2011.

exposição de longa duração, intitulada «Arte Portuguesa. Razões e Emoções», patente desde 20 de Abril de 2018 e que se prolonga até 29 de Setembro de 2019.<sup>153</sup> A exposição percorre a produção artística portuguesa desde meados do século XIX até à década de 1980, organizando-se em seis diferentes núcleos,<sup>154</sup> com as obras dispostas de um modo tendencialmente cronológico e sem separação de tipologias. Salienta-se também a opção curatorial de colocar, sempre que possível, as obras de um mesmo artista agrupadas. Serve como exemplo, logo na primeira sala da exposição, dedicada à produção retratista do século XIX, a parede inteiramente dedicada à obra retratista de Columbano Bordalo Pinheiro. Em cada núcleo<sup>155</sup> é disponibilizado ao visitante uma folha de sala com um texto sucinto, que além de fazerem apontamentos sobre algumas das obras expostas, aludem também a contextos artísticos, literários e sociais mais abrangentes.

Destas instituições, somente o MNAC, tal como a exposição da Coleção Moderna, procura inserir a obra de arte em contextos mais abrangentes, quer artísticos ou sociais, ainda que de um modo bastante mais contido. Esta procura acaba por ser menos incomum em exposições temporárias, uma tendência que se iniciou por volta da década de 1960, como proposta de alternativa ao modelo designado por *white cube*. Durante o período de elaboração deste relatório foi possível verificar um exemplo desse género, na exposição temporária «Charlotte Salomon. Vida? Ou Teatro?», patente no Museu Coleção Berardo entre Abril e Agosto de 2019. A exposição apresentou um conjunto de guaches, num total de 769, produzidos pela artista judia alemã Charlotte Salomon (1917-1943), entre 1940 e 1942, para a sua obra *Vida? Ou Teatro?*, durante o seu exílio, no sul de França, para escapar às perseguições nazis. Apesar de se tratar de uma obra de envergadura e qualidade impressionantes, esta exposição interessa referir por apresentar material textual e fílmico que contextualizam a obra na vida da artista e no

---

<sup>153</sup> Contudo, inicialmente estava programado que a exposição terminasse a 31 de Março de 2018. Neste prolongamento, a exposição passou a contar com obras de Rui Macedo, concebidas especificamente para esta exposição e que pretendem criar diálogos com as obras expostas da colecção.

<sup>154</sup> A exposição contava inicialmente com um sétimo núcleo dedicado à arte pós-moderna, com obras até à primeira década do século XXI. Este núcleo de obras esteve em exposição somente até ao início do mês de Junho de 2018.

<sup>155</sup> I. Espelhos de Almas; II. O Poder das Imagens; III. Uma Cultura Moderna; IV. Cuidado com a Pintura!; V. Formas de Comunicação e Contestação; VI. Linguagens e Experimentação.

contexto em que foram produzidas, apesar de colocados separadamente da obra, na primeira e última sala.<sup>156</sup>

---

<sup>156</sup> A exposição foi acompanhada da publicação de um catálogo.

## Considerações Finais

Ao longo dos seus trinta e seis anos de existência, no CAM/Colecção Moderna existiram diferentes perspectivas sobre o modo de expor a colecção permanente, em virtude das opções de cada um dos quatro directores que dirigiram a instituição. Se nos primeiros anos, o destaque foi dado à exposição da colecção permanente, com o intuito de pedagogia em relação a um público, nesse tempo, ainda pouco familiarizado com as linguagens modernistas e também em colmatar a inoperância da instituição a que competia essa função, o MNAC, a partir da década de 90, em linha com uma tendência mais global na museologia, passou a ser dado um maior destaque às exposições temporárias monográficas, aproximando a instituição de um modelo mais próximo de uma *kunsthhaus*. Apesar disso, houve sempre lugar à mostra da colecção, que continuou sempre a ser actualizada, com obras da produção artística contemporânea e com o preenchimento de lacunas no referente à primeira metade do século XX.

A área expositiva do edifício, apesar de ser considerável dentro dos parâmetros portugueses, é manifestamente insuficiente para exhibir simultânea e satisfatoriamente uma mostra exaustiva da sua colecção e desenvolver uma programação dinâmica de exposições temporárias, que dêem espaço e sirvam de estímulo à produção artística contemporânea. Quanto aos outros espaços existentes, a galeria de exposições temporárias, agora denominada Espaço Projeto, pelas suas características físicas (área disponível, configuração da galeria, localização) impossibilita a realização de exposições temporárias de maior impacto mediático, com artistas mais reconhecidos, ou mesmo de teor mais experimental, sobre artistas jovens, que sejam suficientemente apelativas. Tanto a Galeria Principal do Edifício Sede, como a galeria de exposições temporárias da Colecção do Fundador, encontram-se com uma programação regular de exposições atribuída, na primeira de carácter temático, na segunda, com a ideia subjacente do diálogo, entre as duas colecções, tempos e geografias.

Efectivamente, sempre existiu uma tensão entre o projecto do edifício do CAM e a colecção que se foi constituindo ao longo dos anos. Se, inicialmente, se pretendeu um edifício que favorecesse uma dinâmica expositiva e que promovesse a produção artística contemporânea, por natureza transdisciplinar e experimental, a verdade é que a



colecção deixou de ser encarada simplesmente como uma consequência das medidas desenvolvidas de apoio a artistas, para ter o objectivo de ser a colecção mais representativa da arte portuguesa dos séculos XX e XXI, e, por consequência, ter necessariamente de estar visível ao público. Recentemente foi anunciada a expansão do Jardim Gulbenkian para sul, assim como, a ampliação do edifício da Colecção Moderna, onde se prevê um acréscimo, no subsolo, dos espaços expositivos em 700m<sup>2</sup>. O projecto de ampliação, que ficará a cargo do arquitecto japonês Kengo Kuma, poderá solucionar o problema, possibilitando a coexistência de uma mostra da colecção permanente com uma programação relevante de exposições temporárias, que divulgue e promova a produção artística nacional e internacional. Não existe, contudo, uma data prevista para início e conclusão do projecto.

A actual exposição da colecção replica das primeiras montagens a intenção de fazer uma perspectiva geral da arte portuguesa do século XX, com um forte intuito pedagógico. Os fins educativos são um aspecto fulcral na missão de qualquer museu, contudo, é também pertinente questionar se nos tempos actuais, em que o público frequentador é mais culto e o acesso à informação democratizou-se como nunca antes acontecera, se existe a necessidade de “dar uma aula” de história de arte no museu. A exposição tem efectivamente uma significativa adesão por parte do público escolar e do estrangeiro, por norma pouco familiarizado com o contexto português.

O aumento do número de visitantes, em termos globais, como especificamente na Colecção Moderna, é sustentado pelo grande aumento do número de visitantes estrangeiros. O decréscimo significativo do número de visitantes nacionais, ocorrido em 2018, pode indiciar que as renovações realizadas não são por si só apelativas o suficiente para atrair o público novamente à exposição, ao que se soma a obrigatoriedade de compra de um bilhete conjunto para as duas colecções. Permanecendo este modelo expositivo, iniciativas como os «Convidados de Verão», ou a criação de percursos temáticos, como o realizado agora de artistas-mulheres, são fulcrais para atrair a si uma atenção renovada. Apesar de ser algo a ter em consideração, a determinação da relevância e sucesso de uma exposição não pode ser cingida a um número de visitantes.

Tendo em conta os dois princípios enunciados por Nicholas Serota na sua obra já mencionada anteriormente, o da interpretação e o da experiência, a nova exposição da

colecção aproxima-se claramente do primeiro (o propósito é eminentemente educacional; o curador determina, pela selecção e justaposição das obras, uma narrativa subliminar), em detrimento do segundo, associado às exposições que seguem um modelo que podemos designar *white cube* (exposição despida de qualquer comentário adicional que não seja o carácter imanente da obra de arte; o papel educativo fica para segundo lugar). Todavia, nos tempos actuais, estas duas posições não têm de ser antagónicas. Com as novas tecnologias, quer seja através dos smartphones pessoais ou de dispositivos fornecidos pela instituição, é possível através, por exemplo, da utilização de QR Codes, disponibilizar diferentes níveis de informação ao visitante sem criar o “ruído visual” excessivo, que pode, para alguns, atrapalhar a contemplação da obra. Deste modo, é também possível fornecer diferentes níveis de informação, mais básica ou mais complexa, que vão ao encontro das necessidades de cada visitante. Apesar de recentemente ter sido disponibilizada uma *app* que disponibiliza informação adicional sobre obras da Coleção do Fundador e das exposições temporárias na Galeria Principal do Edifício Sede, esta ainda não abrange a Coleção Moderna.

A tónica na cronologia e a separação tipológica das obras por piso são uns dos aspectos marcantes desta exposição. Olhando às características de cada um dos pisos, a opção parece ser adequada para uma exposição de longa duração: as obras com suporte em papel, que se afigura como a tipologia predominante na colecção, dada a sua maior fragilidade em questões de conservação, adequam-se melhor ao piso inferior, que possibilita um maior controlo dos níveis de luminosidade; à ampla nave do piso 0, adequam-se melhor as obras escultóricas, algumas delas com grande volumetria, possibilitando a circulação em sua volta; restando o piso superior para a pintura. No entanto, esta opção restringe opções curatoriais que poderiam enriquecer o entendimento do contexto artístico e também dar uma leitura mais fluída da exposição. Esta divisão contraria também uma das principais marcas que a produção artística foi adquirindo à medida que o século XX progredia, que reside precisamente na hibridez e interdisciplinaridade das obras.

Do meu ponto de vista, o modelo mais estimulante e desafiante foi o desenvolvido no período da direcção de Isabel Carlos, por conseguir conjugar em diálogo uma programação de exposições temporárias com uma mostra de obras da colecção. Este

poderia ser um modelo a ser novamente explorado, não só através da elaboração de mostras temáticas da colecção em “resposta” a exposições temporárias realizadas, como também em sentido contrário, convidar artistas a conceber exposições *site-specific*, tendo em conta tanto a arquitectura do edifício como obras da colecção por si seleccionadas, ou com obras, que, devido à sua relevância histórica, estejam permanentemente em exposição.

A tendência museológica das últimas décadas, no modo de expor as colecções, alterou-se para uma aposta no dinâmico e temporário, em contrapartida à noção de estático e imutável que imperou nos museus durante muito tempo. É fundamental que a exposição da Colecção Moderna se constitua como um contrapeso ao estatismo da Colecção do Fundador, que, pelas suas particularidades, aproxima-se de um modelo de cápsula do tempo. Quando deve ser então alterada esta exposição? E segundo que modelo? Não existindo uma resposta certa e inequívoca, o fundamental é, precisamente, estar em permanente reinvenção.

## Bibliografia

### Nota explicativa

As referências bibliográficas que seguidamente se listam, apresentam-se organizadas por monografias, catálogos e recursos multimédia/online. Na lista de monografias encontram-se, contudo, alguns casos de catálogos de exposições devido à importância dos seus textos.

### Monografias .....por ordem alfabética

S.a – **Anos 60, Anos de Ruptura : uma perspectiva da arte portuguesa nos anos sessenta**. Lisboa : Sociedade Lisboa 94 : Livros Horizonte, 1994. ISBN 972-24-0867-4

ALMEIDA, Bernardo Pinto de – **Pintura Portuguesa no século XX**. Porto: Lello, 1993. ISBN 972-48-1655-9

ALMEIDA, Bernardo Pinto de – **Arte Portuguesa no século XX : uma história crítica**. Matosinhos : Cardume Editores, 2016. ISBN 978-989-8851-08-6

ALMEIDA, Marta Moreira de; BRAGA, Isabel Sousa; FERNANDES, João; FUNDAÇÃO DE SERRALVES – **Arte portuguesa na colecção da Fundação de Serralves**. Porto: Fundação de Serralves, 1999. ISBN 972-739-069-2

BAETJER, Katharine, DRAPER, James (Ed.) – **Only the Best : Masterpieces of the Calouste Gulbenkian Museum**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; New York: Metropolitan Museum of Art, 1999. ISBN: 0-87099-926-5

BARKER, Emma (Ed.) – **Contemporary cultures of display**. London: Yale University Press, 1999. ISBN 0-300-07783-1

BARRANHA, Helena Silva – Arquitectura de Museus de Arte Moderna e Contemporânea. **Revista da Faculdade de Letras: CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO**. I Série, Vol. 2 (2003) p. 311-333.

BARRANHA, Helena Silva – **Arquitectura de Museus de Arte Contemporânea em Portugal. Da Intervenção Urbana ao Desenho do Espaço Expositivo**. Dissertação de Doutoramento em Arquitectura. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2008 [Texto policopiado].

BARRETO, António (Coord.) – **Fundação Calouste Gulbenkian, Cinquenta anos, 1956-2006**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007. ISBN: 978-972-97748-7-4

CENTRO NACIONAL DE CULTURA – **Pacheko, Almada e «Contemporânea»**. 1ª ed. Lisboa: Centro Nacional de Cultura : Bertrand, 1993. ISBN 972-25-0771-0

FRANÇA, José Augusto – **A Arte e a Sociedade Portuguesa no Século XX, 1910-1990**. 3ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1991. ISBN 972-24-0810-0

FRANÇA, José Augusto – **A Arte em Portugal no século XX, 1911-1961**. 4ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2009. ISBN 978-972-24-1583-5

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN –

**Fundação Calouste Gulbenkian**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1956.

**Antevisão do Centro de Arte Moderna**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Centro de Arte Moderna, 1981.

**Centro de Arte Moderna**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

**Relatório Anual**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, fascs. 1983-1995.

**Roteiro do Museu do Centro de Arte Moderna**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Arte Moderna, 1983.

**Centro de Arte Moderna, 1983**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

**Roteiro do Centro de Arte Moderna.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Arte Moderna, 1985.

**Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Arte Moderna.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Arte Moderna, 1987.

**Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Arte Moderna e ACARTE, Lisboa : Antecedentes, Novos Edifícios 1983-84 e os Primeiros Cinco Anos.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

RIBEIRO, José Sommer – **A utilização dos novos edifícios**, pp.35-48

**Pequeno Roteiro de Arte Portuguesa da Coleção do Centro de Arte Moderna.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, 1996. ISBN: 972-635-096-4

**Relatório, Balanço e Contas.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, fascs. 1996-2011.

**Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão : Roteiro da Coleção.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, 2004. ISBN: 972-635-155-3

**50 Anos de Arte Portuguesa.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Belas-Artes, Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, 2007. ISBN: 978-972-678-043-4

**Anos 70 : Atravessar Fronteiras.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009. ISBN 978-972-635-206-8

**Relatório e Contas.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, fascs. 2012-2018.

**Guia do Museu Calouste Gulbenkian.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015. ISBN: 978-972-8848-98-9

**Portugal em Flagrante: Operação 1.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2016. ISBN: 978-989-8758-27-9

**Museu Calouste Gulbenkian: Guia.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017. ISBN: 978-989-8758-40-8

GEORGE, Adrian – **The Curator's Handbook : Museums, Commercial Galleries, Independent Spaces.** London: Thames & Hudson, 2015.

GONÇALVES, Rui Mário – **A arte portuguesa do século XX.** Lisboa: Temas e Debates, 1998. ISBN 978-972-42-4626-0

GRANDE, Nuno (Ed.) – **30 anos / years Centro de Arte Moderna Fundação Calouste Gulbenkian.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Arte Moderna, 2014. ISBN 978-972-635-288-4

GRANDE, Nuno – **CAM : entre o hangar e o museu,** pp. 18-28

SILVA, Raquel Henriques da - **A coleção do CAM, um desígnio nacional : divulgar, partilhar e valorizar a arte moderna e contemporânea,** pp. 118-127

Lapa, Pedro; Tavares, Emília; Ávila, Maria de Jesús – **Arte portuguesa do século XX : 1910-1960.** 1ª ed. Lisboa: Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado: Leya, 2011. ISBN 978-989-660-080-8

LAPA, Sofia Boino de Azevedo – **Para que (nos) serve o museu? A génese do Museu Calouste Gulbenkian.** Dissertação de Mestrado em Museologia e Património. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2009 [Texto policopiado].

LOOCK, Ulrich (Ed.) – **Anos 80: uma Topologia.** Porto: Museu Serralves, 2006. ISBN 972-739-170-2

LORD, Barry, PIACENTE, Maria – **The Manual of Museum Exhibitions.** 2ª ed. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2014.

LORENTE, J. Pedro – **The Museums of Contemporary Art : Notion and Development**. Surrey; Burlington: Ashgate, 2011. ISBN: 978-1-4094-0586-3

MACDONALD, Sharon (Ed.) – **A Companion to Museum Studies**. Blackwell Publishing, 2006.

MACHADO, Rosário Sousa; CARDOSO, Marta – **Anos 80**. Lisboa: Culturgest, 1998. ISBN 972-769-008-4

MAIRESSE, François – Collection Strategies now! In PETTERSSON, Susanna, HAGEDORNSAUPE, Monika, JYRKIO, Teijamari e WEIJ, Astrid (Ed.), **Encouraging Collections Mobility – a Way Forward for Museums in Europe**. Helsinki: Finnish National Gallery; Amsterdam: Erfgoed Nederland; Berlin: Institut für Museumsforschung, Staatliche Museen zu Berlin, Preussischer Kulturbesitz, 2010, p. 58-76.

MATASSA, Freda – Active Collections: re-visiting our collection for more and better use. In PETTERSSON, Susanna, HAGEDORNSAUPE, Monika, JYRKIO, Teijamari e WEIJ, Astrid (Ed.), **Encouraging Collections Mobility : A Way Forward for Museums in Europe**. Helsinki: Finnish National Gallery; Amsterdam: Erfgoed Nederland; Berlin: Institut für Museumsforschung, Staatliche Museen zu Berlin, Preussischer Kulturbesitz, 2010, p. 107-135.

MATIAS, Carolina Gouveia – **A III Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian**. Relatório de Estágio de Mestrado em Museologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2015 [Texto policopiado].

O'DOHERTY, Brian – **Inside the white cube : the ideology of the gallery space**. London: University of California Press, 1999. ISBN 978-0-520-22040-9

OLIVEIRA, Leonor da Conceição Silva Ribeiro – **Fundação Calouste Gulbenkian : estratégias de apoio e internacionalização da arte portuguesa 1957-1969**. Tese de Doutoramento em História da Arte, especialidade em Museologia e Património Artístico. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2013 [Texto policopiado].



PEREIRA, Paulo (Dir.) – **História da Arte Portuguesa**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995. Vol. 3. ISBN 972-42-1225-4

PERNES, Fernando (Coord.) – **Panorama Arte Portuguesa no século XX**. Porto: Fundação Serralves: Campo das Letras, 1999. ISBN 972-610-212-X

SCHUBERT, Karsten – **The Curator's Egg : the evolution of the museum concept from the French Revolution to the present day**. London: One-Off Press, 2000. ISBN 1-873542-04-6

SEROTA, Nicholas – **Experience or interpretation : the dilemma of museums of modern art**. London: Thames & Hudson, 2000. ISBN 0-500-28216-1

**Catálogos**.....**por ordem cronológica**

**Desenhos do Corpo**. Lisboa: Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, 1995.

**Desenhos Britânicos na Colecção do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, 1996. ISBN: 972-635-095-6

**A Ilha do Tesouro**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, 1997.

VASCONCELOS, Ana - **A colecção de arte britânica contemporânea pertencente ao CAMJAP**, pp. 19-23.

**Densidade Relativa**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Centro de Arte Moderna José Azeredo Perdigão, 2005.

**Anos 70 — Atravessar Fronteiras**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009. ISBN: 978-972-635-206-8

**Aspectos da Colecção – por Jorge Molder.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Centro de Arte Moderna, 2009

**Heimo Zobernig e a colecção do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; St Ives : Tate, 2009. ISBN: 978-1-85437-826-2

**Abstracção e Figura Humana na Colecção de Arte Britânica do CAM.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. CAM, 2010. ISBN: 978-972-635-214-3

**Filme e Vídeo na Colecção do CAM.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. CAM, 2010. ISBN: 978-972-635-220-4

**Casa Comum: Obras na Colecção do CAM.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. CAM; Bragança: Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, 2011. ISBN: 978-989-8344-12-0

**Paisagem na Colecção do CAM.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. CAM, 2011. ISBN: 978-972-635-246-4

**Entre Espaços: Colecção do CAM - 1968-2011.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. CAM, 2012. ISBN: 978-972-635-257-0

**Sob o Signo de Amadeo: Um Século de Arte.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. CAM, 2013. ISBN: 978-972-635-273

**Animalia e Natureza na Colecção do CAM.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. CAM, 2014. ISBN: 978-972-635-294-5

**Arshile Gorky e a Colecção.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. CAM, 2014. ISBN: 978-972-635-289-1

**As Casas na Colecção do CAM.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. CAM, 2015. ISBN: 978-972-635-307-2

**Tensão e Liberdade – Colecções.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. CAM, 2015. ISBN: 978-972-635-302-7

**Pós-Pop: Fora do Lugar-Comum : Desvios da Pop em Portugal e Inglaterra, 1965-1975.**

Lisboa: Museu Calouste Gulbenkian, 2018. ISBN: 978-989-8758-49-1

**Recursos multimédia / online** ..... **por ordem alfabética**

CHUVA VASCO, Nuno – **Os últimos 50 anos da pintura e escultura portuguesa do século XX.** [Em linha]. Figueira da Foz: Chuva Vasco, 2005. Disponível em: <http://www.chuvavasco.com/50anos.pdf>.

DUNCAN, Carol; WALLACH, Alan – **The Museum of Modern Art as Late Capitalist Ritual: An Iconographic Analysis**, In Marxist Perspectives [Em linha], n.º 4, 1978, p. 28-51. Disponível em: [http://ftp.columbia.edu/itc/barnard/arthist/wolff/pdfs/week6\\_duncan\\_wallach.pdf](http://ftp.columbia.edu/itc/barnard/arthist/wolff/pdfs/week6_duncan_wallach.pdf)

JÜRGENS, Sandra Vieira – A sagração do ‘White Cube’: a persistência de um modelo moderno. **Revista de Arquitectura e Arte** [Em linha]. N.º 108, Julho/Agosto (2013) p. 86-89. Disponível em: <http://sandravieirajurgens.com/sites/default/files/arqa108.pdf>. ISSN: 1647-077X

MARTA, Teresa – **Uma Visita ao Centro de Arte Moderna** [Registo vídeo]. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Arte Moderna, 1985. 1 DVD vídeo.

SILVEIRA, André – **Colecção Jorge de Brito.** [Em linha]. In L+Arte, N.º 79 (2011), p. 34. Disponível em: <http://arquivolarte.blogspot.com/2011/01/colecao-jorge-de-brito.html>

TOSTÕES, Ana – **Em direcção a uma nova monumentalidade. A Obra da Sede e Museu da Fundação Calouste Gulbenkian.** In Revista de História da Arte [Em linha], N.º 2 (2006), p. 190-206. Disponível em: [https://run.unl.pt/bitstream/10362/12459/1/ART\\_13\\_Tost%3b5es.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/12459/1/ART_13_Tost%3b5es.pdf)

V&A MUSEUM – **Gallery Text at the V&A : a Ten Point Guide.** [Em linha]. London: V&A Museum, 2013. Disponível em:

[http://www.vam.ac.uk/\\_\\_data/assets/pdf\\_file/0009/238077/Gallery-Text-at-the-V-and-A-Ten-Point-Guide-Aug-2013.pdf](http://www.vam.ac.uk/__data/assets/pdf_file/0009/238077/Gallery-Text-at-the-V-and-A-Ten-Point-Guide-Aug-2013.pdf)

## Anexos

## Anexo I

### Número de obras da Coleção Moderna por tipologia e por núcleo<sup>157</sup>

	ARTE PORTUGUESA	ARTE BRITÂNICA	ARTE ARMÉNIA	ARTE INTERNACIONAL
PINTURA	1.406	170	6	156
DESENHO	4.375	53	5	118
ESCULTURA *	429	51	2	55
FOTOGRAFIA	712	34	-	75
IMAGENS EM MOVIMENTO	66	2	-	12
GRAVURA	2.429	152	2	665
CERÂMICA	27	-	-	15
HOLOGRAFIA	-	4	-	-
MOBILIÁRIO	-	-	-	29
TAPEÇARIA	27	-	-	5
TÊXTIL	2	-	-	1
TOTAIS	9.446	466	13	1.131

\* a categoria «Escultura» inclui «Objectos», «Relevos» e «Instalações»

Total de obras inventariadas: 11 085

---

<sup>157</sup> Os dados presentes na tabela são referentes a Dezembro de 2017. Foram solicitados dados mais actualizados, contudo estes não foram facultados até ao momento da entrega deste trabalho.

## **Anexo II**

### **Exposições Rotativas (2001-2006)**

#### **2001**

«Esculturas», de Gonçalo Duarte. Setembro de 2001 – Abril de 2002, Piso 0.

#### **2002**

«Múltiplos», de Sonia Delaunay. 7 de Janeiro – 30 de Junho de 2002, Piso 01.

«Construcionistas Britânicos». 23 de Abril – 30 de Setembro de 2002, Piso 0.

«Paisagens», de Bernardo Marques. 17 de Setembro de 2002 – 17 de Março de 2003, Piso 01.

#### **2003**

«Barragem», de José Barrias. 7 de Janeiro – 29 de Junho de 2003, Piso 0.

«Desenhos preparatórios da pintura *O Bispo*», de Jorge Pinheiro. 8 de Julho – 28 de Dezembro de 2003, Piso 0

«Doações de Jorge de Brito». 16 de Agosto – 28 de Setembro de 2003, Hall do CAM.

«Amigos Artistas», de Fernando Lemos. 1 de Abril de 2003 – 4 de Janeiro de 2004, Piso 01.

#### **2004**

«XVI Desenhos de António Areal». 13 de Janeiro – 4 de Julho de 2004, Piso 0.

«Os Galgos de Amadeo – Olhar a história de uma pintura». 13 de Janeiro – 4 de Julho de 2004, Piso 01.

«Desenhos de Ruy Leitão – Caderno de Esboços». 25 de Julho de 2004 – 2 de Janeiro de 2005, Piso 0.

«Alfaiataria Cunha – Imagens da Moda do Início do século XX». 25 de Julho de 2004 – 2 de Janeiro de 2005, Piso 01.

## **2005**

«Ana Hatherly – Desenho e Pintura sobre Papel, Anos 60 e 70». 9 de Janeiro – 12 de Junho de 2005, Piso 0.

«Mily Possoz – Gravura». 9 de Janeiro – 12 de Junho de 2005, Piso 01.

«John Beard – Visão Fugitiva». 21 de Junho de 2005 – 8 de Janeiro de 2006, Piso 0.

«Paisagens de António Carneiro». 21 de Junho de 2005 – 8 de Janeiro de 2006, Piso 01.

## **2006**

«Hein Semke – Alguns trabalhos na Colecção». 24 de Janeiro – 20 de Junho de 2006, Piso 01.

«Fernando Lemos – Desenhos, Memórias». 24 de Janeiro – 20 de Junho de 2006, Piso 0.

«Humor e Ilustração – na Colecção do CAMJAP». 25 de Julho de 2006 – 29 de Abril de 2007.



### **Anexo III**

#### **Exposições temporárias com obras da colecção realizadas sob a direcção de Isabel Carlos**

**«Abstracção e Figura Humana na Colecção do CAM»**, 21 de Janeiro de 2010 – 18 de Abril de 2010, piso 1. Exposição com 80 obras da colecção de arte britânica do CAM, subordinadas ao tema da abstracção e da figura humana. Curadoria de Ana Vasconcelos

**«Filme e Vídeo na Colecção do CAM»**, 7 de Maio de 2010 – 11 de Julho de 2010, Sala 1. Mostra de trabalhos em suporte fílmico da colecção, dos artistas Ângelo de Sousa, Fernando Calhau, Ana Hatherly, Helena Almeida, Julião Sarmento, João Paulo Feliciano, João Onofre, Rui Calçada Bastos, Filipa César, Noé Sendas, Buno Pacheco e Rui Valério. Curadoria de Leonor Nazaré

**«Casa comum : obras da colecção do CAM»**, 13 de Janeiro de 2011 – 27 de Março de 2011, piso 1; 9 de Abril de 2011 – 25 de Junho de 2011, Centro de Arte Contemporânea Graça Morais. Mostra de 54 obras da colecção em torno da temática da Casa. Curadoria de Leonor Nazaré.

**«Paisagem na colecção do CAM»**, 12 de Novembro de 2011 – 22 de Janeiro de 2012, Sala de Exposições Temporárias e piso 1. Selecção de obras da colecção em torno da temática da paisagem. Esta exposição foi concebida com relação com a exposição de Doris Salcedo «Plegaria Muda», que decorreu nas mesmas datas, no hall e nave principal do CAM. Curadoria de Ana Vasconcelos e Patrícia Rosas.

**«Roubar com os olhos : a colecção do CAM em relação com Josef Albers»**, 18 de Maio de 2012 – 1 de Julho de 2012, piso 1. Exposição concebida com obras da colecção que se relacionassem com as pesquisas cromáticas da obra de Josef Albers, que estiveram patentes na exposição simultânea «Josef Albers na América : pintura sobre papel». Curadoria de Ana Vasconcelos.

**«Entre Espaços : Colecção do CAM : 1968-2011»**, 1 de Junho de 2012 – 26 de Agosto de 2012, piso 0. Reuniu mais de duas dezenas de obras da colecção, procurando estabelecer um diálogo com a exposição de Antoni Muntadas «Entre/Between» que decorreu na nave principal e no piso inferior. Curadoria de Patrícia Rosas e Rita Fabiana.

**«Arshile Gorky e a coleção»**, 5 de Junho de 2014 – 31 de Maio de 2015, piso 01. Procurou estabelecer um diálogo entre a obra de Arshile Gorky e de artistas portugueses, orientado segundo duas grandes temáticas, o retrato e a natureza-morta, e de duas linguagens, a Abstracção e o Surrealismo. Curadoria de Ana Vasconcelos e Patrícia Rosas

**«Animalia e Natureza na coleção do CAM»**, 17 de Outubro de 2014 – 31 de Maio de 2015, hall e nave. Exposição concebida em relação com a de António Dacosta, que decorreu simultaneamente no piso 1. “A exposição foi concebida a partir do universo iconográfico dos animais e dos quatro elementos naturais, terra, água, fogo e ar presentes na obra de António Dacosta (...); e que encontra também na natureza uma forte ligação à memória e aos monstros que a ocupam, tal como se poderá ver simultaneamente na retrospectiva do pintor.” (Catálogo da exposição, p.2) Curadoria de Isabel Carlos e Patrícia Rosas.

**«Tensão e liberdade : colecções : CAM, la CAIXA, MACBA»**, 19 de Junho de 2015 – 26 de Outubro de 2015, hall, nave, sala A e B, Galeria de Exposições Temporárias, Sala Polivalente. Exposição reuniu obras das colecções de arte contemporâneas das três instituições da Península Ibérica, orientadas sob temática como a sociopolítica e revolucionária; questões raciais, de género e de sexualidade. Curadoria de Isabel Carlos.

**«As casas na coleção do CAM»**, 20 de Novembro de 2015 – 29 de Agosto de 2016, hall e piso 0. Exposição concebida em torno da temática da casa. Curadoria de Isabel Carlos e Patrícia Rosas.

## Anexo IV

### Listagem de obras presentes na montagem original da exposição «Portugal em Flagrante»

#### Operação 1

#### Parede de Fundo

José Luís Neto (1966) <b>Sem Título (da série «22474»)</b> 2000 Fotografia em papel de fibra Coleção Moderna, inv. 01FP352 a 01FP361
Eurico Lino do Vale (1966) <b>D. Carlos I</b> 2007 Fotografia impressa em papel de gelatina e brometo de prata Coleção Moderna, inv. 16FP585
Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905) <b>Um Alvitre</b> 1890 Técnica mista sobre papel Coleção Museu Bordalo Pinheiro
Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905) <b>A Grande Obra</b> 1882 Técnica mista sobre papel Coleção Museu Bordalo Pinheiro
Leal da Câmara (1876-1948) <b>Sem Título</b> c.1908 Tinta da China e carvão sobre papel Coleção Moderna, inv. DP1387
Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918) <b>Sem Título</b> 1910 Tinta da China, guache, aguarela e grafite sobre papel Coleção Moderna, inv. 86DP371
Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918) <b>Sem Título</b> 1910 Tinta da China e aguarela sobre papel Coleção Moderna, inv. 86DP372
Cristiano Cruz (1892-1951) <b>Sem Título</b> c.1911

Tinta da China, grafite e guache sobre cartão Coleção Moderna, inv. DP1040
Cristiano Cruz (1892-1951) <b>Sem Título</b> sem data Tinta da China sobre papel Coleção Moderna, inv. DP1042
Jorge Barradas (1894-1971) <b>Sem Título</b> 1921 Tinta-da-China e guache sobre papel Coleção Moderna, inv. DP994
Jorge Barradas (1894-1971) <b>Sem Título</b> 1927 Guache e grafite sobre cartão Coleção Moderna, inv. DP977
Jorge Barradas (1894-1971) <b>Sem Título</b> 1920 Tinta-da-China e guache sobre papel Coleção Moderna, inv. DP995
António Soares (1894-1978) <b>Leviana</b> 1921 Tinta-da-China e guache sobre papel Coleção Moderna, inv. DP872
Maria Adelaide Lima Cruz (1908-1985) <b>Figurino “Rua do Ouro e Rua da Prata” para a revista “Feira de Luz”, C.ª Hortense Luz</b> 1930 Guache sobre papel Coleção Museu Nacional do Teatro e da Dança
Bernardo Marques (1898-1962) <b>Sem Título</b> 1932 Tinta-da-China e lápis litográfico sobre papel Coleção Moderna, inv. DP1673
Mário Eloy (1900-1951) <b>Sem Título</b> c.1940-1945 Tinta-da-China sobre papel Coleção Moderna, inv. DP787
Mário Eloy (1900-1951) <b>Sem Título</b> c.1940-1945 Tinta-da-China e grafite sobre papel Coleção Moderna, inv. DP788
Manuel Filipe (1908-2002) <b>Guerra</b> 1945 Mina negra sobre papel

Coleção Moderna, inv. DP1426 1/2/3
Mário Henrique Leiria (1923-1980) <b>Sem Título</b> 1949 Colagem sobre papel Coleção Moderna, inv. DP1154
Carlos Botelho (1899-1982) <b>Sem Título</b> 1952 Guache e grafite sobre papel Coleção Moderna, inv. DP133
<b>Cartaz para o dia do Estudante, 2-3-4 Abril 1965:</b> <b>Para uma Universidade Livre</b> 1965 Biblioteca Nacional de Portugal
Ruy Leitão (1949-1976) <b>Sem Título</b> Sem data Pastel sobre papel Coleção Moderna, inv. DP1403
José de Guimarães (1939) <b>Le 1<sup>ème</sup> Mai-II</b> 1976 Serigrafia sobre papel Coleção Moderna, inv. GP1282
José de Guimarães (1939) <b>Serigrafia II</b> 1976 Serigrafia sobre papel Coleção Moderna, inv. GP1283
Emília Nadal (1938) <b>Ideol</b> 1977 Serigrafia sobre papel Coleção Moderna, inv. GP1010
Maria Graça Sarsfield (1947) <b>Hora da refeição I</b> 1983 Fotografia sobre papel fotográfico Coleção Moderna, inv. 87FP183
Maria Graça Sarsfield (1947) <b>Hora da refeição II</b> 1983 Fotografia sobre papel fotográfico Coleção Moderna, inv. 87FP182
GNR <b>Portugal na CEE</b> © Vítor Rua © 1981 Edições Valentim de Carvalho, S.A. Gravação cedida por Edições Valentim de Carvalho
Fernando Calhau (1948-2002)

<p><b>Sem Título #605 (art as idea as idea as subject idea)</b>  1989  Grafite sobre papel  Coleção Moderna, inv. 04DP2281</p>
<p>Ana Jotta (1946)  <b>Sem Título</b>  1993  Lápis de cor sobre papel  Coleção Moderna, inv. 01DP1858</p>
<p>Julião Sarmiento (1948)  <b>Febre (16)</b>  1994  Técnica mista sobre papel  Coleção Moderna, inv. 96DP1639</p>
<p>Bruno Pacheco (1974)  <b>Legs (da série «Whatever»)</b>  2003  Tinta acrílica sobre papel  Coleção Moderna, inv. 04DP1893</p>
<p>Bruno Pacheco (1974)  <b>The Other Woman (da série «Whatever»)</b>  2003  Tinta acrílica sobre papel  Coleção Moderna, inv. 04DP1867</p>
<p>Bruno Pacheco (1974)  <b>Beach (da série «Whatever»)</b>  2003  Tinta acrílica sobre papel  Coleção Moderna, inv. 04DP1894</p>
<p>Bruno Pacheco (1974)  <b>Valse (da série «Whatever»)</b>  2003  Tinta acrílica sobre papel  Coleção Moderna, inv. 04DP1882</p>
<p>Bruno Pacheco (1974)  <b>Blessed (da série «Whatever»)</b>  2003  Tinta acrílica sobre papel  Coleção Moderna, inv. 04DP1887</p>
<p>Bruno Pacheco (1974)  <b>Legs (da série «Whatever»)</b>  2003  Tinta acrílica sobre papel  Coleção Moderna, inv. 04DP1873</p>
<p>Nuno Cera (1972)  <b>B - sides #11 (túnel)</b>  2001  Fotografia sobre papel fotográfico  Coleção Moderna, inv. 01FP456</p>
<p>José Carlos Teixeira (1977)  <b>Desvio e Consequência, para Uma Nova (R)evolução</b></p>

2008  
DVD pal, cor, som, 9', dupla projeção  
Coleção Moderna, inv. 17IM79

### Mesa-vitrina

Jorge Barradas (1894-1971) <b>Sem Título</b> 1911 Tinta-da-China sobre papel Coleção Moderna, inv. DP274
Jorge Barradas (1894-1971) <b>Sem Título</b> 1919 Tinta-da-China sobre papel Coleção Moderna, inv. DP276
José de Almada Negreiros (1893-1970) <b>[Desenho para a capa da revista Contemporânea n.º 1]</b> 1922 Impressão sobre papel Coleção Moderna, inv. DP211
Stuart Carvalhais (1887-1961) <b>Sem Título</b> Sem data Tinta-da-China sobre cartão Coleção Moderna, inv. DP1044
Bernardo Marques (1898-1962) <b>Sem Título</b> 1922 Guache, aguarela, tinta da China e grafite sobre papel Coleção Moderna, inv. DP225
Bernardo Marques (1898-1962) <b>Capa para Civilização n.º 1</b> 1928 Grafite, guache, pastel e aguarela sobre papel Coleção Moderna, inv. 06DP2528
Mily Possoz (1888-1967) <b>Sem Título</b> Sem data Grafite sobre papel Coleção Moderna, inv. DP52
Ofélia Marques (1902-1952) <b>Sem Título</b> Sem data Tinta-da-China sobre papel Coleção Moderna, inv. DP648
Bernardo Marques (1898-1962) <b>Sem Título</b> 1932 Tinta-da-China e grafite sobre papel

Coleção Moderna, inv. DP1662
<p>Artur do Cruzeiro Seixas (1920)</p> <p><b>Desenho neorrealista</b></p> <p>1942</p> <p>Grafite e lápis de cor sobre papel</p> <p>Coleção Moderna, inv. DP509</p>
<p>Bernardo Marques (1898-1962)</p> <p><b>Maqueta para a capa da revista <i>Ver e Crer</i></b></p> <p>c.1940-1945</p> <p>Grafite, tinta-da-China e guache sobre papel</p> <p>Coleção Moderna, inv. 06DP2680</p>
<p>Bernardo Marques (1898-1962)</p> <p><b>Maqueta para a capa da revista <i>Ver e Crer</i></b></p> <p>c.1940-1945</p> <p>Tinta-da-China e guache sobre cartão</p> <p>Coleção Moderna, inv. 06DP2681</p>
<p>Bernardo Marques (1898-1962)</p> <p><b>Maqueta para a capa da revista <i>Ver e Crer</i></b></p> <p>c.1940-1945</p> <p>Grafite e guache sobre cartolina</p> <p>Coleção Moderna, inv. 06DP2682</p>
<p>Bernardo Marques (1898-1962)</p> <p><b>Maqueta para a capa da revista <i>Ver e Crer</i></b></p> <p>c.1940-1945</p> <p>Grafite, tinta da China e guache sobre papel</p> <p>Coleção Moderna, inv. 06DP2683</p>
<p>Salette Tavares (1922-1994)</p> <p><b>Aranha</b></p> <p>1963</p> <p>Impressão tipográfica sobre papel</p> <p>Coleção Moderna, inv. 15GP2798</p>
<p>João Abel Manta (1928)</p> <p><b>Sem Título</b></p> <p>1972</p> <p>Tinta-da-China, colagem e guache sobre papel</p> <p>Coleção Moderna, inv. 83DP1128</p>
<p>Fernando Calhau (1948-2002)</p> <p><b>Sem Título #507</b></p> <p>1989</p> <p>Grafite sobre papel Fabriano</p> <p>Coleção Moderna, inv. 04DP2185</p>
<p>Pedro Sousa Vieira (1963)</p> <p><b>Sem Título</b></p> <p>1993</p> <p>Carvão sobre papel</p> <p>Coleção Moderna, inv. 95DP1651</p>
<p>Paula Rego (1935)</p> <p><b>Sem Título n.º 1 (da série «Aborto»)</b></p> <p>1999</p> <p>Água-forte sobre papel</p> <p>Coleção Moderna, inv. GP1810</p>



Paula Rego (1935) <b>Sem Título n.º 2 (da série «Aborto»)</b> 1999 Água-forte sobre papel Coleção Moderna, inv. GP1806
--

### Vitrina pequena

Manuel Baptista (1936) <b>Jardim II</b> 1977 Grafite, colagem e lápis de cera sobre papel Coleção Moderna, inv. DP445
Ana Hatherly (1929-2015) <b>Pax</b> 1987 Colagem e letra de decalque sobre cartolina azul Coleção Moderna, inv. DP1521
Ana Hatherly (1929-2015) <b>Pax</b> 1987 Colagem sobre cartolina amarela Coleção Moderna, inv. DP1522
Ana Hatherly (1929-2015) <b>Pax</b> 1987 Colagem sobre cartolina encarnada Coleção Moderna, inv. DP1520
Joaquim Rodrigo (1912-1997) <b>Estudo</b> Sem data Pastel e caneta de arquiteto sobre papel Coleção Moderna, inv. DP314
Joaquim Rodrigo (1912-1997) <b>Estudo</b> Sem data Pastel e caneta de feltro sobre papel Coleção Moderna, inv. DP315
Joaquim Rodrigo (1912-1997) <b>Estudo</b> Sem data Pastel sobre cartolina Coleção Moderna, inv. DP317

### Sala 1

António Soares (1894-1978) <b>Cabeça</b> 1922
---

Pastel sobre papel Coleção Moderna, inv. DP909
António Soares (1894-1978) <b>Cabeça</b> 1922 Pastel sobre cartão Coleção Moderna, inv. DP865
António Soares (1894-1978) <b>Ilustração Portuguesa</b> 1922 Tinta-da-China, aguada e guache sobre papel Coleção Moderna, inv. DP886
Jorge Barradas (1894-1971) <b>Sem Título</b> 1922 Tinta-da-China e guache sobre papel Coleção Moderna, inv. DP1010
António Soares (1894-1978) <b>Guitarradas</b> 1915 Guache sobre papel Coleção Moderna, inv. DP875
António Soares (1894-1978) <b>Elegante de Boina, de perfil</b> 1935 Guache e lápis de cor sobre papel Coleção Moderna, inv. DP876
Jorge Barradas (1894-1971) <b>Sem Título</b> 1927 Tinta-da-China, aguarela, aguada e grafite sobre papel Coleção Moderna, inv. DP996
António Soares (1894-1978) <b>No Teatro</b> 1922 Guache, tinta-da-China e aguada sobre papel Coleção Moderna, inv. DP871

## Sala 2

Jorge Barradas (1894-1971) <b>Sem Título</b> 1919 Tinta-da-China, aguarela e guache sobre papel Coleção Moderna, inv. DP1012
Américo da Silva Amarelhe (1892-1946) <b>Sem Título</b> Sem data Tinta-da-China e aguarela sobre papel Coleção Moderna, inv. DP1308

<p>Jorge Barradas (1894-1971)</p> <p><b>Liberdade, Igualdade, Fraternidade</b></p> <p>1911</p> <p>Tinta da China sobre papel</p> <p>Coleção Moderna, inv. DP273</p>
<p>Adriano de Sousa Lopes (1879-1944)</p> <p><b>Duas ordenanças de Infantaria 11</b></p> <p>Sem data</p> <p>Água-forte sobre papel</p> <p>Coleção Moderna, inv. GP381</p>
<p>Adriano de Sousa Lopes (1879-1944)</p> <p><b>Sem Título</b></p> <p>Sem data</p> <p>Água-forte sobre papel</p> <p>Coleção Moderna, inv. GP854</p>
<p>Adriano de Sousa Lopes (1879-1944)</p> <p><b>Sem Título</b></p> <p>Sem data</p> <p>Água-forte sobre papel</p> <p>Coleção Moderna, inv. GP847</p>
<p>Adriano de Sousa Lopes (1879-1944)</p> <p><b>Canhão desmantelado</b></p> <p>1918</p> <p>Água-forte sobre papel</p> <p>Coleção Moderna, inv. GP848</p>
<p>Adriano de Sousa Lopes (1879-1944)</p> <p><b>A brigada do Minho na «Ferme du Bois»</b></p> <p>Data desconhecida</p> <p>Água-forte sobre papel</p> <p>Coleção Moderna, inv. GP849</p>
<p>Adriano de Sousa Lopes (1879-1944)</p> <p><b>Soldados ao parapeito</b></p> <p>Data desconhecida</p> <p>Água-forte sobre papel</p> <p>Coleção Moderna, inv. GP863</p>
<p>Adriano de Sousa Lopes (1879-1944)</p> <p><b>Very-Light</b></p> <p>Sem data</p> <p>Água-forte sobre papel</p> <p>Coleção Moderna, inv. GP850</p>
<p>Armando Basto (1889-1923)</p> <p><b>Sem Título</b></p> <p>c.1916-1918</p> <p>Carvão sobre papel</p> <p>Coleção Moderna, inv. DP1434</p>
<p>Jorge Barradas (1894-1971)</p> <p><b>Sem Título</b></p> <p>1920</p> <p>Pastel sobre papel veludo</p> <p>Coleção Moderna, inv. DP985</p>
<p>Jorge Barradas (1894-1971)</p>

<b>Sem Título</b> 1922 Guache e grafite sobre cartão Coleção Moderna, inv. DP978
Bernardo Marques (1898-1962) <b>Sem Título</b> c.1933 Tinta-da-China e grafite sobre papel Coleção Moderna, inv. DP1660
Jorge Barradas (1894-1971) <b>Sem Título</b> 1933 Litografia sobre papel Coleção Moderna, inv. GP819
Jorge Barradas (1894-1971) <b>Sem Título</b> 1933 Litografia sobre papel Coleção Moderna, inv. GP816
Jorge Barradas (1894-1971) <b>Sem Título</b> 1933 Litografia sobre papel Coleção Moderna, inv. GP817
Jorge Barradas (1894-1971) <b>Sem Título</b> 1933 Litografia sobre papel Coleção Moderna, inv. GP820
Jorge Barradas (1894-1971) <b>Sem Título</b> 1933 Litografia sobre papel Coleção Moderna, inv. GP823
Jorge Barradas (1894-1971) <b>Sem Título</b> 1933 Litografia sobre papel Coleção Moderna, inv. GP824
Jorge Barradas (1894-1971) <b>Sem Título</b> 1933 Litografia sobre papel Coleção Moderna, inv. GP821
Carlos Botelho (1899-1982) <b>Estufa-Fria</b> 1938 Tinta-da-China, guache e grafite sobre papel Coleção Moderna, inv. DP135
Carlos Botelho (1899-1982) <b>A inauguração da exposição colonial «à la minute»</b>

1931 Tinta-da-China, grafite e colagem sobre papel Coleção Moderna, inv. DP134
--

## Escadas A

Leonel Moura (1948) <b>Sem Título (Amália # 6)</b> 1987 Tinta acrílica sobre fotografia e moldura em ferro Coleção Moderna, inv. 00FP337
--

## Sala 3

Carlos Calvet (1928-2014) <b>Cais da Ribeira – Porto</b> 1951 Guache sobre papel Coleção Moderna, inv. DP1332
Miguel Palma (1964) <b>Técnico Miracle #4</b> 2013 Colagem, grafite e ponta de feltro sobre papel impresso Coleção Moderna, inv. 16DP4032
Miguel Palma (1964) <b>Técnico Miracle #3</b> 2013 Colagem, grafite e ponta de feltro sobre papel impresso Coleção Moderna, inv. 16DP4031
Miguel Palma (1964) <b>Técnico Miracle #12</b> 2013 Colagem, grafite e ponta de feltro sobre papel impresso Coleção Moderna, inv. 16DP4037
Miguel Palma (1964) <b>Técnico Miracle #18</b> 2013 Colagem, grafite e ponta de feltro sobre papel impresso Coleção Moderna, inv. 16DP4034
Miguel Palma (1964) <b>Técnico Miracle #19</b> 2013 Colagem, grafite e ponta de feltro sobre papel impresso Coleção Moderna, inv. 16DP4035
Miguel Palma (1964) <b>Técnico Miracle #25</b> 2013 Colagem, grafite e ponta de feltro sobre papel impresso Coleção Moderna, inv. 16DP4036

Miguel Palma (1964) <b>Técnico Miracle #10</b> 2013 Colagem, grafite e ponta de feltro sobre papel impresso Coleção Moderna, inv. 16DP4033
Miguel Palma (1964) <b>Técnico Miracle #2</b> 2013 Colagem, grafite e ponta de feltro sobre papel impresso Coleção Moderna, inv. 16DP4030
Júlio Resende (1917-2011) <b>Sem Título</b> 1950 Guache sobre papel Coleção Moderna, Inv. DP77
Lima de Freitas (1927-1998) <b>Sem Título</b> 1946 Pastel e carvão sobre papel Coleção Moderna, inv. DP1176
Júlio Pomar (1926) <b>A refeição do menino ou almoço</b> Sem data Litografia sobre papel Coleção Moderna, inv. GP1394
Eduardo Malta (1900-1967) <b>Retrato da escritora Maria da Graça Freire</b> 1958 Grafite sobre papel Coleção Moderna, Inv. DP1773
Cipriano Dourado (1921-1981) <b>Camponesa</b> 1957 Litografia sobre papel Coleção Moderna, inv. GP15

#### Sala 4

Mário Cesariny (1923-2006) <b>Poème</b> 1947 Colagem sobre papel Coleção Moderna, inv. DP1385 / a
Fernando Lemos (1926) <b>Intimidade dos Armazéns do Chiado</b> 1949-1952 Fotografia sobre papel Agfa Coleção Moderna, inv. FP258
Fernando Lemos (1926) <b>Fernando de Azevedo, Vespeira e etc...</b>

1949-1952 Fotografia sobre papel Agfa Coleção Moderna, inv. FP198
Fernando Lemos (1926) <b>Eu (Autorretrato)</b> 1949-1952 Fotografia sobre papel Agfa Coleção Moderna, inv. FP294
Victor Palla (1922-2006) <b>Sem Título</b> 1956 Fotografia sobre papel fotográfico Coleção Moderna, inv. FP330
Victor Palla (1922-2006) <b>Sem Título</b> 1957 Fotografia sobre papel fotográfico Coleção Moderna, inv. FP326
Victor Palla (1922-2006) <b>Sem Título</b> 1956 Fotografia sobre papel fotográfico Coleção Moderna, inv. FP324
Victor Palla (1922-2006) <b>Sem Título</b> 1956 Fotografia sobre papel fotográfico Coleção Moderna, inv. FP327
Fernando de Azevedo (1923-2002) <b>Ocultação</b> c.1950-1951 Tinta-da-China sobre imagem impressa Coleção Moderna, inv. DP442
Fernando de Azevedo (1923-2002) <b>Ocultação</b> c.1950-1951 Tinta-da-China sobre imagem impressa Coleção Moderna, inv. DP441
Victor Palla (1922-2006) <b>Nude on the floor</b> 1952-1954 Fotografia sobre papel Agfa Coleção Moderna, inv. FP495
Eduardo Nery (1938-2013) <b>N.º 29</b> 2003 Fotografia sobre papel fotográfico Coleção Moderna, inv. 05FP465
Eduardo Nery (1938-2013) <b>N.º 11</b> 2003

Fotografia sobre papel fotográfico  
Coleção Moderna, inv. 05FP460

## Sala 5

Paula Rego (1935) <b>Contos Populares Portugueses: as três cabeças de oiro – rapariga sentada num poço com cabeças em primeiro plano</b> c.1975 Guache sobre papel Coleção Moderna, inv. DP238
Paula Rego (1935) <b>Contos Populares Portugueses: Branca Flor – rapaz a brincar com o diabo</b> c.1975 Guache sobre papel Coleção Moderna, inv. DP241
Paula Rego (1935) <b>Contos Populares Portugueses: os dois vizinhos – dois homens separados por um rio de sangue</b> c.1975 Guache sobre papel Coleção Moderna, inv. DP239
Paula Rego (1935) <b>Contos Populares Portugueses: o diabo gato – três pequenos diabos atados com fio branco</b> c.1975 Guache sobre papel Coleção Moderna, inv. DP240
Paula Rego (1935) <b>Contos Populares Portugueses: Branca Flor – o diabo e a diaba na cama</b> c.1975 Guache sobre papel Coleção Moderna, inv. DP237
Paula Rego (1935) <b>Contos Populares Portugueses: Branca Flor – pombas a tomar banho</b> c.1975 Guache sobre papel Coleção Moderna, inv. DP242
Jorge Pinheiro (1931) <b>Alegoria de viagem turística de Marcel Duchamp ao Portugal desconhecido (da série "Mensagens III")</b> 1976 Aguarela, lápis de cor e tinta da China sobre papel colado em platex Coleção Moderna, inv. DP308
René Bertholo (1935-2005) <b>Sem Título</b> 1964 Lápis de cor, lápis de cera e grafite sobre papel Coleção Moderna, inv. 97DP1714
João Vieira (1934-2009)



<b>Quatro</b> 1975 Guache sobre papel Coleção Moderna, inv. DP2503
Helena Almeida (1934-2018) <b>Separação</b> 1976 Fotografia a p/b sobre papel Coleção Moderna, inv. FP13 1-4
Lourdes Castro (1930) <b>Sombra projectada de Arroyo</b> 1971 Serigrafia sobre plexiglas Coleção Moderna, inv. GP950
Lourdes Castro (1930) <b>Sombra de Dália</b> 1970 Serigrafia sobre plexiglas Coleção Moderna, inv. GP949
José Barrias (1944) <b>Barragem</b> 1980 14 Fotografia e vídeo Super 8 p/b Coleção Moderna, inv. 96E1254

## Escadas B

Maria Helena Viera da Silva (1908-1992) <b>A Poesia está na Rua</b> 1975 Guache sobre papel Coleção Moderna, Inv. PE110
Eduardo Batarda (1943) <b>O Vitória de Marracuene</b> 1973 Tinta-da-China e aguarela sobre papel Coleção Moderna, inv. 98DP1726

## Sala 6

Mafalda Santos (1980) <b>Ambiente de Trabalho</b> 2005 Tinta-da-China sobre papel 16 folhas Coleção Fundação PLMJ
Daniel Blaufuks (1963) <b>I Spy</b> 2003

<p>Fotografia a cores sobre papel</p> <p>Prova única</p> <p>Coleção Moderna, Inv. 03FP428</p>
<p>Susana Gaudêncio (1977)</p> <p><b>Ilhas Afortunadas: aforismos sobre a emergência de um mundo aparentemente contínuo</b></p> <p>2016</p> <p>Animação-vídeo, som, 13'58"</p> <p>Coleção Moderna, inv. 16IM72</p>
<p>Nuno Nunes-Ferreira (1977)</p> <p><b>Propaganda</b></p> <p>2014</p> <p>Fotografias e papéis colados em cartão, agramos e fita-cola, diversos elementos colados (canetas, cassete de música, carica), 14 molduras de duplo vidro, arquivador metálico de 6 gavetas</p> <p>Coleção Moderna, inv. 14E1773</p>

## Sala 7

<p>Manuel Botelho (1950)</p> <p><b>Matchbox: Portugal Is Not a Small Country</b></p> <p>2009</p> <p>Impressão a jacto de tinta sobre papel Lumijet/Hahnemühle</p> <p>Coleção Moderna, inv. 16E1819</p>
--

## Operação 2

## Sala 1 Exterior

<p>António Soares (1894-1978)</p> <p><b>Retrato de uma Bailarina (Natacha)</b></p> <p>1928</p> <p>Têmpera sobre tela</p> <p>165 x 125 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 81P69</p>
<p>Jorge Barradas (1894-1971)</p> <p><b>Cabeça de mulher</b></p> <p>1930</p> <p>Óleo sobre cartão</p> <p>29 x 25 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 83P327</p>
<p>Jorge Barradas (1894-1971)</p> <p><b>Cabeça de mulher</b></p> <p>1930</p> <p>Óleo sobre cartão</p> <p>33 x 24 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 81P321</p>

<p>António Carneiro (1872-1930)</p> <p><b>Sinfonia Azul</b></p> <p>1920</p> <p>Óleo sobre tela</p> <p>78,5 x 63,5 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 83P44</p>
<p>Frederico George (1915-1994)</p> <p><b>Auto-Retrato</b></p> <p>c.1939</p> <p>Óleo sobre cartão</p> <p>100 x 80 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 81P627</p>
<p>Adriano de Sousa Lopes (1879-1944)</p> <p><b>Auto-Retrato</b></p> <p>c.1907</p> <p>Óleo sobre tela</p> <p>100 x 73 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 85P633</p>

## Sala 1

<p>Cristiano Cruz (1892-1951)</p> <p><b>Sem Título (Senhoras à mesa)</b></p> <p>Sem data</p> <p>Óleo sobre cartão</p> <p>28,5 x 26 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 80P53</p>
<p>Armando de Basto (1889-1923)</p> <p><b>Mulher com xaile</b></p> <p>Sem data</p> <p>Óleo sobre cartão</p> <p>49,7 x 49,9 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 83P49</p>
<p>Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)</p> <p><b>Os Galgos</b></p> <p>c.1911</p> <p>Óleo sobre tela</p> <p>100 x 73 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 77P1</p>
<p>Amadeo de Souza- Cardoso (1887-1918)</p> <p><b>“Cosinha da Casa de Manhufe”</b></p> <p>1913</p> <p>Óleo sobre madeira</p> <p>29,2 x 49,6 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 86P36</p>
<p>Amadeo de Souza- Cardoso (1887-1918)</p> <p><b>Procissão Corpus Christi</b></p> <p>1913</p> <p>Óleo sobre madeira</p>

29 x 50,8 cm Coleção Moderna, inv. 86P34
Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918) <b>Étude A</b> 1913 Óleo sobre tela 46 x 61 cm Coleção Moderna, inv. 13P1753
Sonia Delaunay (1885-1979) <b>Cantores Flamenco (Grande Flamenco)</b> c. 1915-16 Óleo, cera e cola sobre tela 174,5 x 143 cm Coleção Moderna, inv. PE114
Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918) <b>Étude B</b> 1913 Óleo sobre tela 46 x 61 cm Coleção Moderna, inv. 77P6
Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918) <b>Sem Título (Máquina registadora)</b> c.1917 Óleo e colagem sobre tela 93,3 x 76 cm Coleção Moderna, inv. 68P10
Eduardo Viana (1881-1967) <b>K4 Quadrado Azul</b> c.1916 Óleo sobre tela 47,5 x 56 cm Coleção Moderna, inv. 83P37
Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918) <b>Sem Título (Entrada)</b> c.1917 Óleo e colagem sobre tela 93,5 x 75,5 cm Coleção Moderna, inv. 77P9
Sarah Affonso (1899-1983) <b>Casamento na Aldeia</b> 1937 Óleo sobre tela 103,3 x 86 cm Coleção Moderna, inv. 83P360
José de Almada Negreiros (1893-1970) <b>Homenagem a Luca Signorelli</b> 1942 Óleo sobre tela 55 x 38 cm Coleção Moderna, inv. 83P61
Mário Eloy (1900-1951)

<b>A fuga</b> c.1938-39 Óleo sobre tela 100 x 80 cm Coleção Moderna, inv. 04P1268
Júlio dos Reis Pereira (1902-1983) <b>Espera</b> 1930 Óleo sobre tela   Oil on canvas 64,5 x 80,5 cm Coleção Moderna, inv. 80P86
António Pedro (1909-1966) <b>Refoulement</b> 1936 Óleo sobre tela 34,5 x 47 cm Coleção Moderna, inv. 83P114
António Pedro (1909-1966) <b>Sem Título</b> 1935 Óleo sobre tela 81,5 x 64 cm Coleção Moderna, inv. 04P1274
Júlio dos Reis Pereira (1902-1983) <b>Pequenos animais sobre a areia</b> 1932 Óleo sobre cartão 65 x 80 cm Coleção Moderna, inv. 80P369
Maria Helena Vieira da Silva (1908-1992) <b>História Trágico-Marítima ou Naufrage</b> 1944 Óleo sobre tela 81,5 x 100 cm Coleção Moderna, inv. 78PE97

## Sala 2

Mário Cesariny (1923-2006) <b>Mário de Sá Carneiro raptando Maria Helena Vieira da Silva</b> 1972 Óleo sobre cartão colado sobre a tela 65,5 x 50,5 cm Coleção Moderna, inv. 83P859
Paula Rego (1935) <b>S. Vomiting the Pátria</b> 1960 Óleo sobre tela 94 x 120 cm

Coleção Moderna, inv. 83P417
Mário Cesariny (1923-2006) <b>Naniôra - Uma e duas</b> 1960 41 x 38 cm Têmpera sobre platex Coleção Moderna, inv. 80P120
Fernando Azevedo (1923-2002) António Domingues (1921-2004) António Pedro (1909-1966) João Moniz Pereira (1920-1989) Marcelino Vespeira (1925-2002) <b>Cadavre exquis</b> 1948 Óleo sobre tela 150 x 180 cm Coleção Moderna, inv. 83P119
Marcelino Vespeira (1925-2002) <b>Apertado pela fome</b> 1945 Óleo sobre tela 105 x 86 cm Coleção Moderna, inv. 82P101
Marcelino Vespeira (1925-2002) <b>Óleo 54</b> 1950 Óleo sobre cartão 73 x 50 cm Coleção Moderna, inv. 81P103
António Pedro (1909-1966) <b>Rapto na paisagem povoada</b> 1947 Óleo sobre tela 121 x 122 cm Coleção Moderna, inv. 80P113
António Dacosta (1914-1990) <b>Sem Título</b> c.1948 Óleo sobre tela 41 x 33 cm Coleção Moderna, inv. 80P125
Maria Helena Vieira da Silva (1908-1992) <b>Composition ou Pim! Pam! Poum!</b> 1934 Óleo sobre tela 55 x 100 cm Coleção Moderna, inv. 78PE104
Anthony Hill (1930) <b>Painting, Red and White</b> 1952 Óleo sobre tela

91,3 x 91,3 cm Coleção Moderna, inv. PE215
Nadir Afonso (1920-2013) <b>Espacillimité</b> 1958 Óleo sobre tela 80 x 147 cm Coleção Moderna, inv. 70P149

### Sala 3

Lourdes Castro (1930) <b>Sombra Projectada de Christa Maar</b> 1968 Tinta gliceroftálica sobre plexiglass 100,5 x 80 x 4,5 cm Coleção Moderna, inv. 83P567
Lourdes Castro (1930) <b>Odalisque d'après Ingres</b> 1964 Tinta de esmalte sobre tela 59,5 x 119,5 cm Coleção Moderna, inv. 67P291
João Vieira (1934-2009) <b>Elo (Assemblage)</b> 1971 Chapas de plexiglass 75 x 100 cm Coleção Moderna, inv. 80P613
Rolando Sá Nogueira (1921-2002) <b>Shunga</b> 1969 Tinta acrílica sobre tela 110 x 140 cm Coleção Moderna, inv. 83P522
Júlio Pomar (1926-2018) <b>Le Bain Turc, d'après Ingres</b> 1971 Tinta acrílica sobre tela 161 x 130 cm Coleção Moderna, inv. 83P772
Eduardo Batarida (1943) <b>I Like Art ou a Perspectiva do Costume com Água no Bico</b> 1967/68 Tinta acrílica sobre madeira 195 x 170 cm Coleção Moderna, inv. 81P697
Nikias Skapinakis (1931) <b>Encontro de Natália Correia com Fernanda Botelho e Maria João Pires 1974</b>

<p>Óleo sobre tela 140 x 110 cm Coleção Moderna, inv. 81P934</p>
<p>António Palolo (1946-2000) <b>Sem Título</b> 1971 Óleo sobre tela 141 x 97 cm Coleção Moderna, inv. 83P572</p>
<p>Jorge Pinheiro (1931) <b>Bispo (vermelho)</b> 1981 Óleo sobre tela 140 x 140 cm Coleção Moderna, inv. 83P586</p>
<p>Jorge Martins (1940) <b>Sem Título</b> 1985 Óleo sobre tela 175 x 134 cm Coleção Moderna, inv. 86P520</p>
<p>Howard Hodgkin (1932) <b>Mr. and Mrs. Patrick Caulfield</b> 1969-70 Óleo sobre tela 107 x 127 cm Coleção Moderna, inv. PE223</p>
<p>António Palolo (1946-2000) <b>Hórrido Silêncio do Teu Corpo</b> 1966 Óleo sobre platex 109,5 x 82 cm Coleção Moderna, inv. 67P295</p>
<p>Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918) <b>Título desconhecido</b> c.1917 Óleo e colagem sobre tela e madeira 93,5 x 93,5 cm Coleção Moderna, inv. 77P8</p>
<p>Joaquim Rodrigo (1912-1997) <b>Trás-os-Montes</b> 1964 Têmpera sobre platex 91 x 122 cm Coleção Moderna, inv. 67P146</p>
<p>José Escada (1934-1980) <b>Sem Título</b> 1965 Óleo sobre tela 99 x 65 cm Coleção Moderna, inv. 65P276</p>



### Sala 3 Exterior

António Areal (1934-1978) <b>O Fantasma de Avignon (série)</b> 1967 Tinta de esmalte sobre platex 100 x 170 cm (cada) Coleção Moderna, inv. 79P833-79P835, 79P644-79P646

### Sala 4

Luís Noronha da Costa (1942) <b>Sem Título</b> 1976 Tinta celulósica sobre tela 165 x 220,5 cm Coleção Moderna, inv. 76P617
Álvaro Lapa (1939-2006) <b>Passeio 4</b> 1984 Tinta acrílica e colagem sobre cartão 67,5 x 170 cm Coleção Moderna, inv. 85P418
Teresa Magalhães (1944) <b>Algarve (Série: Gestos da Cor - Sinais da Terra)</b> 1978/79 Técnica-mista sobre contraplacado 130 x 99,7 cm Coleção Moderna, inv. 81P817
Fernando Calhau (1948-2002) <b>Sem título</b> 1973 Pintura com intervenção serigráfica sobre tela 200 x 200 cm Coleção Moderna, inv. P1602
António Dacosta (1914-1990) <b>Sonho de Fernando Pessoa Debaixo de uma Latada numa Tarde de Verão</b> 1982/83 Tinta acrílica sobre tela 134 x 121 cm Coleção Moderna, inv. 84P129
Grupo Puzzle (1976) <b>Bandeira Nacional</b> 1976 Técnica-mista sobre tela 207 x 296 cm Coleção Moderna, inv. 76P1410
Joaquim Bravo (1935-1990)

**Happy Fool**

1985

Tinta acrílica sobre tela

100 x 100 cm

Coleção Moderna, inv. 86P472

**Sala 5**

Miguel Branco (1963)

**Sem Título**

2009

Óleo sobre madeira

10,3 x 6,3 cm

Coleção Moderna, inv. 11P1643

Miguel Branco (1963)

**Sem Título**

2009

Óleo sobre madeira

9,3 x 10,5 cm

Coleção Moderna, inv. 11P1633

Miguel Branco (1963)

**Sem Título**

2009

Óleo sobre madeira

10,4 x 6,3 cm

Coleção Moderna, inv. 11P1644

Miguel Branco (1963)

**Sem Título**

2009

Óleo sobre madeira

10,5 x 9,4 cm

Coleção Moderna, inv. 11P1632

Miguel Branco (1963)

**Sem Título (Pequena figura de esquiador com fundo amarelo)**

1999

Óleo sobre madeira

14,5 x 17 cm

Coleção Moderna, inv. 00P1032

Miguel Branco (1963)

**Sem Título (Pequena figura sobre fundo verde)**

1999

Óleo sobre madeira

14,5 x 17 cm

Coleção Moderna, inv. 00P1031

Fiona Rae (1963)

**Motel**

1997

Óleo e tinta acrílica sobre tela

213,5 x 183 cm

Coleção Moderna, inv. 97PE279
<p>Isabel Simões (1981)</p> <p><b>Oiro</b></p> <p>2005</p> <p>Tinta acrílica sobre tela</p> <p>130 x 195 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 06P1361</p>
<p>António Sena (1941)</p> <p><b>BL – HY</b></p> <p>1979</p> <p>Tinta acrílica sobre tela</p> <p>183 x 122 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 81P1108</p>
<p>Ângelo de Sousa (1938-2011)</p> <p><b>Sem Título</b></p> <p>2000/01</p> <p>Tinta acrílica sobre tela</p> <p>200 x 170 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 01P1219</p>
<p>José Loureiro (1961)</p> <p><b>Sem Título</b></p> <p>1998 – 1999</p> <p>Óleo sobre tela</p> <p>180 x 130 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 00P1034</p>
<p>José Loureiro (1961)</p> <p><b>Sem Título</b></p> <p>1999</p> <p>Óleo sobre tela</p> <p>180 x 130 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 00P1035</p>
<p>Pires Vieira (1950)</p> <p><b>Friends / Lovers</b></p> <p>1991</p> <p>Óleo sobre tela</p> <p>140 x 208 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 91P205</p>
<p>Gil Heitor Cortesão (1967)</p> <p><b>Party Room</b></p> <p>2012</p> <p>Óleo sobre vidro acrílico</p> <p>150 x 150 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 14P1772</p>

Sala 5 Exterior

Manuel Botelho (1950) <b>Pietá</b> 1999 Óleo sobre tela 202 x 101 cm Coleção Moderna   Modern Collection, inv. 01P1222
Pedro Calapez (1953) <b>Cena Satírica</b> 1996 Alkyd sobre contraplacado 246 x 140 cm (total) Coleção Moderna, inv. 99P778
Julião Sarmento (1948) <b>An Involved Story</b> 1998 Técnica-mista sobre tela 295 x 190 cm Coleção Moderna, inv. 00P1033

Operação 3

Núcleo 1

Charles Sargeant Jagger (1885-1934) <b>Bacanal (Cathal and the Woodfolk)</b> 1914 Terracota 40 x 70 cm Coleção do Fundador, inv. 576
Alfred Gilbert (1854-1934) <b>Vitória</b> Início do século XX Prata, ónix e bronze 22 x 11,5 x 10,5 cm Coleção do Fundador, inv. 871
Joseph Bernard (1866-1931) <b>Mulher com uma Bilha</b> 1910 Bronze 64 x 22 x 32 cm Coleção do Fundador, inv. 320
António Augusto da Costa Motta (1862-1930) <b>Bernardim Ribeiro</b>

1907 Bronze 109 x 60 x 35 cm Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado
Auguste Rodin (1840-1917) <b>Busto de Victor Hugo</b> 1886-1888 Mármore 58 x 36 x 28 cm Coleção do Fundador, inv. 265
Júlio Vaz (1877-1963) <b>Meditando - Retrato do jornalista Mário Salgueiro</b> Sem data Bronze fundido 43 x 22 x 21 cm Coleção Moderna, inv. 68E882
Maximiano Alves (1888-1954) <b>Escrava</b> 1916 Bronze Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado
Francisco Franco (1885-1955) <b>Busto do Dr. Figueira</b> c.1915-1920 Bronze 37 x 21 x 27 cm Coleção Moderna, inv. 90E878
Francisco Franco (1885-1955) <b>Cabeça de Velho</b> 1909 Bronze 68 x 38 x 26 cm Coleção Moderna, inv. E1606
Francisco dos Santos (1878-1930) <b>Dr. Sousa Viterbo</b> 1950 Bronze com base em pedra 70 x 53 x 55 cm Coleção Escola de Belas Artes
António Augusto da Costa Motta (1862-1930) <b>Monumento a Afonso de Albuquerque</b> 1901 Gesso, gesso patinado e metal 43,5 x 16 x 16 cm (figura) 107 x 27 x 27 cm (coluna) Coleção Escola de Belas Artes

## Núcleo 2

Hein Semke (1899-1995) <b>As vendedeiras</b> 1938 Cimento moldado armado com ferro 116 x 78 x 14 cm Coleção Moderna, inv. 13E1679
Jorge Barradas (1894-1971) <b>Cabeça/Busto</b> 1945 Cerâmica 35 x 18 x 17 cm Coleção Moderna, inv. CP3
Canto da Maya (1890-1981) <b>Virgem com Menino</b> 1920 Bronze patinado 35 x 27 x 27 cm Coleção Moderna, inv. 86E841
João Fragoso (1913-2000) <b>Sem Título</b> Anos 1960 Cerâmica vidrada 22,5 x 11,5 x 29 cm Coleção Moderna, inv. E1574
Canto da Maya (1890-1981) <b>La Femme au Serpent</b> c.1923 Poliéster 44 x 36,5 x 17 cm Coleção Moderna, inv. 81E883
Leopoldo de Almeida (1898-1974) <b>Vencido da vida</b> 1922 Gesso 50 x 55 x 34 cm Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado
Leopoldo de Almeida (1898-1974) <b>Sem Título (figura feminina)</b> Anos 1930 Bronze patinado 53 x 16 x 15 cm Coleção Moderna, inv. 80E821
Leopoldo de Almeida (1898-1974) <b>Figura de Franca Cristino da Silva</b> c.1925 Bronze 45,5 x 14 x 16 cm Coleção Moderna, inv. 82E495

<p>Leopoldo de Almeida (1898-1974)</p> <p><b>Pensador</b></p> <p>1939</p> <p>Bronze</p> <p>33 x 22 x 18 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 82E822</p>
<p>René Lalique (1860-1945)</p> <p><b>Jarra «Cluny»</b></p> <p>c.1925</p> <p>Vidro e bronze</p> <p>26 x 30,6 cm</p> <p>Coleção do Fundador, inv. 1268</p>
<p>Hein Semke (1899-1995)</p> <p><b>Retrato de M. Z. II</b></p> <p>1934</p> <p>Gesso patinado</p> <p>41,7 x 24,6 x 32,4 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv 13E1674</p>
<p>Jorge Vieira (1922-1998)</p> <p><b>Cabeça de Rapariga</b></p> <p>1956</p> <p>Terracota</p> <p>32,5 x 17 x 27,5 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 82E761</p>
<p>Joaquim Correia (1920)</p> <p><b>Cabeça da Actriz Maria Lalande</b></p> <p>1940</p> <p>Bronze com base de mármore</p> <p>56 x 38 x 18 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 64E865</p>
<p>Diogo de Macedo (1889-1959)</p> <p><b>Busto de Mme. Sousa Lopes</b></p> <p>1925</p> <p>Bronze fundido</p> <p>42,5 x 41,5 x 25 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 82E908</p>
<p>Francisco Franco (1885-1955)</p> <p><b>Cabeça de Rapaz</b></p> <p>Não datado</p> <p>Barro</p> <p>26 x 18 x 22,5 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 81E876</p>
<p>Francisco Franco (1885-1955)</p> <p><b>A Polaca</b></p> <p>1921</p> <p>Bronze com base de mármore</p> <p>43 x 23 x 29 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 81E875</p>
<p>Edgar Brandt (1880-1960)</p> <p><b>Portas de elevador</b></p> <p>1926</p>

<p>Ferro forjado, vidro, bronze 240 x 85 cm Coleção do Fundador, inv. 2917A/B</p>
<p>Canto da Maya (1890-1981) <b>Benit soit le fruit de tes entrailles</b> 1922 Bronze 170 x 120 x 65 cm Coleção Moderna, inv. 86E636</p>
<p>Álvaro de Brée (1903-1962) <b>Menina dos Olhos Tristes</b> 1941 Bronze 62 x 38,5 x 30,5 cm Coleção Moderna, inv. 58E790</p>
<p>Diogo de Macedo (1889-1959) <b>L'Adieu</b> 1920 Bronze 47 x 56,5 x 42 cm Coleção Moderna, inv. 82E439</p>
<p>Francisco Franco (1885-1955) <b>Torso</b> 1922 (gesso) - 1982 (bronze) Bronze 110 x 45 x 45 cm Coleção Moderna, inv. 82E877</p>

### Núcleo 3

<p>Fernando Lemos (1926) <b>Manequim do Vespeira</b> 1949-1952 Fotografia a p/b sobre papel 45,5 x 45,5 cm Coleção Moderna, inv. FP207/1</p>
<p>Fernando Lemos (1926) <b>Visita Estranha II</b> 1949-1952 Fotografia a p/b sobre papel Agfa 45,5 x 45,5 cm Coleção Moderna, inv. FP204</p>
<p>Artur do Cruzeiro Seixas (1920) <b>Mão</b> 1960 Luva de cabedal e aparos 81 x 81 x 11 cm Coleção Moderna, inv. 80E695</p>
Aureliano Lima (1916-1984)



<p><b>Sem Título</b>  1950-1960  Ferro metalizado, bronze e zinco  90 x 23 x 14 cm  Coleção Moderna, inv. 82E903</p>
<p>João Paulo (1929)  <b>Guerreiros</b>  1960  Ferro  70 x 40 x 20 cm  Coleção Moderna, inv. 63E869</p>
<p>António Pedro (1909-1966)  <b>Escultura</b>  1952  Bronze  36,5 x 28 x 26.5 cm  Coleção Moderna, inv. 79E758</p>
<p>Jorge Vieira (1922-1998)  <b>Sem Título (Escultura n.º 3)</b>  1966  Ferro  75,5 x 144 x 55 cm  Coleção Moderna, inv. 66E283</p>
<p>António Charrua (1925-2008)  <b>O Dragão</b>  1968  Ferro pintado e tecidos  80 x 180 x 80 cm  Coleção Moderna, inv. 15E1786</p>
<p>Germaine Richier (1904-1959)  <b>O Grande Gafanhoto</b>  1946  Bronze  139 x 87 x 165,5 cm  Coleção Moderna, inv. EE27</p>
<p>Hubert Dalwood (1924-1976)  <b>Horizon opus 103</b>  1967  Construção de alumínio  122 x 120,5 x 4,5 cm  Coleção Moderna, inv. EE20</p>
<p>Victor Pasmore (1908-1998)  <b>Abstract in White, Black and Maroon</b>  1956-1957  Madeira pintada  76,2 x 76,2 x 5 cm  Coleção Moderna, inv. 88RE10</p>
<p>Mary Martin (1907-1969)  <b>White Relief with Black</b>  1954-1962  Construção em madeira e fórmica</p>

87,5 x 87,5 cm x 14,3 cm Coleção Moderna, inv. RE6
René Bertholo (1935-2005) <b>Nuvem com Superfície Variável – III</b> 1967 Alumínio pintado com motor e programador 92 x 95,5 x 25 cm (nuvens) 23 x 18 x 14,5 cm (caixa) Coleção Moderna, inv. 01E1215
José Escada (1934-1980) <b>Sem Título</b> 1974 Chapa de ferro recortada sobre madeira 200 x 100 x 14 cm Coleção Moderna, inv. 95P347
Artur Rosa (1926) <b>Evolução do Quadrado numa Malha Logarítmica</b> 1967 Madeira pintada e alumínio anodizado 115 x 115 x 19 cm Coleção Moderna, inv. 67E297
Marina Mesquita (1940-2007) <b>Escultura</b> 1971 Aço inoxidável 188 x 112 x 188 cm Coleção Moderna, inv. 71E1027
Gillian Wise (1936) <b>Relief Construction</b> 1964 Fórmica, plexiglas, alumínio, madeira e contraplacado 86,2 x 86,2 x 38,5 cm Coleção Moderna, inv. RE20
António Areal (1934-1978) <b>Sem Título (Objecto)</b> 1964 Madeira pintada 47 x 23 x 17 cm Coleção Moderna, inv. 79E1126
António Areal (1934-1978) <b>Sem Título (Objecto)</b> 1964 Madeira pintada 51,5 x 30 x 19 cm Coleção Moderna, inv. 79E1127
António Areal (1934-1978) <b>A.H.A.Q.O.V.F.P.P.S.A.F.T.</b> 1964 Madeira pintada, ferro e vidro 45 x 27 x 16,5 cm Coleção Moderna, inv. 65E268

<p>Ângelo de Sousa (1938-2011)</p> <p><b>Escultura</b></p> <p>1966</p> <p>Aço inoxidável pintado</p> <p>36 x 67 x 31 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 97E526</p>
<p>Artur Rosa (1926)</p> <p><b>Escultura para Espaço Urbano</b></p> <p>1971</p> <p>Ferro pintado e latão niquelado</p> <p>30 x 65 x 30 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 82E792</p>
<p>Ângelo de Sousa (1938-2011)</p> <p><b>Sem Título</b></p> <p>1965</p> <p>Acrílico</p> <p>27,5 x 53,6 x 29 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 07E1415</p>
<p>Lourdes Castro (1930)</p> <p><b>In the Café</b></p> <p>1964</p> <p>Tinta acrílica sobre vidro</p> <p>28 x 19 x 13 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 92P300</p>
<p>António Areal (1934-1978)</p> <p><b>Sem Título</b></p> <p>1967</p> <p>Madeira e tinta acrílica</p> <p>52 x 40 x 8,5 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 13E1752</p>
<p>João Cutileiro (1937)</p> <p><b>Arcanjo</b></p> <p>1962</p> <p>Cimento modelado</p> <p>175 x 49,5 x 33 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 67E290</p>
<p>Sérgio Pombo (1947)</p> <p><b>Homem Vermelho</b></p> <p>1973-2013</p> <p>Resina, fibra de vidro, ferro e base de bronze</p> <p>178 x 55 x 30 cm (Figura)</p> <p>50 x 50 x 0,5 cm (Base)</p> <p>Coleção Moderna, inv. 13E1744</p>
<p>Hein Semke (1899-1995)</p> <p><b>Torso vermelho</b></p> <p>1971</p> <p>Óleo e madeira prensada</p> <p>185,8 x 54,5 x 35 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 13E1693</p>
<p>Aureliano Lima (1916-1984)</p> <p><b>Escultura II</b></p>

1974 Ferro pintado 182 x 41 x 24 cm Coleção Moderna, inv. 88E913
---

#### Núcleo 4

<p>Lourdes Castro (1930)</p> <p><b>Caixa madeira</b></p> <p>1963</p> <p>Madeira</p> <p>51,7 x 51,7 x 11,5 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 99E809</p>
<p>Eduardo Nery (1938-2013)</p> <p><b>Estrutura nº 10</b></p> <p>1968</p> <p>Óleo sobre madeira e painel recortado</p> <p>125 x 100 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 98P595</p>
<p>David Hall (1937)</p> <p><b>Box</b></p> <p>1965</p> <p>Aço pintado</p> <p>222 x 214 x 127 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. EE15</p>
<p>Joe Tilson (1928)</p> <p><b>Wooden Relief no. 10</b></p> <p>1960</p> <p>Madeira e PVA</p> <p>122 x 152 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. RE3</p>
<p>Garth Evans (1934)</p> <p><b>White</b></p> <p>1965</p> <p>Fibra de vidro pintada</p> <p>123 x 140 x 9 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. RE16</p>
<p>José Rodrigues (1936)</p> <p><b>Sem Título</b></p> <p>c.1968</p> <p>Ferro</p> <p>210 x 196 x 297 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 83E1026</p>
<p>Hamish Fulton (1946)</p> <p><b>Eyes Flames herbs Chang heart hands feet</b></p> <p>1985</p> <p>Gelatina de sais de prata sobre papel</p> <p>49,5 x 200,5 cm (sem moldura)</p> <p>Coleção Moderna, inv. 86FE3</p>

<p>Alberto Carneiro (1937-2017)</p> <p><b>Natureza da arte na arte do corpo/Corpo da arte na arte da Natureza</b></p> <p>1979</p> <p>Fotografia e grafite sobre tela e papel</p> <p>129 x 102 x 4,5 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. DP1626</p>
<p>Manuel Valente Alves (1953)</p> <p><b>Hotel Victoria</b></p> <p>1991</p> <p>Fotografia em viragem a sépia sobre papel</p> <p>49,2 x 183,2 x 5 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 93FP277</p>
<p>Manuel Valente Alves (1953)</p> <p><b>Hotel Royal</b></p> <p>1991</p> <p>Fotografia em viragem a sépia sobre papel</p> <p>49,2 x 183,2 x 5 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 93FP280</p>
<p>Manuel Valente Alves (1953)</p> <p><b>Hotel President</b></p> <p>1991</p> <p>Fotografia em viragem a sépia sobre papel</p> <p>49,2 x 183,2 x 5 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. 93FP275</p>
<p>Túlia Saldanha (1930-1988)</p> <p><b>240.180.180. dissemetria mater</b></p> <p>1980</p> <p>Instalação com fotografia p/b e caixa de madeira preto mate</p> <p>180 x 19,3 x 36 cm (caixa)</p> <p>24 x 18 cm (cada fotografia)</p> <p>Coleção Moderna, inv. 15E1781</p>
<p>Carlos Nogueira (1947)</p> <p><b>Desenhos e cortantes para construção com chão branco a partir de dentro</b></p> <p>1997-1998</p> <p>Verniz, acrílico, ferro, esmalte, madeira</p> <p>6 elementos</p> <p>29 x 35,9 x 8,4 cm (cada)</p> <p>Coleção Moderna, inv. 02E1411 1-6</p>
<p>Julião Sarmiento (1948)</p> <p><b>A Rainy Day in the Country</b></p> <p>1973</p> <p>Ponta-seca e água-forte sobre papel</p> <p>70 x 51,8 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. GP1938</p>
<p>Julião Sarmiento (1948)</p> <p><b>A Peaceful Day in the Country</b></p> <p>1972</p> <p>Ponta-seca e água-forte sobre papel</p> <p>70 x 51,8 cm</p> <p>Coleção Moderna, inv. GP1939</p>
<p>Alfredo Queiroz Ribeiro (1939)</p>

<p><b>O Sr. e eu éramos grandes amigos</b>  1971  Ferro pintado  114 x 300 x 222 cm  Coleção Moderna, inv. 74E849</p>
<p>Júlio Pomar (1926-2018)  <b>L'Enseigne aux Grelots</b>  1977  Assemblage de osso, metal, tecido e plástico  140 x 80 x 40 cm  Coleção Moderna, inv. 89E1164</p>
<p>Maria Beatriz (1940)  <b>Homenagem a Almada</b>  1983  Corda, algodão, lâmpada, fio eléctrico, mesa, tecido  180 x 79 x 50 cm  Coleção Moderna, inv. 84E580</p>
<p>Bill Woodrow (1948)  <b>War-Head</b>  1987  Arquivo de madeira, caixa metálica e tinta de esmalte  92 x 71 x 83 cm  Coleção Moderna, inv. 97EE50</p>
<p>José de Guimarães (1939)  <b>Os Saltimbancos (da série: O Circo)</b>  1983  Pasta de papel policromado e espelho  117 x 40 x 49 cm  Coleção Moderna, inv. 83E845</p>
<p>Isabel Laginhas (1942-2018)  <b>Objecto</b>  1983  Cabedal, ferro e base de pedra  228 cm (altura)  Coleção Moderna, inv. 83E1177</p>
<p>Alberto Carneiro (1937-2017)  <b>Ionia III</b>  1986-1988  Madeira de cerejeira e tola  187 x 35 x 40 cm  Coleção Moderna, inv. 88E610</p>
<p>Ana Vieira (1940-2016)  <b>Objecto – Porta</b>  1975  Arco, porta de madeira com espelhos e cortina de algodão  193,5 x 50 x 93,5 cm  Coleção Moderna, inv. 89E609</p>
<p>Rui Sanches (1954)  <b>Tiroliro</b>  1988  Madeira e aço galvanizado</p>

160 x 145 x 120 cm Coleção Moderna, inv. 89E451
Rui Chafes (1966) <b>Cisne IV (última carta: morre comigo)</b> 1993-1994 Ferro fundido 216 x 57 x 53 cm Coleção Moderna, inv. 95E354
Helena Almeida (1934-2018) <b>Tela Habitada</b> 1976 Fotografia a p/b sobre papel 167,5 x 126,5 x 4,7 cm Coleção Moderna, inv. 80FP381

## Núcleo 5

Pedro Cabrita Reis (1956) <b>D(OOR), D(AM)</b> 1990 Madeira, gesso, tubo de cobre e porta encontrada 70 x 380 x 173 cm Coleção Moderna, inv. 94E343
Ana Jotta (1946) <b>Heráldica</b> 2000 Cabedal 93 x 77 cm Coleção Moderna, inv. 01E1216
Ana Jotta (1946) <b>Roger</b> 1995 Toalheiro mecânico desativado e toalha bordada 78 x 37 x 21 cm Coleção Moderna, inv. 01E1217
Lúcia Nogueira (1950-1998) <b>Step</b> 1995 Tapete oriental e vidro quebrado Dimensões variáveis Coleção Moderna, inv. 16EE83
Rachel Whiteread (1963) <b>Yellow Leaf</b> 1989 Gesso, fórmica e madeira 73,5 x 150 x 94 cm Coleção Moderna, inv. 91EE43
Fernando Calhau (1948-2002)

<b>Sem Título #336</b> 2002 Aço e lâmpada de néon 150 x 150 x 12 cm Coleção Moderna, inv. 04E1341
José Pedro Croft (1957) <b>Sem Título</b> 1993 Mesa de madeira e esfera de gesso 170 x 110 x 130 cm Coleção Moderna, inv. 94E340

## Núcleo 6

Bruno Pacheco (1974) <b>Hello Goodbye</b> 2007 Monitor TFT, aço, plástico e vídeo Coleção Moderna, inv. 07E1489
Ângela Ferreira (1958) <b>Double Sided</b> 1996-2009 Duas impressões «light jet» coladas sobre alumínio, estante de livros em madeira, dois livros 120 x 150 cm (cada fotografia) 100 x 100,5 x 31,5 cm (estante) Coleção Moderna, inv. 09E1596
Noé Sendas (1972) <b>Eye Cast</b> 2004 Madeira, fotografia e espelho 70 x 40 x 40 cm Coleção Moderna, inv. 05E1364
Fernanda Fragateiro (1962) <b>(Not) Reading Landscape #2</b> 2010 Aço inoxidável e livro 14 x 100 x 14 cm Coleção Moderna, inv. 10E1621
Musa Paradisiaca <b>Aloés</b> 2013 Breu pintado e plinto em ferro 3 x 45 x 10 cm (objecto) 105 x 77 x 35 cm (plinto) Coleção Moderna, inv. 14E1760
Musa Paradisiaca <b>Fibra</b> 2013



<p>Breu pintado e plinto em ferro  7 x 35 x 38 cm (objecto)  105 x 72 x 35 cm (plinto)  Coleção Moderna, inv. 14E1761</p>
<p>Musa Paradisiáca  <b>Abacaxi</b>  2014  Breu pintado e plinto em ferro  6 x 25 x 13 cm (objecto)  105 x 72 x 35 cm (plinto)  Coleção Moderna, inv. 14E1762</p>
<p>Miguel Palma (1964)  <b>Upa! União dos Povos de Angola</b>  2006  Madeira, resina e tinta vermelha (modelo original de uma bomba de Napalm)  Madeira, tinta vermelha e alumínio (reprodução)  Desenho  54 x 297 x 58 cm (modelo original)  9,5 x 33,5 x 10 cm (reprodução)  Coleção Moderna, inv. 16E1820</p>
<p>Pedro Tudela (1962)  <b>Sem Título (série Dupla Sombra)</b>  2003  Altifalantes, metal, plástico, cabos, vidro e disco CD  Coleção Moderna, inv. 15E1796</p>
<p>Teresa Henriques (1978)  <b>Es tensão</b>  2005  Aço, ferro e grafite  140 x 200 x 20 cm  Coleção Moderna, inv. 05E1365</p>
<p>Alexandre Estrela (1971)  <b>TV's Back</b>  1995  Televisão e disco DVD  50 x 48 cm  Coleção Moderna, inv. IM16</p>

## Anexo V

### Tabela de actividades desenvolvidas durante o estágio

#### Outubro de 2018

Actividades desenvolvidas
Acompanhamento da elaboração dos relatórios de estado de conservação de cinco pinturas de Candido Portinari, emprestadas ao Museu do Neo-Realismo, em Vila Franca de Xira, para a exposição temporária «Candido Portinari em Portugal», que decorreu entre 20 de Outubro de 2018 e 3 de Março de 2019.
Acompanhamento da montagem da renovação expositiva da sala 3 do piso 1.
<p>Pesquisa de imagens para figurarem na renovação do painel da sala 2 do piso 1, que passou a ser dedicada ao movimento neo-realista português. A pesquisa centrou-se em torno de imagens com as temáticas do mar e do campo e datadas entre as décadas de 40 e início da década de 60 do século XX. Foram realizadas pesquisas de filmes portugueses da época, como “Nazaré” (1952) e “O Trigo e o Joio” (1965). Posteriormente foram solicitados à Cinemateca a disponibilização de <i>frames</i> digitalizados desses filmes. Foram também feitas pesquisas nos arquivos digitais do Centro Português de Fotografia, no Arquivo Municipal de Lisboa, e no Flickr da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian.</p> <p>A selecção final, feita pela curadora Ana Vasconcelos, recaiu sobre duas imagens pertencentes ao Arquivo Municipal de Lisboa, com o qual iniciei o pedido de cedência de direitos de imagem.</p>
Organização das informações técnicas das obras incorporadas na Coleção Moderna entre 2015 e 2018, para introdução no site do museu. Para cada obra incorporada foi necessário sistematizar a informação relativa ao nome do artista; título da obra; data; técnica; dimensões; nº de inventário; categoria; tipo de incorporação; proveniência e data de incorporação. A realização desta tarefa prolongou-se até ao final do mês de Novembro.
Acompanhamento da verificação e embalagem da obra de José de Almada Negreiros no Museu Nacional de Arte Antiga. O desenho intitulado <i>Auto-Retrato</i> (inv. DP220) foi cedido temporariamente para a exposição «Do Tirar Polo Natural», aberta ao público entre 29 de Junho e 14 de Outubro de 2018.
Elaboração das miniaturas das obras para a maquete da renovação expositiva da sala 2 do piso superior.

## Novembro de 2018

Actividades desenvolvidas
Continuação da organização das informações técnicas das obras incorporadas na Coleção Moderna entre 2015 e 2018, para introdução no site do museu.
No dia 9 de Novembro desloquei-me ao Santuário de Fátima para fazer a verificação e o acompanhamento da embalagem da obra <i>O Homem</i> (inv. 83P317), de Mário Eloy. A obra esteve emprestada para a exposição «As cores do Sol: a luz de Fátima no mundo contemporâneo», que decorreu entre 26 de Novembro de 2016 e 31 de Outubro de 2018.
Identificação e inventariação das obras em depósito no MCG – Coleção Moderna. Estas obras foram introduzidas no software de inventariação e gestão da colecção, o In Arte.
Acompanhamento da renovação expositiva da sala 2 do piso 1.

## Dezembro de 2018

Actividades desenvolvidas
Elaboração de etiquetas de identificação, para colocação nas obras localizadas em reserva.
Elaboração de um texto acerca das três obras de Isabel Laginhas colocadas em exposição. O texto seria para colocar no site do museu, na secção “Museu em Directo”, o que acabou por não se verificar.
<b>Obras em exposição de Isabel Laginhas</b>  Estão presentemente em exposição, no piso 00 da Coleção Moderna, três esculturas de Isabel Laginhas (1942-2018). Desaparecida em Agosto deste ano, a artista desenvolveu uma prática artística abrangente, com incidência na tapeçaria, pintura, escultura e ilustração de livros.  Isabel Laginhas foi por quatro vezes bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian, para investigação de tapeçaria moderna (em 1976, 1977, 1982 e 1991). Ao longo do seu percurso artístico, a natureza das suas obras foi evoluindo de um carácter neofigurativo para um abstracionismo geométrico, sobretudo visível na pintura.  Estas três esculturas em exposição, todas de 1983 e intituladas <i>Objecto</i> (com o intuito de cortar com a tradição), utilizam um material recorrente na obra escultórica da artista, o cabedal, em momentos pintado, explorando a junção de formas abstratas e orgânicas.

Apesar deste pendor abstrato, as formas criadas não deixam de suscitar, na imaginação do observador, uma relação com figuras, talvez por continuar a haver uma citação da representação da figura humana e da estatuária tradicional, pela presença de uma base (em pedra), um tronco (o ferro vertical) e a sugestão de membros (formas em cabedal).

Elaboração de uma listagem das obras já expostas nesta nova apresentação da Coleção Moderna, desde a montagem inicial da exposição «Portugal em Flagrante», passando pelas sucessivas renovações que ocorreram.

### **Janeiro de 2019**

<b>Actividades desenvolvidas</b>
Preparação da renovação expositiva da Coleção Moderna. Inicialmente programada para o mês de Março, foi adiada para Maio. Foi feita pesquisa de obras para figurarem nas salas 1 e 3.
Para o piso 01 foi solicitado que fizesse uma selecção de um conjunto de obras de Ofélia Marques, em que a artista representa pessoas do seu círculo próximo numa infância imaginada. Do conjunto de 40 desenhos desta série de trabalho foram seleccionados 10 desenhos, seguindo o critério de seleccionar pessoas ligadas ao mundo das artes. Na montagem final foram expostos 8 destes desenhos. Foi também solicitado que escrevesse um texto para uma tabela desenvolvida.
Elaboração das miniaturas das obras para a maquete da renovação. Esta maquete serve para analisar quais as obras e em que local ficarão expostas. Contudo, mesmo quando fechada a planificação, podem ocorrer alterações de última hora, como de resto aconteceu.
Elaboração de tabelas para as obras de arte localizadas no Edifício Sede e no jardim da FCG.
Em resposta à solicitação de escrever os textos para os painéis 1, 3, 4 e 5 do piso 1, foi despendido um período significativo de tempo em leitura de bibliografia relativa à história de arte portuguesa do século XX.

### **Fevereiro de 2019**

<b>Actividades desenvolvidas</b>
Continuação da leitura de bibliografia para a elaboração dos textos.
Pesquisa de obras para figurarem na renovação.
Pesquisa de imagens para figurarem nos painéis 1, 3, 4 e 5, do piso superior. A pesquisa foi realizada na Biblioteca Gulbenkian, Flickr Gulbenkian, Arquivos

Gulbenkian, Arquivo Municipal de Lisboa, Cinemateca, Arquivo Casa Comum e no Arquivo Fotográfico da Fundação de Serralves.
--

Elaboração das miniaturas das obras para a maquete da renovação expositiva.
---

### **Março de 2019**

<b>Actividades desenvolvidas</b>
Elaboração das tabelas para as obras a serem expostas nos pisos 0, 01 e 1.
Pesquisa de imagens para colocação nos painéis 1, 3, 4 e 5 do piso 1.
Elaboração dos relatórios de estado de conservação de três pinturas emprestadas ao Conselho Superior de Magistratura, quatro pinturas emprestadas ao Museu Nacional Soares dos Reis, para a exposição «Júlio Resende. A Palavra e a Mão» e de duas pinturas para a exposição «Cérebro – mais vasto que o Céu», na Galeria Principal do Edifício Sede da FCG.

### **Abril de 2019**

<b>Actividades desenvolvidas</b>
Conclusão dos textos para figurarem nos painéis e dos procedimentos de cedência de direitos de imagem.

## Anexo VI

### Lista de obras retiradas e de obras colocadas na Renovação de Outono de 2018

#### Hall

##### Obras retiradas da exposição

	Artista	Título	Inventário
1.	Ana Vieira (1940-2016)	Ocultação/Desocultação	18E1846

##### Obras colocadas na exposição

	Artista	Título	Inventário
1.	Ana Jotta (1946)	Album	10P1610
2.	Ana Jotta (1946)	Mademoiselle Rivière	10P1611
3.	Ana Jotta (1946)	Il Profumo della Signora in Nero	10P1612
4.	Ana Jotta (1946)	Mirage	10P1613

#### Piso 0

##### Obras retiradas da exposição

	Artista	Título	Inventário
1.	Joseph Bernard (1866-1931)	Mulher com uma Bilha	C.F. 320
2.	Fernando Lemos (1926)	Manequim do Vespeira	FP207/1
3.	Fernando Lemos (1926)	Visita Estranha II	FP204
4.	Artur do Cruzeiro Seixas (1920)	Mão	80E695
5.	Lourdes Castro (1930)	Letras e Pente	10P1623
6.	Lourdes Castro (1930)	Letras e duas casas	10P1622
7.	Lourdes Castro (1930)	In the Café	92P300
8.	Lourdes Castro (1930)	Caixa madeira	99E809
9.	Hamish Fulton (1946)	Eyes Flames herbs Chang heart hands feet	86FE3

10.	Alberto Carneiro (1937)	Natureza da arte na arte do corpo/Corpo da arte na arte da Natureza	DP1626
11.	Manuel Valente Alves (1953)	Hotel Victoria	93FP277
12.	Manuel Valente Alves (1953)	Hotel Royal	93FP280
13.	Manuel Valente Alves (1953)	Hotel President	93FP275
14.	Alberto Carneiro (1937)	Ionía III	88E610
15.	Ana Vieira (1940-2016)	Objecto – Porta	89E609
16.	Helena Almeida (1934-2018)	Tela Habitada	80FP381
17.	Ana Vieira (1940-2016)	Ocultação/Desocultação	18E1846

#### Obras colocadas na exposição

	<b>Artista</b>	<b>Título</b>	<b>Inventário</b>
1.	Raoul Larche (1860-1912)	Ninfa	C.F. 2152
2.	Albert Bartholomé (1848-1928)	Pleureuse	C.F. 2505
3.	Hein Semke (1933)	Retrato de R. O	15CP26
4.	Marcelino Vespeira	O Menino Imperativo	82E839
5.	Joaquim Bravo	O Pato	00E1042
6.	Nuno Barreto (1941-2009)	Relevo Azul	71P1028
7.	John Coplans (1920-2003)	Self Portrait: Upside Down, no. 1	95FE49
8.	Vítor Pomar (1949)	R&B	98FP331
9.	Craigie Horsfield (1949)	Leszek Mierwa, ul. Nawojki, Cracóvia, August 1984	94FE46
10.	Isabel Laginhas (1942-2018)	Objecto	83E1176
11.	Isabel Laginhas (1942-2018)	Objecto	83E1178
12.	Helena Almeida (1934-2018)	Corte Secreto	85FP380
13.	Carla Filipe (1973)	Mãos vazias: a mão não é só um órgão de trabalho, mas também produto deste	15E1797

## Piso 1

### Obras retiradas da exposição

#### Sala 1: Anos 1930

	Artista	Título	Inventário
1.	José de Almada Negreiros (1893-1970)	Maternidade	83P60

#### Sala 2: Experiências Surrealistas

	Artista	Título	Inventário
1.	Mário Cesariny (1923-2006)	Mário de Sá Carneiro raptando Maria Helena Vieira da Silva	83P859
2.	Paula Rego (1935)	S. Vomiting the Pátria	83P417
3.	Mário Cesariny (1923-2006)	Naniôra - Uma e duas	80P120
4.	Fernando Azevedo (1923-2002) António Domingues (1921-2004) António Pedro (1909-1966) João Moniz Pereira (1920-1989) Marcelino Vespeira (1925-2002)	Cadavre exquis	83P119
5.	Marcelino Vespeira (1925-2002)	Apertado pela fome	82P101
6.	António Pedro (1909-1966)	Rapto na paisagem povoada	80P113
7.	António Dacosta (1914-1990)	Sem Título	80P125
8.	Maria Helena Vieira da Silva (1908-1992)	Composition ou Pim! Pam! Poum!	78PE104
9.	Anthony Hill (1930)	Painting, Red and White	PE215
10.	Nadir Afonso (1920-2013)	Espacillimité	70P149

#### Sala 3: A nova figuração dos anos 60

	Artista	Título	Inventário
1.	Lourdes Castro (1930)	Sombra Projectada de Christa Maar	83P567
2.	João Vieira (1934-2009)	Elo (Assemblage)	80P613
3.	Rolando Sá Nogueira (1921-2002)	Shunga	83P522
4.	Júlio Pomar (1926-2018)	Le Bain Turc, d'après Ingres	83P772



5.	Patrick Caulfield (1936-2005)	View of the Bay	PE250
6.	Nikias Skapinakis (1931)	Encontro de Natália Correia com Fernanda Botelho e Maria João Pires	81P934
7.	António Palolo (1946-2000)	Sem Título	83P572
8.	Jorge Pinheiro (1931)	Bispo (vermelho)	83P586
9.	Jorge Martins (1940)	Sem Título	86P520
10.	David Hockney (1937)	Renaissance Head	PE216
11.	António Palolo (1946-2000)	Hórrido Silêncio do Teu Corpo	67P295
12.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Título desconhecido (Entrada)	77P9
13.	Joaquim Rodrigo (1912-1997)	Trás-os-Montes	67P146
14.	José Escada (1934-1980)	Sem Título	65P276

**Sala 5: Exposição-diálogo sobre a arte contemporânea na Europa; A última década do século XX e o primeiro decénio do novo Milénio**

	<b>Artista</b>	<b>Título</b>	<b>Inventário</b>
1.	João Louro (1963)	Brave New World	14P1756

**Obras colocadas na exposição**

**Sala 1: Anos 1930**

	<b>Artista</b>	<b>Título</b>	<b>Inventário</b>
1.	José de Almada Negreiros (1893-1970)	Duplo Retrato	62P260

**Sala 2: Arte e Poder**

	<b>Artista</b>	<b>Título</b>	<b>Inventário</b>
1.	Abel Salazar (1889-1946)	Na adega	83P96
2.	Júlio Resende (1917-2011)	Cabeças de homens	83P922
3.	Júlio Resende (1917-2011)	Jogando às Damas	83P930

4.	Jorge Pinheiro (1931)	Viúvas	60P252
5.	José Viana (1922-2003)	Ordem	85P99
6.	João Moniz Pereira (1920-1989)	Cansaço	83P1163
7.	Querubim Lapa (1925-2016)	Costureiras	80P421
8.	Rogério Ribeiro (1930-2008)	Família	81P98
9.	Júlio Resende (1917-2011)	Sem Título	83P924
10.	Júlio Pomar (1926-2018)	Mulheres na Praia	81P447
11.	Júlio Resende (1917-2011)	Pescadores	83P442

### Sala 3: Pinturas da Coleção Moderna em Bagdade, 1966

	Artista	Título	Inventário
1.	Peter Phillips (1939)	For Men Only - Starring MM and BB	PE168
2.	Harold Cohen (1928-2016)	Constant	PE255
3.	Alan Davie (1920-2014)	Smoke Signals no.1	PE244
4.	Gillian Ayres (1930-2018)	Stamboul	PE272
5.	Michael Kidner (1917-2009)	Orange, Blue and Green	PE192
6.	Artur Bual (1926 - 1999)	Hoje VI	65P271
7.	Luís Demée (1929-2014)	A Batalha	65P272
8.	Gwyther Irwin (1931-2008)	Trebetherick	PE200
9.	João Vieira (1934-2009)	Cidra-Ciúme	65P270
10.	Nuno de Siqueira (1929-2007)	Viagem Ubíqua de um Poema	65P269

### Sala 5: Exposição-diálogo sobre a arte contemporânea na Europa; A última década do século XX e o primeiro decénio do novo Milénio

	Artista	Título	Inventário
1.	Luísa Jacinto (1984)	Threshold V	18P1847

**Piso 01****Obras retiradas da exposição**

	<b>Artista</b>	<b>Título</b>	<b>Inventário</b>
1.	Fernando Calhau (1948-2002)	Sem Título #605 (art as idea as idea as subject idea)	04DP2281
2.	Ana Jotta (1946)	Sem Título	01DP1858
3.	Julião Sarmiento (1948)	Febre (16)	96DP1639
4.	Jorge Molder (1947)	Face Lavée d'oubli...	84FP404
5.	Jorge Molder (1947)	Face Lavée d'oubli...	84FP399
6.	Bruno Pacheco (1974)	Legs (da série «Whatever»)	04DP1893
7.	Bruno Pacheco (1974)	The Other Woman (da série «Whatever»)	04DP1867
8.	Bruno Pacheco (1974)	Beach (da série «Whatever»)	04DP1894
9.	Bruno Pacheco (1974)	Valse (da série «Whatever»)	04DP1882
10.	Bruno Pacheco (1974)	Blessed (da série «Whatever»)	04DP1887
11.	Bruno Pacheco (1974)	Legs (da série «Whatever»)	04DP1873
12.	René Bertholo (1935-2005)	Sem Título	97DP1714
13.	Ruy Leitão (1949-1976)	Sem Título	DP1932
14.	João Vieira (1934-2009)	Quatro	DP2503
15.	Helena Almeida (1934-2018)	Separação	FP13 1-4
16.	Lourdes Castro (1930)	Sombra projectada de Arroyo	GP950
17.	Lourdes Castro (1930)	Sombra de Dália	GP949
18.	Manuel Baptista (1936)	Jardim II	DP445
19.	Ana Hatherly (1929-2015)	Pax	DP1521
20.	Ana Hatherly (1929-2015)	Pax	DP1522
21.	Ana Hatherly (1929-2015)	Pax	DP1520
22.	Joaquim Rodrigo (1912-1997)	Estudo	DP314
23.	Joaquim Rodrigo (1912-1997)	Estudo	DP315
24.	Joaquim Rodrigo (1912-1997)	Estudo	DP317

### Obras colocadas na exposição

	Artista	Título	Inventário
1.	João Queiroz (1957)	Sem Título	99DP1752
2.	Alexandre Conefrey (1961)	A oeste nada de novo	DP1773
3.	Fernando Calhau (1948-2002)	Sem Título #287	04DP2047
4.	Fernando Calhau (1948-2002)	Sem Título #288	04DP2048
5.	Fernando Calhau (1948-2002)	Sem Título #289	04DP2049
6.	Fernando Calhau (1948-2002)	Sem Título #290	04DP2050
7.	Jorge Molder (1947)	Face lavée d'oubli...	84FP396
8.	Jorge Molder (1947)	Face lavée d'oubli...	84FP394
9.	Bruno Pacheco (1974)	Syntony (da série «Whatever»)	04DP1883
10.	Bruno Pacheco (1974)	O Bicho (da série «Whatever»)	04DP1900
11.	Bruno Pacheco (1974)	The Angel and The Clown (da série «Whatever»)	04DP1869
12.	Bruno Pacheco (1974)	Feeding From The Hand (da série «Whatever»)	04DP1876
13.	Bruno Pacheco (1974)	Plague (da série «Whatever»)	04DP1898
14.	Bruno Pacheco (1974)	The Other Woman (da série «Whatever»)	04DP1877
15.	Helena Almeida (1934-2018)	Pintura Habitada	80FP12
16.	Luísa Correia Pereira (1945-2009)	Vida apesar de tudo	GP1195
17.	Luísa Correia Pereira (1945-2009)	Montanhas	GP1171
18.	Luísa Correia Pereira (1945-2009)	4+1	GP1175
19.	Luísa Correia Pereira (1945-2009)	Aranha na rede	GP1201
20.	Luísa Correia Pereira (1945-2009)	Abertura	GP1199
21.	Luísa Correia Pereira (1945-2009)	Bloco monolítico	GP1170

## Anexo VII

### Imagens seleccionadas para o painel da sala 2 do piso superior

A.



Artur Pastor (1922-1999)

*Varar ao mar*, 1956 ou 1957

Proveniência: Arquivo Municipal de Lisboa

Código de referência: PT/AMLSB/ART/050678

B.



Amadeu Ferrari (1909-1984)

*Plantando arroz*, sem data

Proveniência: Arquivo Municipal de Lisboa

Código de referência: PT/AMLSB/FER/008466

## Anexo VIII

### Lista de obras retiradas e de obras colocadas na Renovação de Primavera de 2019

#### Hall

##### Obras retiradas da exposição

	Artista	Título	Inventário
1.	Ana Jotta (n.1946)	Album	10P1610
2.	Ana Jotta (n.1946)	Mademoiselle Rivière	10P1611
3.	Ana Jotta (n.1946)	Il Profumo della Signora in Nero	10P1612
4.	Ana Jotta (n.1946)	Mirage	10P1613

##### Obras colocadas na exposição

	Artista	Título	Inventário
1.	Grada Kilomba (n.1968)	Illusions Vol. I, Narcissus and Echo	18IM90

#### Piso 0

##### Obras retiradas da exposição

#### Núcleo 3

	Artista	Título	Inventário
1.	João Paulo (n.1929)	Guerreiros	63E869
2.	Aureliano Lima (1916-1984)	Sem Título	82E903

#### Núcleo 4

	Artista	Título	Inventário
1.	David Hall (n.1937)	Box	EE15
2.	Alfredo Queiroz Ribeiro (n.1939)	O Sr. e eu éramos grandes amigos	74E849

3.	Rui Chafes (n.1966)	Cisne IV (última carta: morre comigo)	95E354
4.	Rui Sanches (n.1954)	Tiroliro	89E451

#### Núcleo 5

	Artista	Título	Inventário
1.	Fernando Calhau (1948-2002)	#308 (THIS IS NOT A LANDSCAPE)	04E1338
2.	Pedro Cabrita Reis (n.1956)	D(OOR), D(AM)	94E343
3.	Rachel Whiteread (n.1963)	Yellow Leaf	91EE43
4.	Claire de Santa Coloma (n.1983)	Mesa	17EE84
5.	Carlos Bunga (n.1976)	Floor Painting	17E1839

#### Núcleo 6

	Artista	Título	Inventário
1.	Noé Sendas (n.1972)	Eye Cast	05E1364
2.	Fernanda Fragateiro (n.1962)	(Not) Reading Landscape #2	10E1621
3.	Ângela Ferreira (n.1958)	Double Sided	09E1596

### Obras colocadas na exposição

#### Núcleo 3

	Artista	Título	Inventário
1.	Jorge Vieira (1922-1998)	Sem Título	18E1861
2.	Jorge Vieira (1922-1998)	Sem Título	18E1862

#### Núcleo 4

	Artista	Título	Inventário
1.	Phillip King (n.1934)	Ripple	EE26
2.	Ana Vieira (1940-2016)	Ambiente – Sala de Jantar	78E608

3.	Clara Menéres (1943-2018)	Lapis Cognicionis	88E906
4.	Rui Chafes (n.1966)	Würzburg Bolton Landing I	95E355

#### Núcleo 5

	Artista	Título	Inventário
1.	Pedro Cabrita Reis (n.1956)	Círculo de Luz	19E1881
2.	Leonor Antunes (n.1972)	Villa Mallet Stevens #5	14E1769
3.	Leonor Antunes (n.1972)	Villa Mallet Stevens #3 #4	14E1768
4.	Leonor Antunes (n.1972)	Villa Mallet Stevens #1 #2	14E1767
5.	Leonor Antunes (n.1972)	Avoiding the mistral wind II	14E1766
6.	Richard Deacon (n.1949)	UW84DC#14	EE65

#### Núcleo 6

	Artista	Título	Inventário
1.	Fernanda Fragateiro (n.1962)	(Not) Reading Landscape #1	10E1620
2.	Kiluanji Kia Henda (n.1979)	Natureza Quase Morta	18FE112
3.	Kiluanji Kia Henda (n.1979)	Compacted Distance	18FE113

#### Piso 01

##### Obras retiradas da exposição

#### Parede de Fundo

	Artista	Título	Inventário
1.	Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905)	Um Alvitre	Col. Museu Bordalo Pinheiro
2.	Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905)	A Grande Obra	Col. Museu Bordalo Pinheiro
3.	António Soares (1894-1978)	Ilustração	DP971
4.	Jorge Barradas (1894-1971)	Sem Título	DP994



5.	Jorge Barradas (1894-1971)	Sem Título	DP977
6.	Jorge Barradas (1894-1971)	Sem Título	DP995
7.	António Soares (1894-1978)	Leviana	DP872
8.	Maria Adelaide Lima Cruz (1908-1985)	Figurino “Rua do Ouro e Rua da Prata” para a revista “Feira de Luz”, C.ª Hortense Luz	Col. Museu Nacional do Teatro e da Dança
9.	Mário Eloy (1900-1951)	Sem Título	DP787
10.	Mário Eloy (1900-1951)	Sem Título	DP788
11.	Nuno Cera (n.1972)	B – sides #11 (túnel)	01FP456

### Vitrina

	<b>Artista</b>	<b>Título</b>	<b>Inventário</b>
1.	Artur do Cruzeiro Seixas (1920)	Desenho neorrealista	DP509
2.	João Abel Manta (1928)	Sem Título	83DP1131
3.	Pedro Sousa Vieira (1963)	Sem Título	95DP1651
4.	Fernando Calhau (1948-2002)	Sem Título #507	04DP2185

### Sala 1

	<b>Artista</b>	<b>Título</b>	<b>Inventário</b>
1.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Sem Título	77DP346
2.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Sem Título	92DP1586
3.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Sem Título	77DP348
4.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Sem Título	92DP1107
5.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Sem Título	92DP1104
6.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Sem Título	92DP1103
7.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Sem Título	92DP1101

8.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Sem Título	92DP1102
9.	Diogo de Macedo (1889-1959)	Sem Título	DP232
10.	Jorge Barradas (1894-1971)	Sem Título	DP984
11.	Francis Smith (1881-1961)	Sem Título	DP1244

## Sala 2

	<b>Artista</b>	<b>Título</b>	<b>Inventário</b>
1.	António Soares (1894-1978)	Crepúsculo colorido	DP866
2.	António Soares (1894-1978)	Elegante - anos 20	DP874
3.	António Soares (1894-1978)	Elegante de casaco de peles	DP862
4.	António Soares (1894-1978)	Uma elegante de há quinze anos	DP973
5.	Francis Smith (1881-1961)	Sem Título	DP1234
6.	Francis Smith (1881-1961)	Sem Título	DP1240
7.	António Soares (1894-1978)	Dama do "fauteuil" verde	DP1409
8.	José Tagarro (1902-1931)	Sem Título	DP229
9.	António Soares (1894-1978)	Varina	DP869
10.	Jorge Barradas (1894-1971)	Sem Título	DP2417
11.	Paulo Ferreira (1911-1999)	Rapariga com manjerico	81P90
12.	Mily Possoz (1888-1967)	Petit paysanne portugaise	GP826
13.	Mily Possoz (1888-1967)	Types de paysanne	GP825
14.	Mily Possoz (1888-1967)	Jeune Portugaise	GP844
15.	Mily Possoz (1888-1967)	Peixeira	GP127

## Sala 3

	<b>Artista</b>	<b>Título</b>	<b>Inventário</b>
1.	Carlos Calvet (1928-2014)	Cais da Ribeira – Porto	DP1332
2.	Júlio Resende (1917-2011)	Sem Título	DP77
3.	Lima de Freitas (1927-1998)	Sem Título	DP1176
4.	Júlio Pomar (1926-2018)	A refeição do menino ou almoço	GP1394

5.	Eduardo Malta (1900-1967)	Retrato da escritora Maria da Graça Freire	DP1773
6.	Cipriano Dourado (1921-1981)	Camponesa	GP15

#### Sala 4

	Artista	Título	Inventário
1.	Jacques Minassian (1946)	Sem Título	FE10
2.	Jacques Minassian (1946)	Sem Título	FE11
3.	Jacques Minassian (1946)	Sem Título	FE12
4.	António Sena da Silva (1926-2001)	Um Homem e uma Mulher	16FP588
5.	António Sena da Silva (1926-2001)	Sem Título (numa feira)	16FP587
6.	Fernando Lemos (1926)	Janela	FP210
7.	Fernando Lemos (1926)	Roupa Lisboeta	FP286
8.	António Sena da Silva (1926-2001)	Sem Título (Cais de Lisboa)	16FP616
9.	António Sena da Silva (1926-2001)	Sem Título (Arredores de Lisboa)	16FP600
10.	António Sena da Silva (1926-2001)	Sem Título (Arq. Manuel Crespo)	16FP589/A
11.	Fernando Lemos (1926)	Sophia de Mello Breyner	FP217/1
12.	Victor Palla (1922-2006)	Sem Título (bailarina e cadeiras)	08FP476

#### Sala 5

	Artista	Título	Inventário
1.	Fernando Calhau (1948-2002)	Sem Título #709	04DP2322
2.	Fernando Calhau (1948-2002)	Sem Título #168	04GP1846
3.	Fernando Calhau (1948-2002)	Sem Título #735	04GP1895
4.	Fernando Calhau (1948-2002)	Sem Título #771	04DP2326
5.	Fernando Calhau (1948-2002)	Sem Título #772	04DP2327
6.	Fernando Calhau (1948-2002)	Sem Título #170	04GP1847

#### Vitrina Sala 5

	Artista	Título	Inventário
1.	Luísa Correia Pereira (1945-2009)	Vida apesar de tudo	GP1195

2.	Luísa Correia Pereira (1945-2009)	Montanhas	GP1171
3.	Luísa Correia Pereira (1945-2009)	4+1	GP1175
4.	Luísa Correia Pereira (1945-2009)	Aranha na rede	GP1201
5.	Luísa Correia Pereira (1945-2009)	Abertura	GP1199
6.	Luísa Correia Pereira (1945-2009)	Bloco monolítico	GP1170

## Sala 6

	Artista	Título	Inventário
1.	Cecília Costa (n.1971)	Sem Título (da série «Pli»)	16FP586
2.	Susana Gaudêncio (n.1977)	Ilhas Afortunadas: aforismos sobre a emergência de um mundo aparentemente contínuo	16IM72
3.	Nuno Nunes-Ferreira (n.1977)	Propaganda	14E1773

## Obras colocadas na exposição

### Parede de Fundo

	Artista	Título	Inventário
1.	Jorge Barradas (1894-1971)	Caricatura de José Pacheco	18DP4522
2.	José de Almada Negreiros (1893-1970)	Retrato de José Pacheco	DP174
3.	Raquel Roque Gameiro (1889.1970)	Caricatura de Raquel	Col. Câmara Municipal da Amadora
4.	Jorge Barradas (1894-1971)	Sem Título	DP996
5.	Bernardo Marques (1898-1962)	Sem Título	DP225
6.	Olavo d'Eça Leal (1908-1976)	Sem Título	DP1165
7.	António Soares (1894-1978)	Sem Título	DP865
8.	Diogo de Macedo (1889-1959)	Sem Título	DP231
9.	Carlos Botelho (1899-1982)	Bar – Paris	DP128

10.	Júlio dos Reis Pereira (1902-1983)	Sem Título	DP580
11.	Júlio dos Reis Pereira (1902-1983)	Sem Título	DP579
12.	Júlio dos Reis Pereira (1902-1983)	Sem Título	DP575
13.	Júlio dos Reis Pereira (1902-1983)	Sem Título	DP578
14.	Ângela Ferreira (n.1958)	Sem Título, da série “Diamantes”	18DP4533

### Vitrina

	Artista	Título	Inventário
1.	Bernardo Marques (1898-1962)	Retrato de Família	06DP2883
2.	Teresa Sousa (1928-1962)	Oficina	GP47
3.	Teresa Magalhães (n.1944)	Sem Título	GP1313
4.	Marta Wengorovius (n.1963)	Sem Título	90DP1395
5.	Ana Marchand (n.1947)	Sem Título	01DP1811

### Sala 1

	Artista	Título	Inventário
1.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Cristal Partido Coração Diamante	87DP329
2.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Mulher Decepada	92DP1109
3.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Sem Título	77DP369
4.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Sem Título	77DP353
5.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Sem Título	92DP1566
6.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Tête	92DP1108
7.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Força Amor Raiva	77DP328
8.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Sem Título	92DP1564

9.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Sem Título	92DP1556
10.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Étude du Nu	77DP401
11.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Sem Título	77DP351
12.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Sem Título	77DP368
13.	Sonia Delaunay (1885-1979)	Auto-Portrait	DE76

## Sala 2

	Artista	Título	Inventário
1.	Mily Possoz (1888-1968)	Sem Título	DP55
2.	Mily Possoz (1888-1968)	Le 14 juillet	GP831
3.	Mily Possoz (1888-1968)	Le Toilette	GP845
4.	Mily Possoz (1888-1968)	Sem Título	DP48
5.	Ofélia Marques (1902-1952)	António Ferro	DP618
6.	Ofélia Marques (1902-1952)	Auto-Retrato	DP588
7.	Ofélia Marques (1902-1952)	José Almada Negreiros	DP591
8.	Ofélia Marques (1902-1952)	Sarah Affonso	DP607
9.	Ofélia Marques (1902-1952)	José Abel Manta	DP608
10.	Ofélia Marques (1902-1952)	António Dacosta	DP596
11.	Ofélia Marques (1902-1952)	Maria Keil do Amaral	DP620
12.	Ofélia Marques (1902-1952)	Bernardo Marques	DP589
13.	Mily Possoz (1888-1968)	Sem Título	DP49
14.	Mily Possoz (1888-1968)	Sem Título	DP50
15.	Francis Picabia (1879-1953)	Retrato de uma Espanhola	DE94
16.	José de Almada Negreiros (1893-1970)	Greta Garbo en “El beso”	DP155
17.	José de Almada Negreiros (1893-1970)	Sem Título	DP203
18.	José de Almada Negreiros (1893-1970)	Sem Título	DP217

19.	José de Almada Negreiros (1893-1970)	Sem Título	DP165
20.	José de Almada Negreiros (1893-1970)	Sem Título	DEP-AN120

### Sala 3

	<b>Artista</b>	<b>Título</b>	<b>Inventário</b>
1.	Júlio Pomar (1926-2018)	Sem Título	DP1602
2.	Mário Eloy (1900-1951)	Sem Título	DP772
3.	Mário Eloy (1900-1951)	Sem Título	DP841
4.	Mário Eloy (1900-1951)	Sem Título	DP790
5.	Mário Eloy (1900-1951)	Sem Título	DP789
6.	Mário Eloy (1900-1951)	Sem Título	DP783

### Sala 4

	<b>Artista</b>	<b>Título</b>	<b>Inventário</b>
1.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18TXP3
2.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18TXP9
3.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Estudos para bordados	18DP4499
4.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Estudos para bordados	18DP4500
5.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Estudos para bordados	18DP4501
6.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Estudos para bordados	18DP4502
7.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4438
8.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4439
9.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4441
10.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4442
11.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4443
12.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4454
13.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4455
14.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4458
15.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4464

16.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4459
17.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4466
18.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4467
19.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4468
20.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4469
21.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4444
22.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4445
23.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4449
24.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4450
25.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4451
26.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4452
27.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4401
28.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4402
29.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4403
30.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4404
31.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4405
32.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4406
33.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4390
34.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4391
34.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4392
36.	Maria Antónia Siza (1940-1973)	Sem Título	18DP4399

#### Sala 5

	Artista	Título	Inventário
1.	Salette Tavares (1922-1994)	Bailia	14E1754
2.	Salette Tavares (1922-1994)	Efes	15GP2799

#### Vitrina Sala 5

	Artista	Título	Inventário
1.	Conjunto de livros de artista		



**Escadas B**

	<b>Artista</b>	<b>Título</b>	<b>Inventário</b>
1.	Ana Hatherly (1929-2015)	As Ruas de Lisboa	91P742

**Sala 6**

	<b>Artista</b>	<b>Título</b>	<b>Inventário</b>
1.	Adelina Lopes (n.1970)	Imagem Cheia	FP492
2.	Adelina Lopes (n.1970)	Imagem Cheia	FP493
3.	Cecília Costa (n.1971)	Sem Título (da série «Pli»)	16DP4046
4.	Susanne Themnitz (n.1968)	Panorama – Travel Urge # 05	01FP351
5.	Susanne Themnitz (n.1968)	Panorama – Travel Urge # 07	01FP348
6.	Susanne Themnitz (n.1968)	Panorama – Travel Urge # 06	01FP349
7.	João Paulo Feliciano (n.1963)	Let There Be More Light	04E1263

**Piso 1****Obras retiradas da exposição****Sala 1**

	<b>Artista</b>	<b>Título</b>	<b>Inventário</b>
1.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Avant la corrida (Antes da Tourada)	06P1267
2.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Sem Título (O jockey)	77P5
3.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Étude A	13P1753
4.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Gemälde G	77P2
5.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Janelas do pescador	77P16
6.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Sem Título (Azenha)	77P24

7.	Eduardo Viana (1881-1967)	La petite	69P38
8.	Francis Smith (1881-1961)	La petite concierge	68P499
9.	Emmerico Nunes (1888-1968)	Brooklyn N.Y.	58P1419
10.	Fred Kradolfer (1903-1968)	New York	80P1439
11.	Paulo Ferreira (1911-1999)	O encontro	80P91
12.	Paulo Ferreira (1911-1999)	O Tejo visto de Santa Catarina	80P372
13.	José de Almada Negreiros (1893-1970)	Duplo Retrato	63P260
14.	Sarah Affonso (1899-1983)	Família	65P277
15.	Maria Helena Vieira da Silva (1908-1992)	Nature morte bleue	PE107
16.	Arpad Szenes (1897-1985)	Marie Hélène	PE87
17.	Joaquín Torres-García (1874-1949)	Estructura en Gris	80PE117

### Sala 3

	<b>Artista</b>	<b>Título</b>	<b>Inventário</b>
1.	Peter Phillips (1939)	For Men Only - Starring MM and BB	PE168
2.	Harold Cohen (1928-2016)	Constant	PE255
3.	Alan Davie (1920-2014)	Smoke Signals no.1	PE244
4.	Gillian Ayres (1930-2018)	Stamboul	PE272
5.	Michael Kidner (1917-2009)	Orange, Blue and Green	PE192
6.	Artur Bual (1926 - 1999)	Hoje VI	65P271
7.	Luís Demée (1929-2014)	A Batalha	65P272
8.	Gwyther Irwin (1931-2008)	Trebetherick	PE200
9.	João Vieira (1934-2009)	Cidra-Ciúme	65P270
10.	Nuno de Siqueira (1929-2007)	Viagem Ubíqua de um Poema	65P269

**Sala 3 Exterior**

	Artista	Título	Inventário
1.	António Areal (1934-1978)	O Fantasma de Avignon (série)	79P833 79P834 79P835 79P644 79P645 79P646

**Sala 4**

	Artista	Título	Inventário
1.	Michael Biberstein (1948-2013)	K5 (3-Step Attractor)	95P353
2.	António Charrua (1925-2008)	África	16P1818

**Obras colocadas na exposição****Sala 1**

	Artista	Título	Inventário
1.	Mário Eloy (1900-1951)	O Arquitecto José Pacheco	83P202
2.	José de Almada Negreiros (1893-1970)	Nu (Pintura para o Bristol Club)	83P59
3.	Eduardo Viana (1881-1967)	Nu (Pintura para o Bristol Club)	83P41
4.	António Carneiro (1872-1930)	Retrato dos filhos do pintor	83P981
5.	António Carneiro (1872-1930)	Sinfonia azul	83P44
6.	Eduardo Viana (1881-1967)	Esperando	Col. Particular
7.	Eduardo Viana (1881-1967)	Retrato de Mily Possoz	83P782
8.	António Carneiro (1872-1930)	Abstracção (Maria)	83P972
9.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Os Galgos	77P1

10.	José de Almada Negreiros (1893-1970)	Auto-Retrato num grupo (Pintura decorativa – Café “A Brasileira” do Chiado)	83P57
11.	Lino António (1898-1974)	Natureza-morta – Bristol Club	83P70
12.	José de Almada Negreiros (1893-1970)	As banhistas (Pintura decorativa – Café “A Brasileira” do Chiado)	83P58
13.	Lino António (1898-1974)	Sem Título (Bristol Club)	83P71
14.	António Soares (1894-1978)	Retrato de Mário Ribeiro	90P184
15.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Título desconhecido (BRUT 300 TSF)	77P20
16.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Título desconhecido (Coty)	68P11
17.	Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)	Título desconhecido (Máquina registadora)	68P10

Legenda: as obras já se encontravam expostas

### Sala 3

	<b>Artista</b>	<b>Título</b>	<b>Inventário</b>
1.	Gillian Ayres (1930-2018)	Send Off	PE273
2.	Paula Rego (n.1935)	Retrato de Grimaux	65P263
3.	Paula Rego (n.1935)	Sr. Vicente e a sua Esposa	83P448
4.	Maria Gabriel (1937)	Novas Figurações – 6 Personagens	83P1023
5.	Malangatana (1936-2011)	Porque a alma vive eternamente	PE14
6.	Bertina Lopes (1924-2012)	Dimensão	P1401
7.	Menez (1926-1995)	Henrique VIII	67P187
8.	Howard Hodgkin (1932-2017)	Mr. and Mrs. Patrick Caulfield	PE223
9.	António Palolo (1946-2000)	Hórrido Silêncio do Teu Corpo	67P295
10.	Júlio Pomar (1926-2018)	Almada I	83P771
11.	Tom Phillips (1937)	Cézanne Fragments 1 & 2	PE171
12.	Jorge Martins (n.1940)	Precious Stones	94P338
13.	Fátima Vaz	Espelho Partido	75P801

### Sala 3 Exterior

	Artista	Título	Inventário
1.	Miklos Batuz (n.1933)	Sem Título	PE22
2.	Manolo Millares (1926-1972)	Sem Título	81PE40
3.	Bernard Mandeville (1921-2000)	Les Hôtels Tristes du Lac Lemman	PE25
4.	Joaquim Bravo (1935-1990)	Casas Assombradas	86P471

### Sala 4

	Artista	Título	Inventário
1.	Julião Sarmiento (n.1948)	Just a Skin Affair	88P346
2.	Álvaro Lapa (1939-2006)	Conversa (quadro geral e exemplo)	P1824
3.	Xana (n.1959)	Sem Título	93E309
4.	Maria Beatriz (n.1940)	Natureza-morta	16P1822
5.	Isabel Augusta	Morreu Ivan Ilich <sup>158</sup>	86P701
6.	Jorge Martins (n.1940)	Instalação	94P339
7.	Vítor Pomar (n.1949)	Sem Título	96P368

Legenda: as obras já se encontravam expostas

---

<sup>158</sup> A obra foi pouco tempo depois substituída pela pintura de Jorge Martins, intitulada *Instalação* (inv. 94P339)

## **Anexo XIX**

### **Textos elaborados para os painéis do piso 1**

#### **Painel Sala 1**

##### **Proposta**

Pelos anos 20 assiste-se a um fluxo, entre regressos e partidas, de artistas nas fronteiras. Daqueles que ficam, salientou-se José Pacheco como o grande dinamizador do (pequeno) meio cultural Lisboaeta. Anteriormente ligado ao Grupo de Orpheu, para o qual realizou a capa do primeiro número da revista, consegue em 1922 levar adiante a publicação da «Contemporânea», “uma revista feita expressamente para gente civilizada e para civilizar gente», editada até 1926, num total de treze números. Por intermédio da revista, Pacheco irá desenvolver numerosas actividades culturais, destacando-se o II Salão de Outono, realizado na Sociedade Nacional de Belas-Artes em 1926, com várias obras cedidas por Mário de Freitas Ribeiro, proprietário do Bristol Club e um dos raros colecionadores de arte moderna no seu tempo.

O Bristol Club, um clube noturno boémio Lisboaeta, a par do café «A Brasileira» do Chiado, foram os espaços de eleição para ponto de encontro de artistas e intelectuais identificados com os ideais da modernidade. Com as remodelações que estes dois espaços sofreram (e às quais Pacheco esteve também ligado), em 1925-1926, passaram a contar com obras dos artistas «Novos» e tornaram-se no “Museu de pintura moderna que Lisboa não tinha”.

## **Texto Final**

### **Anos 1920 – o «Bristol Club» e a «Brasileira» do Chiado**

Durante a década de 1920 assistiu-se a um fluxo, entre regressos e partidas, de artistas nas fronteiras. Dos artistas que ficaram, salientou-se José Pacheco como o grande dinamizador do (pequeno) meio cultural lisboeta. Anteriormente ligado ao Grupo de Orpheu, para o qual realizou a capa do primeiro número da revista, Pacheco conseguiu, em 1922, levar adiante a publicação da Contemporânea, «uma revista feita expressamente para gente civilizada e para civilizar gente». Editada até 1926, a revista conheceu um total de treze números. Por intermédio desta publicação, Pacheco desenvolveu numerosas atividades culturais, destacando-se o II Salão de Outono, realizado na Sociedade Nacional de Belas-Artes em 1926, que contou com várias obras cedidas por Mário de Freitas Ribeiro, proprietário do Bristol Club e um dos raros colecionadores de arte moderna no seu tempo.

O Bristol Club, um boémio clube noturno lisboeta, e o café «A Brasileira» do Chiado foram os espaços de eleição para o encontro de artistas e intelectuais que se identificavam com os ideais da modernidade. Com as remodelações que estes dois espaços sofreram (e às quais Pacheco esteve também ligado), em 1925-1926, passaram a contar com obras dos artistas «novos» e tornaram-se no «Museu de pintura moderna que Lisboa não tinha».

### **Painel Sala 3**

#### **Proposta**

Ultrapassadas as querelas que marcaram a discussão estética portuguesa nos anos precedentes, nomeadamente entre neo-realistas e surrealistas na década de 40, e entre figuração e abstracção, na década de 50, nos anos 60 abre-se assim espaço para o aparecimento de uma nova geração de artistas que explora novas vias estéticas, abertas à experimentação.

Contudo, no país persistia o regime Salazarista, opressor das liberdades de expressão e negligente face a políticas culturais, ao que se somou, por estes anos, a questão colonial em África. Numa sociedade moralista e conservadora, continuava a ser reservado à mulher o papel do doméstico e nas atividades artísticas as mais associadas às prendas femininas. Face a esta conjectura, muitos destes artistas, e aqui se destacam as mulheres, optaram por um auto-exílio, entre Londres, Paris e Alemanha, possibilitado em grande medida pelo apoio mecenático da FCG, que, desempenhando o papel que cabia ao estado, iniciou, em 1957, uma prática de atribuição bolsas. Naturalmente, estes artistas vão absorver e incorporar nas suas obras as tendências que se faziam sentir na época, especialmente a Pop Londrina e o Nouveau Réalisme de Paris, sem que, no entanto, deixassem de produzir uma arte singular e que foi valorizada num contexto internacional de mercado.



## **Texto Final**

### **Os autoexílios da década de 1960**

Ultrapassadas as querelas que marcaram a discussão estética portuguesa nos anos precedentes –, nomeadamente entre neorrealistas e surrealistas na década de 1940 e entre figuração e abstração na década de 1950 –, nos anos de 1960 abriu-se espaço para uma nova geração de artistas que explorou novas vias estéticas, abertas à experimentação.

Contudo, persistia o regime Salazarista, opressor das liberdades de expressão e negligente face a políticas culturais, ao qual se somou, durante estes anos, a questão colonial em África. Numa sociedade moralista e conservadora, o papel do doméstico continuava a ser reservado à mulher e o mesmo se passava nas atividades artísticas. Face a esta conjectura, muitos destes artistas, sobretudo as mulheres, optaram por um autoexílio entre Londres e Paris, possibilitado em grande medida pelo apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, que, desempenhando o papel que cabia ao Estado, iniciou uma prática de atribuição de bolsas em 1957. Naturalmente, estes artistas absorveram e incorporaram nas suas obras as tendências que se faziam sentir na época, especialmente a Pop londrina e o Nouveau réalisme parisiense, sem que, no entanto, deixassem de produzir uma arte singular que foi valorizada num contexto internacional de mercado.

## **Painel Sala 4**

### **Proposta**

Os anos 80 são de optimismo económico, fruto da adesão de Portugal à CEE, que, aliada à nova Lei do Mecenato, decretada em 1986, contribuem para a revitalização de um mercado de arte que se tornara quase inexistente. Por estes anos multiplicam-se as galerias e instituições vocacionadas para as artes. Destaca-se a abertura, em 1983, do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian; em 1987 a aquisição, por parte do Estado, da Casa de Serralves, que passa a ser utilizada como espaço expositivo até à abertura, em 1999, do novo Museu de Arte Contemporânea de Serralves e a abertura do CCB e da Culturgest nos primeiros anos da década seguinte.

A revolução de Abril de 1974 conduziu o país a uma progressiva abertura ao mundo, após décadas de isolamento. Os artistas nacionais passam a participar cada vez mais nos certames internacionais, assim como, em caminho inverso, artistas com projecção internacional expõem em Portugal.

Na prática artística ocorre uma revalorização da pintura e da escultura – da matéria sobre o conceptual; da narrativa e da cor, em consonância com o que se passava no panorama internacional. Havendo um afastamento generalizado ao conteúdo político e ideológico, não é, contudo, possível formular uma definição estética deste período, dado o pluralismo e ecletismo das obras produzidas.

## **Texto Final**

### **Novos espaços para a arte contemporânea**

A década de 1980 ficou marcada por um otimismo económico, fruto da adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia, que, aliada à nova Lei do Mecenato, decretada em 1986, contribuíram para a revitalização de um mercado de arte que se tornara quase inexistente. Durante estes anos multiplicaram-se as galerias e instituições vocacionadas para as artes. Destaca-se a abertura do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian em 1983 e a aquisição, por parte do estado, da Casa de Serralves, em 1987, que passa a ser usada como espaço expositivo até à abertura do novo Museu de Arte Contemporânea de Serralves, em 1999, e a inauguração do CCB e da Culturgest, em Lisboa, nos primeiros anos da década de 1990.

No campo artístico, assiste-se a uma revalorização da pintura e da escultura – da matéria sobre o conceptual, da narrativa e da cor, em consonância com o que se passava no panorama internacional. Embora se reconheça um afastamento relativamente a conteúdo político e ideológico, não é possível formular uma definição estética deste período, dado o pluralismo e ecletismo das obras produzidas.

## Painel Sala 5

### Proposta

A exposição *Imagens para os anos 90* (1993, Casa de Serralves, Porto, Centro de Exposições e Conferências do Alto Tâmega, Chaves e Culturgest, Lisboa) definiu o panorama da década, tanto pelas novas linhas estéticas apresentadas, como pelo forte debate que suscitou na crítica especializada. A mostra reuniu artistas emergentes divididos em duas grandes tendências: por um lado, no prolongamento da década de 1980, os que valorizavam meios expressivos mais tradicionais e, por outro, os que, numa clara atitude de rutura para com a geração da década anterior, defendiam uma criação artística social e politicamente interventiva, recorrendo a meios até então pouco usuais no panorama nacional, como a fotografia, a instalação e o vídeo.

Salienta-se a progressiva abertura institucional ao longo da década a artistas emergentes. É disso exemplo a iniciativa, da Fundação Calouste Gulbenkian, *7 artistas ao 10.º mês* (1996-2008), que procurou dar a conhecer, em cada edição de carácter bienal, sete propostas de artistas que nunca tivessem integrado os circuitos institucionais. Esta e outras propostas (*Disseminações*, Culturgest, Lisboa; *Projecto Slow Motion*, vários locais, 2000-2003), em paralelo com a abertura de espaços recetivos a linguagens mais experimentais (Galeria Zé dos Bois, Lisboa), contribuíram para uma progressiva renovação do panorama artístico nacional, tanto a nível estético como dos seus protagonistas.

## **Texto Final**

### **Linguagens Plurais**

A exposição *Imagens para os anos 90* (vários locais, 1993) definiu o panorama desta década, tanto pelas novas linhas estéticas apresentadas, como pelo forte debate que suscitou na crítica especializada. A mostra reuniu artistas emergentes divididos em duas grandes tendências: de um lado encontravam-se aqueles que, no prolongamento da década de 1980, valorizavam meios expressivos mais tradicionais; do outro estavam os que, numa clara atitude de rutura para com a geração da década anterior, defendiam uma criação artística social e politicamente interventiva, recorrendo a meios até então pouco usuais no panorama nacional, como a fotografia, a instalação e o vídeo.

Salienta-se, ao longo da década, a progressiva abertura institucional a artistas emergentes. É disso exemplo a iniciativa *7 artistas ao 10.º mês* (Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1996-2008), que procurou dar a conhecer, em cada edição, de carácter bienal, sete propostas de artistas que nunca tivessem integrado os circuitos institucionais. Esta e outras propostas (*Disseminações*, Culturgest, Lisboa; *Projecto Slow Motion*, vários locais, 2000-2003), em paralelo com a abertura de espaços recetivos a linguagens mais experimentais (Galeria Zé dos Bois, Lisboa), contribuíram para uma progressiva renovação do panorama artístico nacional, tanto a nível estético como a nível dos seus protagonistas.

## Anexo X

### Imagens seleccionadas para os painéis do piso 1

#### Painel Sala 1

A.



*Frequentadores do café «A Brasileira» do Chiado, 1928*

Proveniência: Arquivo Municipal de Lisboa

Código de referência: PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/PEL/013/S01166

B.



Foto Estúdio Mário Novais

*Sala de jantar do «Bristol Club», após remodelação em 1924-1926 com Nu de Eduardo Viana*

Proveniência: Biblioteca de Arte FCG

### Painel Sala 3

A.



*Malangatana junto às suas obras, c. 1965-1966*

Proveniência: Fundação Mário Soares/Malangatana Valente Ngwenya

B.



*Manuel de Brito (1928-2005)*

*Menez, Paula Rego e Arlete Alves da Silva no ateliê de Paula Rego no Estoril, sem data*

Proveniência: Arlete Alves da Silva



#### Painel Sala 4

A.



*Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, José de Azeredo Perdigão, discursa na inauguração do Centro de Arte Moderna, 20 de julho de 1983*

Proveniência: Arquivos Gulbenkian

Foto: Júlio Almeida

B.



*Vista da exposição James Lee Byars: The palace of perfect, Casa de Serralves, Porto, 9 de outubro a 7 de dezembro de 1997.*

Proveniência: Fundação de Serralves

## Painel Sala 5

A.






*Exposição 7 artistas ao 10.º mês, obras de Sílvia Hestnes Ferreira, 24 de outubro a 22 de dezembro de 1996 – Galeria do Piso Inferior, Sede da Fundação Calouste Gulbenkian*




Proveniência: Arquivos Gulbenkian

## Anexo XI

### Propostas apresentadas para a renovação do piso superior

#### Proposta de obras para a Sala 1

1.	<p><b>António Carneiro (1872-1930)</b> Nocturno 1911 Óleo sobre tela 35 x 90 cm Coleção Moderna, inv. 83P982</p>	
2.	<p><b>José de Almada Negreiros (1893-1970)</b> Nu (Pintura para o Bristol Club, Lisboa) 1926 Óleo sobre tela 94,5 x 191 cm Coleção Moderna, inv. 83P59</p>	
3.	<p><b>José de Almada Negreiros (1893-1970)</b> Auto-Retrato num grupo (Pintura decorativa – Café “A Brasileira” do Chiado) 1925 Óleo sobre tela 197 x 130 cm Coleção Moderna, inv. 83P57</p>	

<p><b>4.</b></p>	<p><b>Lino António (1898-1974)</b> Sem Título (Bristol Club) 1926 Óleo sobre tela 120 x 120 cm Coleção Moderna, inv. 83P71</p>	
<p><b>5.</b></p>	<p><b>Lino António (1898-1974)</b> Natureza-morta – Bristol Club 1926 Óleo sobre tela 120 x 120 cm Coleção Moderna, inv. 83P70</p>	
<p><b>6.</b></p>	<p><b>José de Almada Negreiros (1893-1970)</b> As banhistas (Pintura decorativa – Café “A Brasileira” do Chiado) 1925 Óleo sobre tela 131 x 166 cm Coleção Moderna, inv.83P58</p>	




#### Justificação:

Sabendo que a obra *Esperando*, de Eduardo Viana, teria que estar presente na renovação, e tratando-se de uma obra de cariz simbolista, foi proposta a colocação da obra de António Carneiro.


As restantes obras tiveram como critério de escolha o da proveniência do *Bristol Club* e d'*A Brasileira* do Chiado.

## Proposta de obras para a Sala 3

### Proposta 1

1.	<p><b>Paula Rego (1935)</b> The Vivian Girls as Windmills 1984 Tinta acrílica sobre tela 246,5 x 183 cm Coleção Moderna, inv. 86P589</p>	 A vibrant and chaotic painting by Paula Rego. It depicts a group of young women in various poses, some appearing to be transformed into windmills or mechanical parts. The scene is filled with bold colors like red, blue, and yellow, and features stylized, almost grotesque faces. The composition is dense and layered, with figures overlapping each other.
2.	<p><b>Victor Willing (1928-1988)</b> Española 1987 Óleo sobre tela 50 x 50 cm Coleção Moderna, inv. 90PE275</p>	 A small, square oil painting by Victor Willing. It features a portrait of a woman with dark, curly hair, looking directly at the viewer. The background is a solid, dark color, and the lighting is dramatic, highlighting the contours of her face and hair.
3.	<p><b>Paula Rego (1935)</b> Manifesto (For a Lost Cause) 1965 Tinta acrílica e colagem sobre papel 183 x 152 cm Coleção Moderna, inv. 66P280</p>	 A complex and colorful artwork by Paula Rego, combining acrylic paint and collage. It depicts a scene with several figures, including a woman in a white dress and a man in a dark suit. The background is a mix of warm tones like orange and yellow, with various shapes and patterns layered on top. The overall effect is one of intense energy and narrative complexity.



<p>4.</p>	<p><b>Steven Campbell (1954-2007)</b>  English Landscape with a Disruptive Gene  1987  Óleo sobre tela  250 x 221 cm  Coleção Moderna, inv. 87PE74</p>	
<p>5.</p>	<p><b>José de Guimarães (1949)</b>  Os Espiões  1965  Tinta acrílica sobre tela  67 x 98 cm  Coleção Moderna, inv. 18P1855</p>	
<p>6.</p>	<p><b>David Hockney (1937)</b>  Renaissance Head  1963  Óleo sobre tela  123,5 x 124 cm  Coleção Moderna, inv. PE216</p>	
<p>7.</p>	<p><b>Jorge Pinheiro (1931)</b>  Bispo (azul)  1981  Óleo sobre tela  120 x 100 cm  Coleção Moderna, inv. 83P585</p>	

<p>8.</p>	<p><b>António Costa Pinheiro (1932-2015)</b>          Fernando Pessoa – Heterónimo          1978          151,6 x 201,6 cm          Coleção Moderna, inv. 83P463</p>	 <p>A painting featuring three stylized, blocky figures wearing wide-brimmed hats in blue, purple, and green. They are positioned against a light background, with a smaller figure in a black hat and suit seated in front of the central figure.</p>
<p>9.</p>	<p><b>Rudolf Hausner (1914-1995)</b>          Der Maler          1980          Óleo sobre contraplacado          100,2 x 86,7 cm          Coleção Moderna, inv. PE125</p>	 <p>A portrait of a man with a pale, almost white face, looking upwards and to the right. He is wearing a large, yellow, conical hat made of paper. His hand is raised near his chin in a contemplative pose.</p>
<p>10.</p>	<p><b>António Palolo (1946-2000)</b>          Hórrido Silêncio do Teu Corpo          1966          Óleo sobre platex          109,5 x 82 cm          Coleção Moderna, inv. 67P295</p>	 <p>A vibrant, abstract painting with a complex composition of geometric shapes and bold colors including red, yellow, blue, and black. It features a central figure with a heart-like shape on its chest and various architectural or mechanical elements.</p>
<p>11.</p>	<p><b>Malangatana (1936-2011)</b>          Porque a alma vive eternamente          1970          Óleo sobre tela          106,3 x 78,5 cm          Coleção Moderna, inv. PE14</p>	 <p>A highly detailed and complex abstract painting featuring numerous stylized faces and figures in a dense, layered composition. The colors are rich and varied, including reds, oranges, yellows, and greens. A small color calibration bar is visible at the bottom of the image.</p>

<p><b>12.</b></p>	<p><b>Artur Cruzeiro Seixas (1920)</b>  Estudo de uma palavra  1972  Óleo sobre tela colada em platex  95 x 75 cm  Coleção Moderna, inv. 83P852</p>	
<p><b>13.</b></p>	<p><b>Maria Gabriel (1937)</b>  Novas Figurações - 6 Personagens  1982  Tinta acrílica sobre tela  130 x 120 cm  Coleção Moderna, inv. 83P1023</p>	
<p><b>14.</b></p>	<p><b>Teresa Magalhães (1944)</b>  Amor  1982  Técnica-mista sobre tela  80 x 160 cm  Coleção Moderna, inv. 82P818</p>	
<p><b>15.</b></p>	<p><b>Jorge Martins (1940)</b>  Precious Stones  1965  Óleo sobre tela  115,5 x 89 cm  Coleção Moderna, inv. 94P338</p>	





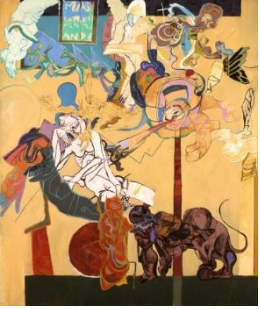


### Justificação:

Proposta feita com o fio condutor da figuração das décadas de 60 a 80, na sua multiplicidade de abordagens.

A *priori* estava estabelecido que as obras *Hórrido Silêncio do Teu Corpo*, de António Palolo e *Manifesto (For a Lost Cause)*, de Paula Rego *Manifesto* e *Precious Stones*, de Jorge Martins, teriam de entrar na nova mostra, para a exposição «Joalharia Contemporânea em Portugal», no âmbito da 3ª edição dos «Convidados de Verão.»

### Proposta 2

1.	<b>Paula Rego (1935)</b> The Vivian Girls as Windmills 1984 Tinta acrílica sobre tela 246,5 x 183 cm Coleção Moderna, inv. 86P589	
2.	<b>Victor Willing (1928-1988)</b> Espanhola 1987 Óleo sobre tela 50 x 50 cm Coleção Moderna, inv. 90PE275	

<p><b>3.</b></p>	<p><b>Paula Rego (1935)</b>  Manifesto (For a Lost Cause)  1965  Tinta acrílica e colagem sobre papel  183 x 152 cm  Coleção Moderna, inv. 66P280</p>	
<p><b>4.</b></p>	<p><b>Steven Campbell (1954-2007)</b>  English Landscape with a Disruptive Gene  1987  Óleo sobre tela  250 x 221 cm  Coleção Moderna, inv. 87PE74</p>	
<p><b>5.</b></p>	<p><b>José de Guimarães (1949)</b>  Os Espiões  1965  Tinta acrílica sobre tela  67 x 98 cm  Coleção Moderna, inv. 18P1855</p>	
<p><b>6.</b></p>	<p><b>David Hockney (1937)</b>  Renaissance Head  1963  Óleo sobre tela  123,5 x 124 cm  Coleção Moderna, inv. PE216</p>	

<p><b>7.</b></p>	<p><b>Jorge Pinheiro (1931)</b>          Bispo (azul)          1981          Óleo sobre tela          120 x 100 cm          Coleção Moderna, inv. 83P585</p>	
<p><b>8.</b></p>	<p><b>António Costa Pinheiro (1932-2015)</b>          Fernando Pessoa – Heterónimo          1978          151,6 x 201,6 cm          Coleção Moderna, inv. 83P463</p>	
<p><b>9.</b></p>	<p><b>Teresa Magalhães (1944)</b>          Sem Título          1988          Tinta acrílica sobre tela          174 x 120 cm          Coleção Moderna, inv. 88P820</p>	
<p><b>10.</b></p>	<p><b>António Palolo (1946-2000)</b>          Hórrido Silêncio do Teu Corpo          1966          Óleo sobre platex          109,5 x 82 cm          Coleção Moderna, inv. 67P295</p>	

<p><b>11.</b></p>	<p><b>Jorge Martins (1940)</b> Precious Stones 1965 Óleo sobre tela 115,5 x 89 cm Coleção Moderna, inv. 94P338</p>	
<p><b>12.</b></p>	<p><b>Hein Semke (1899-1995)</b> Os Valores 1968 Óleo sobre madeira 130,5 x 113 cm Coleção Moderna, inv. 13P1733</p>	
<p><b>13.</b></p>	<p><b>Joaquim Rodrigo (1912-1997)</b> Trás-os-Montes 1964 Têmpera sobre platex 91 x 122 cm Coleção Moderna, inv. 67P146</p>	

#### Justificação:

A segunda proposta respondeu à premissa de ser necessário propor uma obra de Hein Semke. As obras de Jorge Martins, Hein Semke e Joaquim Rodrigo, revelavam, na minha opinião, interessantes afinidades estéticas.





Proposta de montagem





## Outras obras propostas

1.	<p><b>Paula Rego (1935)</b>          Proles Wall          1984          Tinta acrílica sobre cartão          244 x 1220 cm          Coleção Moderna, 84P1165</p>	
2.	<p><b>Júlio Pomar (1926-2018)</b>          Le Luxe          1979          Colagem e tinta acrílica sobre tela          83,5 x 118,5 cm          Coleção Moderna, inv. 83P766</p>	
3.	<p><b>Júlio Pomar (1926-2018)</b>          Lusitânia no Bairro Latino (Retratos de Mário de Sá Carneiro, Santa-Rita Pintor e Amadeo de Souza Cardoso)          1985          Tinta acrílica sobre tela          159,5 x 155,5 cm          Coleção Moderna, inv. 88P584</p>	

<p><b>4.</b></p>	<p><b>Teresa Magalhães (1944)</b>  Ribatejo (Série: Gestos da Cor - Sinais da Terra)  1979  Técnica mista sobre tela  130 x 160 cm  Coleção Moderna, inv. 81P815</p>	
<p><b>5.</b></p>	<p><b>Maria José Aguiar (1948)</b>  Sem Título  1974  Óleo sobre tela  130 x 159,7 cm  Coleção Moderna, inv. 75P713</p>	
<p><b>6.</b></p>	<p><b>Tom Phillips (1937)</b>  Cézanne Fragments 1 &amp; 2  1970-71  Óleo sobre tela  127 x 62 cm  Coleção Moderna, inv. PE171</p>	
<p><b>7.</b></p>	<p><b>Júlio Pomar (1926-2018)</b>  Almada I  1970  Tinta acrílica sobre tela  163 x 130 cm  Coleção Moderna, inv. 83P771</p>	


## Proposta de obras para a parede exterior da Sala 3

### Obras

<p><b>1. Xana (n.1959)</b> Sem Título 1991/92 Madeira pintada com tinta acrílica 120 x 120 cm (obra constituída por 4 elementos separados) Coleção Moderna, inv. 93E309</p>		
<p><b>2. António Areal (1934-1978)</b> See the Conquering Hero Comes 1965 Grafite, óleo e tinta de esmalte sobre platex 274,5 x 170 cm Coleção Moderna, inv. 79P630</p>		
<p><b>3. António Areal (1934-1978)</b> Quadro Chamado o Mês de Marte 1966 Tinta de esmalte e grafite sobre platex 64,7 x 75,5 cm (com moldura) Coleção Moderna, inv. 66P284</p>		



<p>4.</p>	<p><b>António Areal (1934-1978)</b>  Sem Título  1965  Tinta de esmalte sobre platex  64,7 x 75,8 cm (com moldura)  Coleção Moderna, inv. 79P653</p>	
<p>5.</p>	<p><b>António Areal (1934-1978)</b>  Exercício sobre a Pedra  1966  Tinta de esmalte sobre platex  81,1 x 60,8 cm (com moldura)  Coleção Moderna, inv. 66P285</p>	
<p>5.</p>	<p><b>(Alternativa ao 66P285)</b>   <b>António Areal (1934-1978)</b>  Sem Título (estudo incompleto)  1965  Tinta de esmalte sobre platex  52,1 x 80,2 cm (com moldura)  Coleção Moderna, inv. 79P652</p>	
<p>6.</p>	<p><b>António Areal (1934-1978)</b>  Sem Título (ES13)  1966  Tinta de esmalte sobre platex  65,5 x 53,5 cm  Coleção Moderna, inv. 79P1087</p>	

	<p><b>7. António Areal (1934-1978)</b>  Sem Título (ES 19)  1966  Tinta de esmalte sobre platex  65,5 x 53,5 cm  Coleção Moderna, inv. 79P1088</p>	
--	--	--

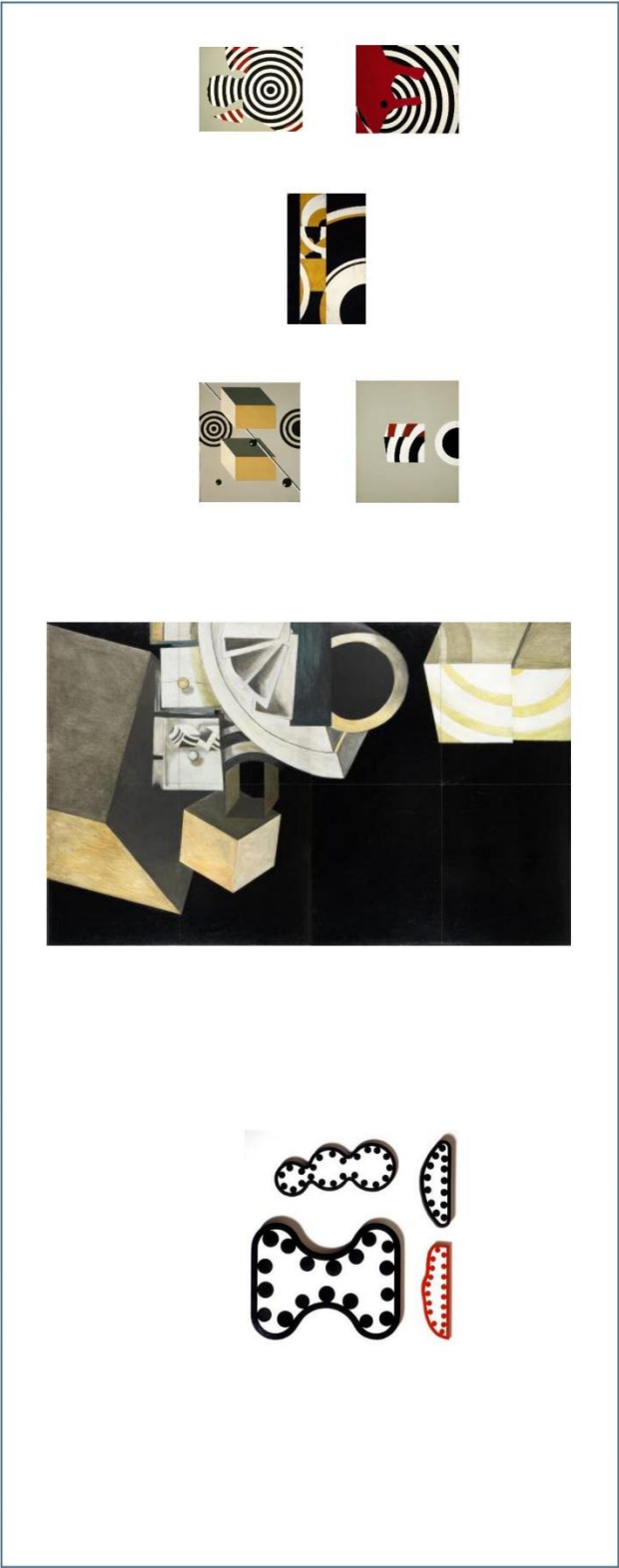
**Justificação:**

As obras propostas para a parede exterior da sala 3 tiveram o intuito de estabelecer um diálogo com as esculturas, do mesmo artista, colocadas no piso 0 e alinhadas com esta parede. Esculturas e pinturas datam do mesmo período e têm uma linguagem plástica semelhante.

A obra de Xana, apesar de ter data posterior revela ligações formais com o trabalho de António Areal.

Proposta de montagem





Proposta de Montagem parede sala 3A














## Anexo XII

### Propostas de obras para o piso inferior

#### Sala 1

1.	<b>Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)</b> Sem título (c.1910) Grafite sobre papel 26,4 x 42,4 cm Inv. 77DP368	
2.	<b>Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)</b> ÉTUDE DU NU (Desenho Nº 8 para o álbum "XX Dessins") 1912 Tinta-da-china e guache sobre papel 32,5 x 25 cm Inv. 77DP401	
3.	<b>Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)</b> Sem título (c.1910) Grafite sobre papel 33,8 x 22,7 cm Inv. 92DP1554	
4.	<b>Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)</b> Sem título (c.1910) Grafite sobre papel 33,3 x 22,5 cm Inv. 77DP369	





<p>5.</p>	<p><b>Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)</b> Sem título c.1911 Grafite sobre papel 34 x 22,7 cm Inv. 77DP352</p>	
<p>6.</p>	<p><b>Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)</b> Sem título (c.1910) Grafite sobre papel 33,5 x 26,5 cm Inv. 77DP351</p>	
<p>7.</p>	<p>Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918) <b>Sem título (Mãe e filha) Estudo para desenho do album XX DESSINS, Nº 5</b> c.1912 Grafite e lápis de cera sobre papel 33,8 x 25,5 cm Inv. 92DP1556</p>	
<p>8.</p>	<p><b>Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)</b> Sem título c.1910 Grafite sobre papel 34,1 x 26,6 cm Inv. 92DP1559</p>	
<p>9.</p>	<p><b>José de Almada Negreiros (1893-1970)</b> Sem título c.1918 Tinta estilográfica e grafite sobre papel 34,8 x 23,5 cm Inv. DP202</p>	

<p><b>10.</b></p>	<p><b>Diogo de Macedo (1889-1959)</b> Sem Título 1921 Grafite e aguarela sobre papel 32,5 x 24,4 cm Inv. DP233</p>	
<p><b>11.</b></p>	<p><b>José de Almada Negreiros (1893-1970)</b> Os sempre fixos 1926 Grafite e tinta-da-china sobre papel Coleção Moderna, inv. DP189</p>	
<p><b>12.</b></p>	<p><b>José de Almada Negreiros (1893-1970)</b> Rondel do Alentejo 1922 Tinta-da-china sobre papel Coleção Moderna, inv. DP154</p>	
<p><b>13.</b></p>	<p><b>Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)</b> Sem Título 1911 Grafite sobre papel Coleção Moderna, inv. 77DP370</p>	
<p><b>14.</b></p>	<p><b>Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)</b> Sem Título 1912 Aguarela sobre papel Coleção Moderna, inv. 92DP1546</p>	
<p><b>15.</b></p>	<p><b>Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)</b> Sem Título 1912 Aguarela sobre papel Coleção Moderna, inv. 92DP1547</p>	





**Justificação:**

Seleccção de um conjunto de desenhos de Amadeo de Souza-Cardoso, Almada Negreiros e Diogo de Macedo, com o fio condutor da temática da representação do corpo feminino.

**Sala 2: conjunto de obras de Ofélia Marques**

<p><b>1.</b></p>	<p><b>Ofélia Marques (1902-1952)</b>  Auto-retrato  Sem data  Grafite e guache sobre papel  19,7 x 13,2 cm  Coleção Moderna, inv. DP588</p>	
<p><b>2.</b></p>	<p><b>Ofélia Marques (1902-1952)</b>  Bernardo Marques  Sem data  Grafite, guache e aguarela sobre papel  19,6 x 13,1 cm  Coleção Moderna, inv. DP589  Localização: Reservas\Reserva 5\Setor A\GV234</p>	
<p><b>3.</b></p>	<p><b>Ofélia Marques (1902-1952)</b>  José Almada Negreiros  Sem data  Grafite sobre papel  19,1 x 14,8 cm  Coleção Moderna, inv. DP591  Localização: Reservas\Reserva 5\Setor A\GV234</p>	
<p><b>4.</b></p>	<p><b>Ofélia Marques (1902-1952)</b>  O poeta José Gomes Ferreira  Sem data  Grafite e guache sobre papel  19,7 x 13,2 cm  Coleção Moderna, inv. DP585  Localização: Reservas\Reserva 5\Setor A\GV234</p>	



<p>5.</p>	<p><b>Ofélia Marques (1902-1952)</b>  António Dacosta  Sem data  Grafite e guache sobre papel  19,7 x 13,1 cm  Coleção Moderna, inv. DP596  Localização: Reservas\Reserva 5\Setor A\GV234</p>	
<p>6.</p>	<p><b>Ofélia Marques (1902-1952)</b>  Sarah Affonso  Sem data  Grafite e aguarela sobre papel  19,7 x 13,1 cm  Coleção Moderna, inv. DP607  Localização: Reservas\Reserva 5\Setor A\GV233</p>	
<p>7.</p>	<p><b>Ofélia Marques (1902-1952)</b>  João Abel Manta  Sem data  Grafite, aguarela e guache sobre papel  21,1 x 13,4 cm  Coleção Moderna, inv. DP608  Localização: Reservas\Reserva 5\Setor A\GV233</p>	
<p>8.</p>	<p><b>Ofélia Marques (1902-1952)</b>  António Ferro  Sem data  Grafite, guache e tinta-da-china sobre papel  21,2 x 13,3 cm  Coleção Moderna, inv. DP618  Localização: Reservas\Reserva 5\Setor A\GV233</p>	




<p>9.</p>	<p><b>Ofélia Marques (1902-1952)</b>          Maria Keil do Amaral          Sem data          Grafite e guache sobre papel          19,6 x 13,1 cm          Coleção Moderna, inv. DP620          Localização: Reservas\Reserva 5\Setor A\GV233</p>	
<p>10.</p>	<p><b>Ofélia Marques (1902-1952)</b>          Adolfo Casais Monteiro          Sem data          Grafite e guache sobre papel          21,2 x 13,4 cm          Coleção Moderna, inv. DP603          Localização: Reservas\Reserva 5\Setor A\GV233</p>	

**Justificação:**

Do conjunto de 40 desenhos desta série, pertencentes à Coleção Moderna, segui o critério de seleccionar as personalidades mais relevantes ligadas ao mundo da cultura.

**Pesquisa de obras de artistas-mulheres pertencentes a outras colecções**

1.	<p><b>Alice Rey Colaço (1890-1979)</b>  Desenho de Amélia Rey Colaço em  "Cantares Galegos"/T. República  1918  Guache e tinta-da-china sobre papel  23,8 x 17,4 cm  Museu Nacional do Teatro, MNT 118547</p>	
2.	<p><b>Maria Adelaide Lima Cruz (1908-1985)</b>  O poeta António Ferro  Sem data  Grafite sobre papel  16 x 12 cm  MNAC, inv. 2047</p>	
3.	<p><b>Maria Adelaide (?)</b>  Homem e mulher com traje de passeio  1921  Aquarela sobre papel  27,7 x 24,2 cm  Museu Dr. Joaquim Manso, inv. 82 Pint.</p>	
4.	<p><b>Maria Adelaide (?)</b>  Senhora em pose  1921  Aquarela sobre papel  33,3 x 20,2 cm  Museu Dr. Joaquim Manso, inv. 82 Pint.</p>	
5.	<p><b>Laura Costa (1910-1992)</b>  Crianças da Nazaré  1939  Aquarela sobre papel  49,8 x 45,7 cm  Museu José Malhoa, inv. Pin 466</p>	

<p><b>6.</b></p>	<p><b>Estrela Faria (1910-1975)</b> Sem Título 1944 Aquarela sobre papel 70 x 58 cm MNAC, inv. 2307</p>	
<p><b>7.</b></p>	<p><b>Maria Adelaide Lima Cruz</b> Alegria de Viver-Feira da Luz 1930 Guache sobre papel 37,3 x 24,5 cm Museu Nacional do Teatro, MNT 67018</p>	
<p><b>8.</b></p>	<p><b>Maria Adelaide Lima Cruz</b> O Franco 1930 Aquarela sobre papel 31,5 x 24,2 cm Museu Nacional do Teatro, MNT 67016</p>	
<p><b>9.</b></p>	<p><b>Raquel Roque Gameiro</b> Branca Flôr- Lua Cheia 1934 Lápis, aquarela. e guache sobre papel 24,2 x 19,1 cm Museu Nacional do Teatro, MNT 91452</p>	

## **Anexo XIII**

### **Tabela desenvolvida elaborada para o conjunto de obras de Ofélia Marques**

#### **Conjunto de Caricaturas de Ofélia Marques**

Neste conjunto de caricaturas, presumivelmente produzido durante os anos de 1930, Ofélia Marques representa personalidades do seu tempo, imaginadas numa infância que a artista não presenciou. Os retratados pertenciam ao seu círculo próximo, muitos deles frequentadores assíduos da sua casa na Calçada dos Caetanos, outros, companheiros de tertúlias e de café. No conjunto, poderemos facilmente identificar aqueles que pertenciam à vida artística e cultural da época. Os outros, contudo, o tempo apagou-lhes o rasto, sendo difícil de lhes traçar uma biografia exata.

Nestes desenhos, destaca-se o olhar apurado da artista sobre traços da personalidade do representado, que converte em características físicas e atributos simbólicos (objetos que lhes associa) e que indiciam as profissões que estes viriam a ter, quase como se o seu destino estivesse irremediavelmente traçado desde a sua meninice. Vemos, por exemplo, o caso de Almada Negreiros, com os seus característicos grandes olhos e de folha na mão, ou de Maria Keil do Amaral com a sua pasta de desenhos debaixo do braço.

## **Anexo XIV**

### **Número de visitantes no CAM/Coleção Moderna**

<b>Ano</b>	<b>Nº de Visitantes no CAM</b>
1983	75 514
1984	144 526
1985	127 237
1986	103 015
1987	119 357
1988	99 584
1989	103 756
1990	94 085
1991	94 000
1992	63 000
1993	78 418
1994	61 147
1995	56 011
1996	59 613
1997	51 299
1998	104 837
1999	133 537
2000	165 161
2001	101 571
2002	-
2003	-
2004	75 989
2005	-
2006	-
2007	-
2008	-

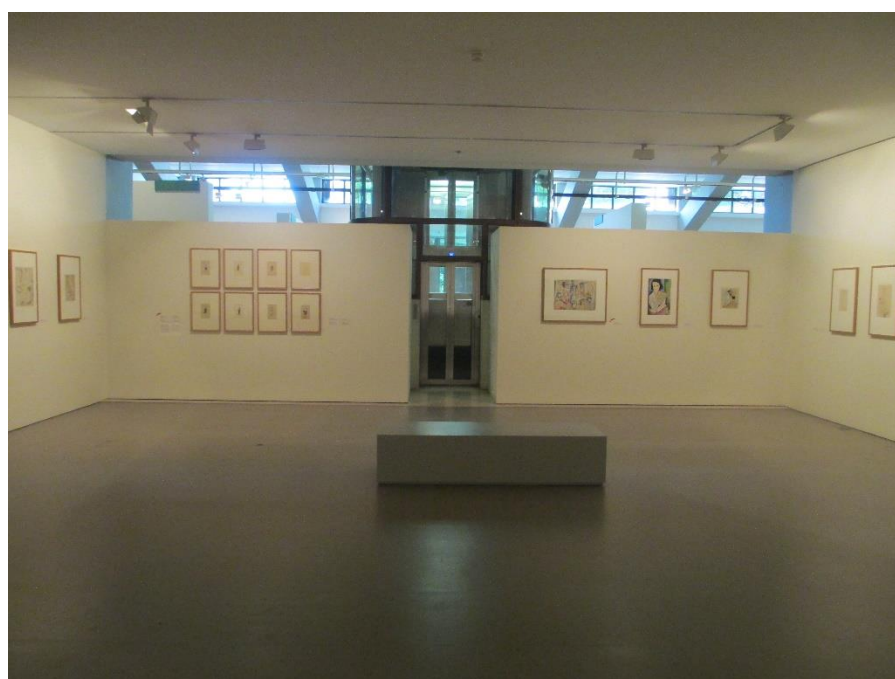
2009	-
2010	-
2011	-
2012	104 000
2013	109 000
2014	103 637
2015	107 578
2016	Total Museu: 431 339
2017	Total Museu: 449 366
2018	160 510

## Anexo XV

### Vistas da Renovação de Primavera de 2019



Vista da sala 1 do piso inferior. Fonte: do autor



Vista da sala 2 do piso inferior. Fonte: do autor

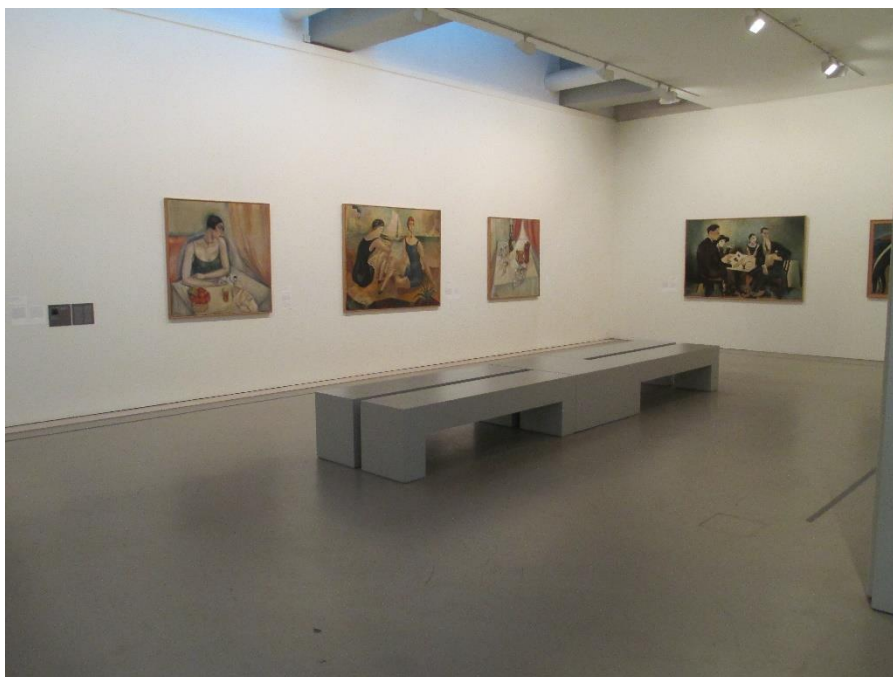




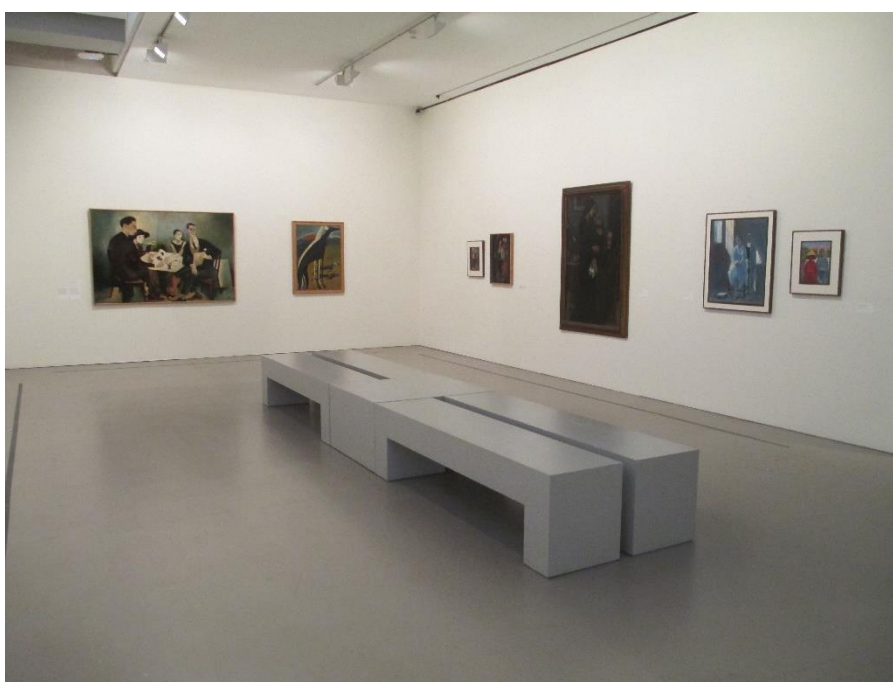
Conjunto de “caricaturas” de Ofélia Marques. Fonte: do autor



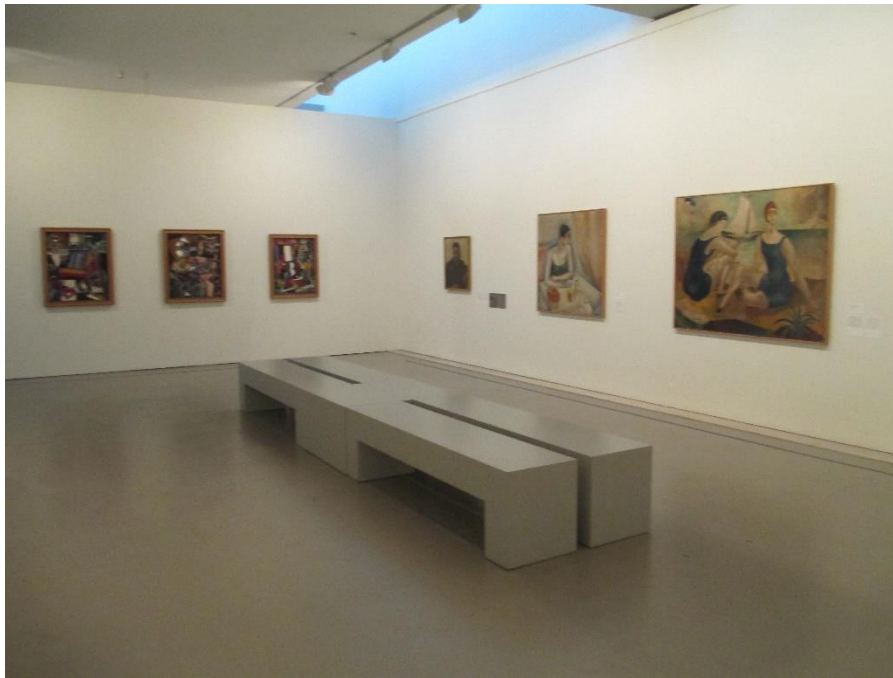
Painel da sala 1 do piso superior. Fonte: do autor



Vista da sala 1 do piso superior. Fonte: do autor



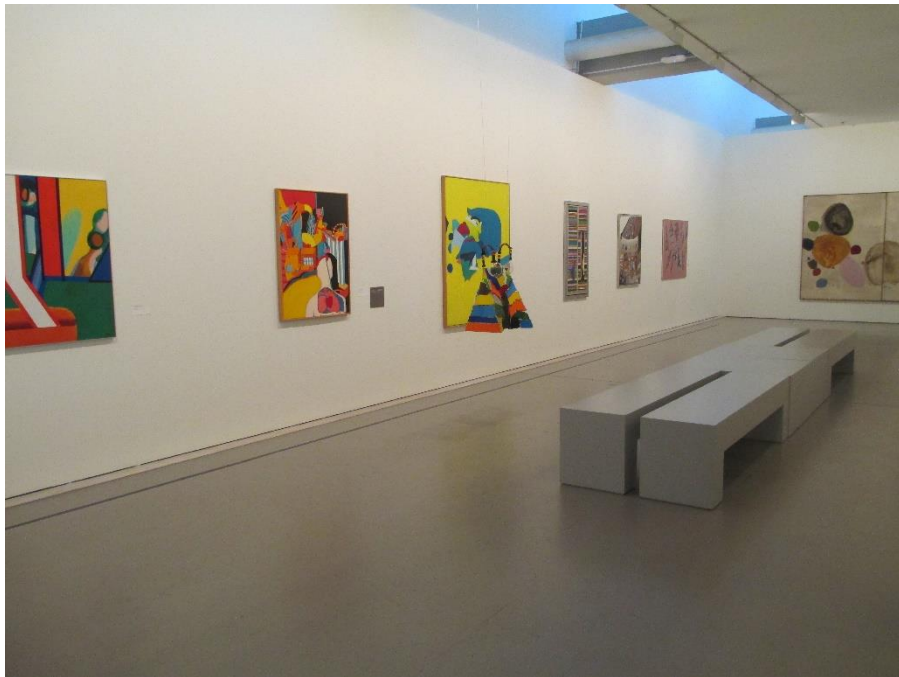
Vista da sala 1 do piso superior. Fonte: do autor



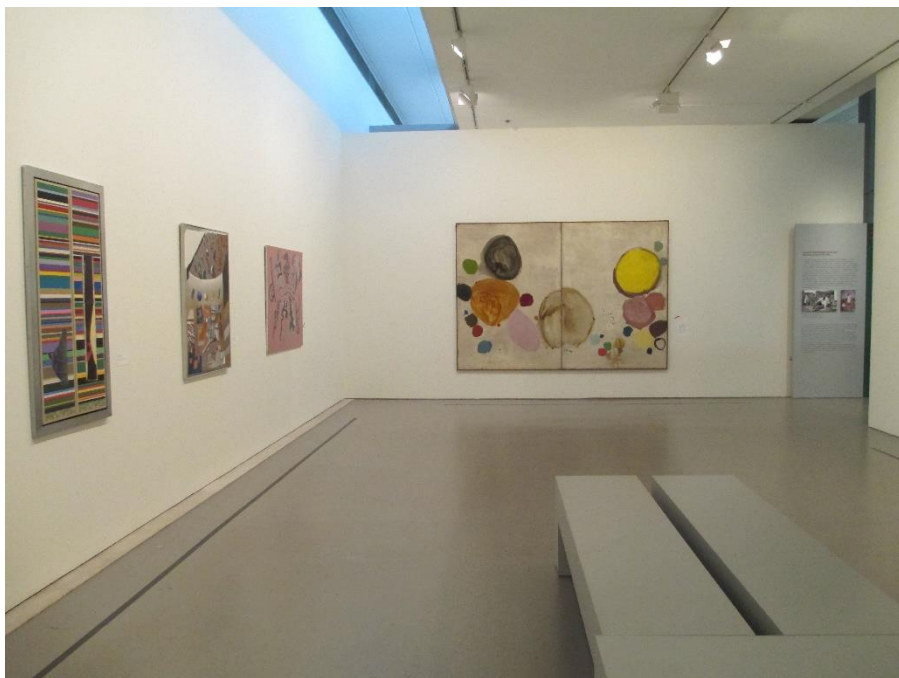
Vista da sala 1 do piso superior. Fonte: do autor







Vista da sala 3 do piso superior. Fonte: do autor



Vista da sala 3 do piso superior. Fonte: do autor



Vista da sala 3 do piso superior. Fonte: do autor



Vista da parede exterior da sala 3 do piso superior. Fonte: do autor



Painel da sala 4 do piso superior. Fonte: do autor



Vista da sala 4 do piso superior. Fonte: do autor

